



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural – PpgLDC



GILDEONE DOS SANTOS OLIVEIRA

O ENGENHOSO REINO DO SERTÃO

Feira de Santana, BA.
2012.

GILDEONE DOS SANTOS OLIVEIRA

**O ENGENHOSO REINO DO SERTÃO:
O CASO DA AVENTURA INSPIRATÓRIA DE UMA DISSERTAÇÃO
ARMORIAL OU O ENVIADO NA QUINTA EXPEDIÇÃO NOVELOSA
AO REINO DO SERTÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura e Diversidade Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Edson Alves Pereira.

Feira de Santana, BA.
2012.

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

O47e Oliveira, Gildeone dos Santos
O engenhoso reino do sertão : o caso da aventura inspiratória de uma dissertação armorial ou o enviado na quinta expedição novelosa ao reino do sertão / Gildeone dos Santos Oliveira. – Feira de Santana, 2012.

126 f.

Orientador: Rubens Edson Alves Pereira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2013.

1. Literatura brasileira. 2. Sertão - Nordeste. 3. Movimento armorial. I. Pereira, Rubens Edson Alves, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 869.0(81)-31

GILDEONE DOS SANTOS OLIVEIRA

**O ENGENHOSO REINO DO SERTÃO:
O CASO DA AVENTURA INSPIRATÓRIA DE UMA DISSERTAÇÃO
ARMORIAL OU O ENVIADO NA QUINTA EXPEDIÇÃO NOVELOSA
AO REINO DO SERTÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura e Diversidade Cultural.

Aprovada em 30 de agosto de 2012.

Prof. Doutor Rubens Edson Alves Pereira
Orientador - UEFS

Prof. Doutor Carlos Newton Júnior
UFPE

Prof. Doutor Francisco Ferreira de Lima
UEFS

À

ARIANO SUASSUNA

Manoel de Oliveira

Maria Genivalda dos Santos Oliveira

Zulmira dos Santos Oliveira (*in memorian*)

Anailta Soares de Freitas Araújo

Luciene Gomes Matos

Carolina Moraes Pereira

Ulisses Macedo Júnior

Colegas, Professores e Amigos do PpgLDC - UEFS. Irmãos, Professores, alunos e amigos do Centro de Educação Santo Antonio, Retirolândia, BA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com a amizade sincera e um caloroso abraço a todos que contribuíram direta e indiretamente para a concretização desse projeto.

À CAPES, pelo período de financiamento da Bolsa de estudos que me permitiu sair à cata das demandas de pesquisa e estudos necessários à minha formação.

À minha família; mãe, pai, irmãos e sobrinho que souberam compreender as ausências necessárias durante o período de realização do curso de Mestrado e da dissertação.

Aos colegas de turma do PpgLDC que, através dos diálogos abertos, contribuíram para a reflexão das ideias sobre a literatura, além das calorosas conversas entre um cafezinho e outro, uma aula e outra, uma vinda e uma ida. Agradeço especialmente ao meu amigo Ulisses, companheiro de conversa e viagem durante os mais de vinte e quatro meses de curso.

Aos professores do PpgLDC pela amizade e atenção, pelos atendimentos nas horas de dúvida. Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Rubens Edson Alves Pereira, orientador que, mesmo não estando diretamente presente no programa, abdicou de seu tempo para os atendimentos e orientações. Aos professores Jorge Araujo e Francisco Ferreira pelas valiosas sugestões ao meu trabalho. Cabe também um abraço especial a Dona Branca, sempre amiga, prestativa e receptiva com seu cafezinho e papos sempre alegres, como todos do PpgLDC.

Agradeço ainda à minha segunda família, todos os amigos – Professores, alunos e funcionários – do Centro de Educação Santo Antonio, CESA, que me ensinam a buscar e a crescer há exatos dez anos de convivência.

Por fim, e com maior importância, agradeço a Deus, que me alimenta espiritualmente para as caminhadas das dúvidas, da crença e da fé, das conquistas e dos sonhos.

EPÍGRAFES

“O povo lançou o grito e tocaram-se as trombetas. Ao ouvir o toque de trombeta, o povo deu um grande grito e a muralha da cidade veio abaixo. O povo entrou para a cidade, cada um do seu lugar, e tomou a cidade”.

(Narração do Livro de Josué, Capítulo 6, versículo 20).

“Não tenha medo e não se acovarde. Leve com você todos os guerreiros.”

(Javé – em palavras proferidas ao profeta Josué durante o cerco a Jericó, no sertão da Judéia – Livro de Josué Capítulo 8, versículo 1).

“Na Pedra, existem muitas coisas escondidas! Nela podemos achar um outro mundo. Um mundo onde é possível descobrir aquilo que nós somos, na verdade!”

“A vida era para os que tinham coragem! Coragem de quebrar a lei que tolhe os demais!”

(Dom Adauto – filho primeiro de Elias, escultor do Anjo a ser colocado no conjunto de lajedos da Pedra do Reino, da Peça *Os homens de barro*, de Dom Ariano Suassuna).

“Pois esta tríplice face do Sertão, que lhe descrevi, com sua Chapada diabólica, seu Purgatório de chamas e com sua Fronde paradisíaca de riachos, roçados, açudes e pomares, é a minha particular, única e régia ‘Fonte do Cavalo Castanho’: é nesse Sol que queimo meu sangue, é nesta Água que embebo meu Sol, esta é a Fonte do cavalo sertanejo que galopa no meu riso e no meu sangue, o sangue da terra de onde sai tudo o que sonho, como Visionário, Astrólogo e Profeta sertanejo que sou!”

(Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, o mesmo Dom Pedro IV, Rei do Quinto Império do Brasil, em depoimento ao Juiz Corregedor, no *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, de Dom Ariano Suassuna, 2007, p. 410).

RESUMO

Dissertação-armorial de inspiração, inquérito no qual aparece o misterioso discurso-de-investigação-acadêmica em pleno Sertão. A emboscada numa Academia Sertaneja. Novas notícias da Pedra do Reino, com seu Castelo enigmático, cheio de sentidos ocultos e as indicações das origens do Sertão na Literatura Brasileira! A Crônica das heranças envolvendo o romancista popular e o legado ibérico! A figura do cavaleiro medieval e Aventura de Dom Quixote no Brasil! A aliança entre os três Cavaleiros sertanejos José de Alencar, Euclides da Cunha e Ariano Suassuna! O Mapa do Quinto Império do Brasil. Nova Sessão a Cavalos, Caçadas, Iniciação no Lajedo, expedições heroicas de um Tímido Desambicioso em pleno Nordeste do Brasil, no Sertão seco e áspero da Bahia! Pesquisas, visagens proféticas e agoureiras! O Enviado na Quinta Expedição ao Reino do Sertão e O Roteiro da Ilumiara, romance armorial-popular brasileiro ou, a mesma Airesiana Brasileira em FÁ-Maior. A Demanda da Sagração armorial em seu Cantar de Academia! Intrigas, presepadas, contendadas e aventuras nas Caatingas da Literatura Brasileira! Enigma, ódio, amor, batalhas, cantar e meditação!

Ave Musa incandescente,
mãe do fogo da invenção!
Cante o Engenhoso Reino,
rocha-viva do Sertão.
Forje a estrada verdadeira
nessa Demanda primeira,
risco de meditação!

Nobres Damas e Senhores
ouçam meu Canto espantoso.
Nas malhas do armorial
de Quaderna, O Alumioso,
bebo a fúria sonora
da Catedral tenebrosa,
o Palco do Gênio Airoso!

Palavras-chave: Ariano Suassuna. Nordeste. Sertão. Quixotismo. Literatura.

ABSTRACT

The Armorial-dissertation of inspiration, investigates what appears to be the mysterious speech-of-an-academic-research in middle of Semi-arid region (Sertão). The ambush in a *Sertaneja* Academy. Fresh news of The Stone of the Kingdom, with its enigmatic Castle, full of hidden meanings and the indications of the origins of *Sertão* in the Brazilian Literature! The Chronicles of inheritance that involve the popular novelists and the Iberian legacy! The figure of the medieval Knight and the Adventures of Don Quixote in Brazil! The partnership among three *Sertanejos* Knights: José de Alencar, Euclýdes da Cunha e Ariano Suassuna! The Map of the Fifth Empire of Brazil. New Session on Horseback Riding, Hunt, Initiation at Lajedo, heroic expeditions of an introverted selfless in middle of the Northeast Region of Brazil, in the arid and rough *Sertão* of Bahia! Researches, prophetic and foreboding phantoms! The envoy in the Fifth Expedition to the Kingdom of Sertão and The Roadmap of Ilumiara, armorial-popular Brazilian novel or, same Brazilian *Airesiana* in F-Major. The Demand of the Armorial Consecration in its Singer of the Academy! Intrigues, follies, quarrels and adventures in the *Caatingas* of the Brazilian Literature! Enigma, hate, love, battles, singing and meditation!

Ave Musa incandescente,
mãe do fogo da invenção!
Cante o Engenhoso Reino,
rocha-viva do Sertão.
Forje a estrada verdadeira
nessa Demanda primeira,
risco de meditação!

Nobres Damas e Senhores
ouçam meu Canto espantoso.
Nas malhas do armorial
de Quaderna, O Alumioso,
bebo a fúria sonora
da Catedral tenebrosa,
o Palco do Gênio Airoso!

Key Words: Ariano Suassuna. Northeast Region of Brazil. Sertão. Quixotism. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO OU A EMBOSCADA NUMA ACADEMIA SERTANEJA	10
LIVRO I. O CANTAR INTRODUTÓRIO DO NORDESTE	17
FOLHETO I. O REINO DO NORDESTE NA LITERATURA NACIONAL	19
FOLHETO II. DO ROMANTISMO A EUCLIDES: AS VISAGENS DO SERTÃO NA LITERATURA BRASILEIRA	23
FOLHETO III. DUELO DE FIDALGOS OU OS PENSADORES DO NORDESTE	27
FOLHETO IV. O CASO DO GÊNIO ALUMIOSO	37
LIVRO II. CRÔNICA DE UM ENGENHOSO FIDALGO SERTANEJO	43
FOLHETO V. NOVA SESSÃO A CAVALO OU CRÔNICA DAS HERANÇAS	45
FOLHETO VI. A AVENTURA DE DOM QUIXOTE NO BRASIL	52
FOLHETO VII. OS TRÊS CAVALEIROS SERTANEJOS	62
FOLHETO VIII. O MAPA DO QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL	70
LIVRO III. A DEMANDA DA SAGRAÇÃO ARMORIAL	77
FOLHETO IX. A PRIMEIRA CAÇADA OU INICIAÇÃO NO LAJEDO	79
FOLHETO X. A SEGUNDA CAÇADA E A VISAGEM DO REINO DO SERTÃO	84
FOLHETO XI. A TERCEIRA CAÇADA E AS MEDITAÇÕES DO ARMORIAL	90
FOLHETO XII. O ROTEIRO DA ILUMIARA	95
AS CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A SAGRAÇÃO DA QUINTA EXPEDIÇÃO AO REINO DO SERTÃO	97
ANEXOS	99
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO OU A EMBOSCADA NUMA ACADEMIA SERTANEJA

“E é aí que eu, apesar de partir ‘da realidade rasa e cruel do mundo’, como Clemente, dou também razão a Samuel, quando diz que, na Arte, a gente tem que ajeitar um pouco a realidade que, de outra forma, não caberia bem nas métricas da poesia”. (*Romance d’A Pedra do Reino*¹, 2007, p. 54)

“Foi também esta cena inicial da ‘Demanda Novelosa do Reino do Sertão’ que terminou batendo com meus costados na Cadeia onde estou preso, à mercê do julgamento de Vossas Excelências”. (*Romance d’A Pedra do Reino*, 2007, p. 58)

Nobres senhores leitores e belas Damas leitoras de sorriso doce, Vossas Excelências não imaginam o trabalho que tive para colocar em cena todos os elementos que se anunciam nestas páginas de Dissertação-armorial, tão atenciosamente apreciadas por vossos corações generosos. Para a demanda deste inquérito de discurso-de-investigação-acadêmica, tive que colher inúmeras observações e depoimentos de nomes consagrados pela nossa Academia Brasileira das Letras, e por outros vários campos do conhecimento. Colhidos então os depoimentos, parto agora para explicar a Vossas Senhorias como se deu a minha aventura numa Academia Sertaneja, onde me envolvi num processo acadêmico para me tornar Cavaleiro do Sertão e Mestre em Literatura e Diversidade Cultural.

Para bem iniciar o meu Cantar, é preciso que saibam que o meu depoimento adota o estilo régio do grande Cavaleiro Sertanejo Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, o mesmo Dom Pedro IV, cognominado ‘O Decifrador’, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja. Esse estilo régio parte, portanto, da pena alumiosa do Fidalgo Dom Ariano Suassuna, Rei e Palhaço do Circo da Onça Malhada, criador do romance, odisseia, poema, epopeia, sátira e apocalipse que é o *Romance da Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, como tão bem nos falou a genial e nobre senhora, Dona Rachel de Queiroz (QUEIROZ, In. SUASSUNA, 2007, p. 15).

Esse “extraordinário romance-memorial-poema-folhetim”, como poetizou o nobre Carlos Drummond de Andrade (na contracapa do livro – (9ª ed. 2009)), é objeto do meu inquérito, pesquisa que, a partir de agora, em vossas presenças, passo a defender a fim de ser salvo pela Academia Sertaneja do processo no qual estou envolvido. Ainda argumentando sobre o modo como passarei a desenvolver meus estudos, devo lhes assegurar que essa minha postura tem precedentes fortíssimos, pois foi na esteira do estilo régio de Quaderna e na filosofia mediativa de José Ortega y Gasset a observar os círculos a Jericó para entender o

¹ A partir daqui o *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* será referenciado através da sigla RPR, nas citações de início de livro ou folheto.

fenômeno do quixotesco, que o Professor e Doutor Carlos Newton Júnior defendeu, na Universidade Federal de Pernambuco, a tese intitulada *Vida de Quaderna e Simão, Romance de Tese armorial, extraído dos Cadernos de Cárolus Vilanova, um discípulo de Albano Cervonegro* (2003), com a qual se sagrou Doutor. Eu, já envolvido pelo espírito solar, de alegria e arrebatamento, resolvi adotar esse mesmo método do Professor Newton Júnior para que meus estudos sobre a *Pedra do Reino* possam ser expostos a todo o povo desse Sertão mundo chamado Brasil, de maneira a mais poética possível, mesmo sendo, o estudo em questão, de caráter acadêmico. Como Vossas Senhorias já devem ter percebido, eu me meti numa confusão dos seiscentos diabos, uma verdadeira Emboscada no Lajedo que é a Academia Sertaneja.

Dentro dessa Cadeia do conhecimento, me resta agora adotar a postura de Cangaceiro das Letras, como o fez Dinis Quaderna, para poder corresponder às expectativas que em mim foram depositadas, diante da realização dessa pesquisa inspiratória e solar. É deste relato também que depende a minha sorte, por isso devo ser exato em minhas considerações e depoimentos. Antes de avançar em meu testemunho, devo explicar melhor o método que adotei na arquitetura da minha Dissertação-armorial. É bom que todos vocês, nobres leitores e Damas leitoras de peitos macios, saibam que, para estudar de modo digno essa Obra epopeica que é o *Romance d'A Pedra do Reino*, é preciso que o cabra entenda que não é só com o estilo frio, gelado, noturno e excessivamente científico que dará conta de todo o potencial literário e artístico dessa obra. Para poder atender, de maneira digna e honrosa, a empreitada de estudar e falar desse livro febril – já dizia Carlos Drummond de Andrade –, o sujeito deve transgredir certas normas que nos impõe a Academia. Não é a minha intenção desrespeitar essa Vetusta Senhora. Ao contrário, intento em contribuir, à minha maneira, para o engrandecimento desse templo do saber. Por isso, escrevo com um estilo solar, embebido de uma luz ardente que treme na vista, reluzindo o fogo sagrado que salta das pedras dos lajedos sertanejos, em cujo dorso habitaram tantas gerações de estudiosos, que muito se empenharam, e outros que, com entusiasmo não menos febril, se dedicam em estudar o Enigma que é o Sertão.

* * *

Como já percebo, pela expressão de alguns, certo sorriso irônico, como quem já encontrou as provas necessárias para que eu seja levado, e em praça pública, seja condenado, sob a alegação de transgredir as normas sagradas do academicismo, passo então, agora sim, a explicar o método que utilizarei para poder me salvar dessa emboscada. Para minha surpresa,

não posso deixar de citar, percebo também a alegria complacente de alguns amigos e colegas acadêmicos que me oferecem apoio para que eu prossiga adiante, defendendo-me dos olhares impacientes e maldosos, desses que raramente acrescentam algumas páginas de relevância acadêmica à nossa Universidade.

Expondo meu método e estudo, acredito que, em nível de Mestrado, pelo que apurei até o momento, de certa maneira contribuirei para discussões diversas em favor das pesquisas sobre o Sertão e sobre a Obra do nobre Fidalgo paraibano Ariano Suassuna. Como já havia explicado a Vossas Senhorias, foi com a obra do Professor Doutor Carlos Newton Júnior, também amigo pessoal de Dom Ariano Suassuna em seus empreendimentos armoriais, que descobri realmente o que eu já vinha matutando há algum tempo, escrever uma dissertação solar e armorial, que unisse pesquisa e estudo com inspiração e arte, pois se ocupa da Literatura como objeto de investigação. Assim, o meu método se filia ao gaviônico Método de Josué, desenvolvido e experimentado pelo nobre Newton Júnior na sua Tese-armorial, *Vida de Quaderna e Simão*. É tomando de empréstimo a palavra do poeta e Doutor Carlos Newton Júnior que começo defender minha escrita, lembrando que o Método que adoto, a partir da ideia postulada pelo Professor Newton Júnior, segue o estilo régio desenvolvido por Quaderna em sua narrativa, e consiste em uma fusão penetrálica do espírito de luz da inspiração criativa com o espírito felino da meditação intelectual. Portanto, nobres senhores leitores e belas Damas leitoras de peitos brandos, o meu Método se inspira na fusão sintética da filosofia do Penetral, desenvolvida n'*A Pedra do Reino* pelo filósofo negro-tapuia, o professor Clemente Hará de Ravasco Anvérsio, com o Tapirismo ibérico do Fidalgo dos engenhos, o professor Samuel Wandernes.

Segundo as palavras do professor Carlos Newton Júnior,

[...] se todo método nada mais é do que um instrumento capaz de levar o estudioso a algum resultado, não seria exagero dizer que, na maioria das vezes, importa mais a aplicação do método, ou o método em si, do que o produto obtido de sua aplicação. O método, assim, é algo mais do que garantia de obtenção da verdade ou condição primeira de sua existência. O método é a própria verdade – a verdade que se quer ver. (2003, p. 35)

Ora, observando esse momento de pura fusão da inspiração do “altro” com o espírito do entendimento racional que envolveu o Professor Newton Júnior, posso afirmar que o método me serve para conduzir a algum resultado, e não apenas para sua aplicação, com a finalidade de demonstrar que se é cientista e dono de algum saber. O saber deve ser acessível e possível a todos, por isso, deve se buscar constantemente formas, as mais atraentes e

aceitáveis, para a transmissão do conhecimento e do saber. Nenhum método carece ser obedecido cegamente pelos cientistas que desejam contribuir para o crescimento da sabedoria e da ciência. É por isso que, seguindo ainda as ideias de Newton Júnior (2003), busco harmonizar, na construção do método de que me sirvo, a luz do entendimento e do racional com a penumbra do sonho e da legenda, para que eu possa adentrar a noite criadora do intelecto e extrair o potencial criativo e de meditação sobre a Onça-Parda do mundo, em cujo dorso habitamos, e sobre o Reino Literário que é o romance suassuniano.

Mesmo seguindo as postulações do Método de Josué para desenvolver minha escrita gaviônica, sonhosa e felina, meu pensamento não precisa estar total e cegamente filiado às ideias do Professor Newton Júnior. O que interessa, nesse momento, é o estabelecimento do diálogo e da força da meditação intelectual e criadora, tão bem agenciada pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset, em suas *Meditações do Quixote* (1967), em favor da nossa Universidade. O Método de Josué, como Vossas senhorias já devem ter percebido, levando-se em conta a autoridade que exercem como acadêmicos e leitores que são, é de ordem “filosófica, filantrópica e litúrgica até o osso!”, como diria João Melchíades, padrinho de Quaderna.

Inspirado nas ideias da poética do Movimento Armorial, lançado por Ariano Suassuna e artistas nordestinos durante a década de 1970, e no cerco empreendido por Josué e seu povo à cidade de Jericó, o Método adentra a academia conduzindo a taça de pedra onde se encontra o fogo da cultura nordestina e sertaneja, cuja estética se baseia na valorização e fusão da arte erudita e popular. Assim, ao pensar o Método de Josué, Newton Júnior conduz o pensamento e a estética armorial para somar com o método científico nos estudos sobre a Beleza, a Arte e a Literatura.

Para contribuir ainda mais para o entendimento dos nobres leitores e das belas Damas leitoras de cabelos macios sobre essa matéria, transcrevo então as palavras do próprio Carlos Newton Júnior na argumentação sobre o seu método, apresentado à banca que o sagrou como um dos mais distintos estudiosos da obra de Ariano Suassuna.

Meu Método consistiria, justamente, em dar voltas e mais voltas ao redor do meu objeto de estudo, levando às últimas conseqüências esse assédio intelectual, pautado em amplos círculos de atenção que traça o pensamento, assédio que em tudo se assemelharia ao dos exercícios de Josué sobre a cidade de Jericó. Dentre os princípios que o alicerçariam, o mais importante seria o do jogo. [...]. O meu método, assim, nada teria de irresponsável, já que a qualidade lúdica pode ser própria das ações mais elevadas. [...]. O meu percurso seria um percurso circular, sem pressa nem urgência, pois caminha suficientemente depressa quem jamais abandona o seu caminho. Eu o faria, porém, com a mesma coragem e disposição com que o valoroso Dom Quixote adentrou na Cova de Montesinos, no coração da

Mancha, ou seja, sem pensar como voltaria, nem sequer se me seria possível voltar. (2003, p. 44-45).

Então, como Quaderna, mesmo eu tendo ideias próprias, passo a me valer dos meus Mestres e Precursores, como nos exige a Academia, quando da construção desses textos felinos e filosóficos para uma dissertação de Mestrado. Como puderam perceber, nobres amigos leitores e belas leitoras, o método desenvolvido por Newton Júnior é digno de gênio, daqueles que, realmente, trazem inscrito em seu sangue o legado de autores consagrados e indiscutíveis dos povos da Rainha do Meio-Dia, cujas ações não se desviam da disposição e curiosidade investigativas.

Com as palavras do Professor e agora também meu mestre e precursor, o Doutor Carlos Newton Júnior, posso, de maneira hábil, me defender contra as calúnias daqueles que, porventura, se demonstrem contrários ao meu método, haja vista que, como rege a nossa Academia, minha Dissertação-armorial segue, sim, um método bem articulado de escrita, que vem condignamente explicitado, antes mesmo do texto maior, que versará muitas das minhas meditações, pesquisas e estudos a respeito do *Romance d'A Pedra do Reino*, meu objeto de estudo. A circularidade e o jogo dos meus argumentos, sem a agonia despropositada, é que constituirão a minha dissertação que, como diria o Poeta Carlos Newton Júnior, será uma dissertação “diferente, ousada, insólita e profana, disforme e brutal, animada pelo fogo subterrâneo da Poesia e pelo galope embandeirado do Sonho” (2003, p. 41). Foi com esse objetivo que adotei o Método de Josué, mesmo percebendo que essa ideia pode se transformar numa verdadeira Emboscada, levando-se em consideração que estou dentro da Academia, ainda cheia de conservadorismo e disputas das mais bandeirosas, em se tratando de intelectualidade. Como meus estudos são em Literatura e Diversidade Cultural, nada podem fazer contra mim aqueles que se ofendem com minha forma de escrita, pois me utilizo das influências literárias e culturais de Ariano Suassuna e Quaderna, e das ideias acadêmicas de Carlos Newton Júnior e do Doutor Rubens Alves Pereira, ilustre nome da Academia Sertaneja e estudioso dos sertões do nordeste na literatura. O Professor Rubens, aliás, contribui com diversas orientações para as minhas pesquisas e estudos. É ele mesmo que nos afirma:

Para falar da literatura e da vida nordestinas, preciso ter em mente algumas questões básicas, linhas de força que vão dar consistência à síntese poética e ficcional, como a dinâmica entre o saber popular e o saber erudito (suas tensões, seus cruzamentos, suas mistificações). Outra grande questão dessa literatura é determinada pelo que poderíamos chamar (não sem o arripio teórico que os termos evocam) de jogo entre forma e conteúdo, ou seja, entre o enquadramento estético (que busca originalidade e força formal) e a representação de uma realidade regional que seja convincente em

seus pressupostos contextuais, sistêmicos. Enfim, o homem em seu *habitat*, a arte em seu tempo e lugar. (1997, p. 29).

Com essas palavras, retiradas do texto “É de sonho e de pó, Brasil – Nordeste travessias” (1997), o professor Rubens Alves Pereira traça bela e consciente leitura a respeito da literatura, e dos respectivos estudos que se ocupam da vida artística, cultural e social do Nordeste. Nas ideias do Professor, é na articulação entre o material popular e o material erudito que os artistas enveredam na representação do sertão que se quer fiel a todo sistema social que envolve esse espaço, articulando, assim, a forma e o conteúdo, na arquitetura de obras que sagram a vida e a arte nordestinas. Como o faz Ariano Suassuna no *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*.

Aos leitores e estudiosos dessa matéria chamada Sertão, e todos que por ora ainda me ouvem, cabe perceber o jogo no qual estamos todos envolvidos, de maneira a ler os referenciais históricos, acadêmicos e artísticos despidos de preconceitos, que antes restringem, do que abrem os horizontes de nosso conhecimento e saber. É com o intuito de contribuir para as vozes que abrem esses horizontes do saber que meu cantar é movido por uma voz arquitetada no espírito da noite criadora da meditação, que honra a dignidade da razão.

Pronto! Explicado e entendido o meu método, devo então concluir minhas considerações, reconhecendo os devidos créditos para a autoria do mesmo. Como já expliquei a Vossas Senhorias, o Método de Josué, do qual me utilizo para desenvolver minha escrita alegre e luminosa, é de autoria do Professor Carlos Newton Júnior. Teço mais essa reflexão a respeito do Método para cumprir um ritual exigido por seu preceptor. Como vocês podem comprovar nas palavras do próprio:

O Método de Josué está na rua, à disposição dos inimigos para os ataques e dos amigos para os incentivos e elogios; à disposição de todo e qualquer acadêmico que dele queira tirar proveito, em suas teses e pesquisas, bastando tão-somente, para isso, que seja indicado, de preferência em lugar de destaque, sublinhado e em caixa-alta, o nome deste modesto confrade que o criou. (2003, p. 48).

Pois bem, nobres leitores e belas leitoras, Senhores Doutores da Banca, aí está, em linhas gerais, arrumado da melhor maneira, o Método que me conduz na escrita desse discurso-de-investigação-acadêmica, que apresento como uma Dissertação que versa sobre a construção de um Engenhoso Reino Literário do Sertão. Nesse meu depoimento, Vossas Senhorias terão a oportunidade de constatar minhas investigações, como Diacevasta que sonho ser, cabendo a Vossos corações generosos a minha honra ou minha desgraça na empreitada para cantar o Nordeste e suas origens no cenário literário nacional.

Para tamanho empreendimento, minhas observações e depoimentos partem da leitura do sertão desde os textos dos viajantes europeus que aportaram em terras brasileiras, chegando até o Romantismo, onde surgem os primeiros traços da épica do romance nordestino, como afirma Ariano Suassuna, a partir da pena do Fidalgo Cearense José de Alencar, um dos maiores adversários daquele Rei Falso da Casa de Bragança, o tal Dom Pedro II. Nossas observações, é importante lembrar, nesse ponto, não avançarão em grandes mergulhos, mas serão reflexões gerais, necessárias para que Vossas Senhorias percebam toda a estrada que se percorre para que o Sertão seja tomado como um tema gaviônico, digno de gênio, o que acontece na escritura d'*Os sertões*, por Euclides da Cunha, obra realmente escrita com espinhos de mandacaru, e que está, segundo Ariano Suassuna, “no Armorial de honra da nossa Literatura” (2008, p. 138). Partindo, então, desses pilares, sobrevoaremos os manifestos de Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa, e o manifesto socialista do nordestino-paulista Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que se dedica em perceber o Nordeste como um dispositivo que se articula pela representação do nacional popular que inventa a região, combatendo ferozmente as ideias de Freyre e dos romancistas da Geração de 1930. Lendo esses documentos com o olhar de gavião, chegaremos até a obra suassuniana para perceber, primeiro, o tipo de aliança que Ariano Suassuna estabelece com a Obra freyreana; segundo, para tecer considerações sobre a leitura de Durval Muniz Jr. a respeito da escrita suassuniana.

Já envolvido no ato da meditação, deitarei esforços para cantar sobre a Crônica do Engenhoso Fidalgo Sertanejo, sua filiação às influências ibéricas e sua relação com a figura do cavaleiro medieval, O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha. A partir daqui a figura de Quaderna encabeçará nossas reflexões a respeito do Castelo Literário da *Pedra do Reino* e todo o processo sertanejo que culmina na percepção da herança do romanceiro popular nordestino e das relações e aproximações com os cantos épicos de José de Alencar e Euclides da Cunha, respectivamente *O sertanejo* e *Os sertões*. Essas obras estão presentes no interior d'*A Pedra do Reino*, como modelos de romances que encenam o Sertão, Quinto Império do Brasil, para cantar a grandeza épica que envolve e sagra o povo sertanejo e brasileiro de maneira mágica, bela e violenta, como deve constar nas grandes epopeias e nas grandes tragédias.

É na e pela leitura de toda essa poética de sagração armorial que começaremos a traçar nosso roteiro noveloso nos estudos sobre o folheto e o romance do Canto Genial da Raça Brasileira.

Escutem, pois, nobres senhores e belas Damas de peitos perfumados, todo o meu canto espantoso e cavalariano, escutem com toda a atenção que mereço! Já que sou digno da

atenção de Vossas Senhorias e de vossos corações generosos, já que terão a oportunidade de julgar todo o meu depoimento, que é, certamente, muito doido para os padrões a que estão acostumados! Assim, mais do que uma Dissertação, o que Vossas Senhorias têm em mãos é um canto, um folhetim, um almanaque armorial, por meio do qual um jovem Tímido Desambicioso entrará definitivamente na vida acadêmica e na vida literária desse Sertão que é o Brasil.

LIVRO I. O CANTAR INTRODUTÓRIO DO NORDESTE

Tudo isso me ajudava, aos poucos, a entender cada vez melhor a história da Pedra do Reino e a me orgulhar da realeza e cavalaria dos meus antepassados. Tornava também o mundo, aquele meu mundo sertanejo, áspero e pedregoso, um Reino Encantado, semelhante àquele que meus bisavós tinham instaurado e que ilustres Poetas-acadêmicos tinham incendiado de uma vez para sempre em meu sangue. (RPR, 2007, p. 100).

Daqui de cima, no pavimento superior desse auditório, dirijo-me a nossa indomável Academia. As janelas trancadas nos protegem das garras do Sol, que esbraseia nossa Cidade sertaneja, tomada pela quentura do asfalto escuro e fedorento, cheio de automóveis reluzentes em suas pinturas metálicas. Dessas paredes de pedras de concreto da nossa Universidade, o arquejo de gerações e gerações de acadêmicos parece desprender-se em ventos de ar-condicionado, num voo de seus olhares para cima de mim. Pode ser, também, a respiração dessa Fera estranha, a Terra – esta Onça-Parda –, que quer expulsar de seu dorso a Raça piolhosa dos homens, que a golpeiam com suas esporas metálicas, chupando-lhe o sangue como carrapatos. A quentura tem aumentado substancialmente, transformando o Mundo num caldeirão de fogo, onde a outra Fera, a Divindade, a Onça-Malhada dos Enigmas, parece acicatar a nossa Raça, puxando-a para o Reino do sonho e da legenda.

* * *

Daqui de cima, porém, o que proponho agora, nessa situação em que me encontro, é cantar, em minha defesa, e meditar os enigmas despejados pela obra do nosso grande escritor, apreciador do jogo do baralho, Dom Ariano Suassuna. Como aspirante a Cavaleiro do Sertão

que sou, devo esclarecer, logo de início, que esse Sertão no qual estou inserido parece o Reino mítico, cuja tríplice face, de Paraíso, Purgatório e Inferno, permanece, porém, reproduzida de uma maneira diferente. Haja vista que, o que vemos agora, é um Reino de Pedra artificial, que se ergue verticalmente nas formas geométricas de seus prédios e edifícios, representantes de um Brasil oficial grotesco e caricato, que acicuta milhões de famílias brasileiras para a miséria sem a assistência devida do Estado para com o nosso povo – um povo que eleva nosso legado cultural, apesar dos parcos investimentos do Estado em educação de qualidade e cultura, o que favorece a riqueza e a corrupção dos representantes do Estado, os burocratas da nação. Como afirmava Machado de Assis, em trecho largamente reproduzido por Ariano Suassuna, “o país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco”. (1938, p. 25).

* * *

Agora, na situação em que me encontro, envolvido num processo acadêmico, habitante de um Sertão moderno, percebo que, sob o Sol fagulhante de sempre, é preciso se debruçar sobre o Reino do Sertão encenado pela voz do narrador suassuniano Dom Pedro Dinis Quaderna, para que se reconheça logo que, todos nós, sertanejos, ainda necessitamos prestar mais atenção ao legado e manifestações culturais que se ocupam da representação do Nordeste. Aqui, traço breve panorama sobre a Literatura que se ocupou em representar o espaço do sertão, para perceber como este *lócus* passa a ser lido pelos escritores desde Pero Vaz de Caminha até desembocarmos na construção do *Romance d’A Pedra do Reino*, obra épica, que se constrói, tanto do legado da cultura clássica e erudita, quanto das influências do romanceiro popular.

Estamos agora no século XXI, no ano de 2011, passados quarenta anos do lançamento desse livro monumental. Muitas ações já foram realizadas para sanar com a seca que tanto marcou a escrita do sertão dentro da Literatura, e outras atitudes grandiosas são prometidas, a exemplo da transposição das águas do rio São Francisco, obra apalavrada desde o governo daquele Rei falso da Casa de Bragança, Dom Pedro II. Sendo a seca um traço também marcante do sertão cantado por Quaderna, outros muitos aspectos da obra suassuniana merecem ser observados, coisa que pode durar outros tantos anos de pesquisa. Hoje, porém, o que passo a narrar e a dissertar, na presença de Vossas Senhorias, conta da engenhosidade da representação do sertão dentro d’*A Pedra do Reino*, destacando as influências ibéricas e do romanceiro popular, e toda a poética de sagração do canto armorial suassuniano, que

(re)encena o Sertão a partir dos seus mestres e precursores, José de Alencar e Euclides da Cunha. Um empreendimento, a título literário, épico e verdadeiramente quixotesco, como também se declara sempre o próprio autor.

Para ser mais exato, o depoimento-acadêmico que dirijo à Nação Brasileira serve à guisa de defesa e apelo, no terrível processo em que me vejo envolvido. Para que ninguém julgue que sou um impostor vulgar, devo lembrar a Vossas Senhorias que já dei as explicações devidas a respeito do meu Método de escrita, a fim de que meus juízes percebam que sou movido pela melhor das intenções e, assim, possam observar com bastante atenção e generosidade minhas meditações, para construírem opinião a mais completa possível a respeito da minha Dissertação-armorial.

FOLHETO I. O REINO DO NORDESTE NA LITERATURA NACIONAL

Há quatro anos passados, no período dos festejos juninos, em homenagem ao aniversário dos 80 anos de vida do escritor Ariano Suassuna, a Rede Globo de Televisão exibiu a minissérie *A Pedra do Reino*. Dirigida por Luiz Fernando Carvalho, a série, mesmo não agradando ao grande público, trouxe certa projeção à obra suassuniana. Era um momento sagratório para o escritor paraibano, que recebeu muitas homenagens pela passagem do seu octogésimo ano de vida. Nesse mesmo período eu tinha resolvido conhecer a fundo o *Romance d'A Pedra do Reino*, obra que há muito já constava na minha lista de leituras necessárias enquanto leitor, estudioso e pesquisador da Literatura. A leitura acontecia e em meu sangue se acendia o desejo de mergulhar a fundo naquele Reino ensolarado e alegre diante de mim.

Se Vossas Excelências leram o romance de Quaderna lembram que ele já havia falado sobre *O Caso da Estranha Cavalgada* que também acontecera num mês de Junho, na véspera de Pentecostes, no ano de 1935, fato que se repetiu de outro modo com o Cárolus Vilanova, naquele *Romance de Tese Armorial*, do professor Carlos Newton Júnior. Todos esses fatos, anteriormente referidos, as homenagens a Ariano Suassuna, com a transposição d'*A Pedra do Reino* para a televisão e as duas estranhas cavalgadas, a de Quaderna e a de Cárolus Vilanova, envolveram meu sangue e dispararam minhas meditações sobre o Castelo literário suassuniano.

Foi então que percebi que o *locus* de que se ocupava a obra é um verdadeiro universo, um mundo cultural e social permeado de histórias, lendas e manifestações eruditas e populares que o romancista paraibano buscou fundir para construir seu ideal de Quinto Império. Nessa empresa, o narrador suassuniano resolve iniciar seu cantar pelas origens da própria Literatura Brasileira, invocando Pero Vaz de Caminha e se dirigindo a todo o povo e aos acadêmicos brasileiros, com as mesmas palavras que reproduzo aqui, para fins de comprovação do meu depoimento:

[...] dirijo-me a todos os Brasileiros, sem exceção; mas especialmente, através do Supremo Tribunal, aos magistrados e soldados – toda essa raça ilustre que tem o poder de julgar e prender os outros. Dirijo-me, outrossim, aos escritores brasileiros, principalmente aos que sejam Poetas-escrivães e Acadêmicos-fidalgos, como eu e Pero Vaz de Caminha, o que faço aqui, expressamente, por intermédio da Academia Brasileira, esse Supremo Tribunal das Letras. (SUASSUNA, 2007, p. 34).

Dirigindo sua narrativa a todos os brasileiros e invocando a figura de Pero Vaz de Caminha, autor da famosa *Carta*, considerada o documento oficial de nascimento da Literatura no Brasil, o narrador mergulha, através de sua obra, nas origens das Letras brasileiras, em busca de clemência e Justiça, apresentando o Sertão como o espaço onde se ergue a nação. Como os nobres leitores e leitoras poderão observar no panorama de que nos ocupamos em traçar a partir de agora.

* * *

É sabido que muitos estudiosos e autores já renderam esforços ao entendimento do termo Sertão, porém, a dificuldade de uma conceituação fechada para a palavra é latente. Exemplificando os caminhos de investigação do vocábulo, a nobre estudiosa Jerusa Pires Ferreira, no texto *Um longe perto: os segredos do sertão da terra* (2004), enumera as possibilidades de definição do termo. Em suas observações, a autora conclui que:

Pode-se acompanhar a transformação social de um vocábulo, seu crescimento expressivo em função de condições de várias espécies, literárias ou extraliterárias, sociais, políticas etc. O que se afirma, sem medo de equívocos, é que, no Brasil, este vocábulo desenvolveu significação de oposição a litoral e, em condições brasileiras, sertão estaria sempre no interior. No Nordeste, em circunstâncias que se conhece dirigiu-se a significação para a preexistente conotação de aridez, documentada em parte nos textos antigos. (FERREIRA, 2004, p. 35).

A conclusão a que chega Dona Jerusa Pires Ferreira deixa claro que, no Brasil, se compreende o sertão como o espaço afastado do litoral que preserva traços opositivos latentes em relação aos espaços urbanos da costa. Para chegar a essa conclusão, a autora traça um panorama dos estudos que buscaram definir o vocábulo sertão, seja através da ciência da etimologia, seja pela delimitação semântica e sociológica, bem como pela contribuição da literatura para explicar o termo. O fato é que o termo sertão já era pronunciado em terras brasileiras desde a *Carta de Caminha* como um espaço afastado da costa, onde se poderia desbravar a terra recém-achada, dotada de uma natureza imensa. Como enunciam as palavras do escrivão da frota de Dom Pedro Álvares Cabral, na Carta a El-Rei Dom Manuel:

Alguns diziam que viram rolas; eu não as vi. Mas, segundo os arvoredos são mui muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por **esse sertão** haja muitas aves!. [...] Pelo **sertão** nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa [grifo nosso]. (p. 10-14).

Além do texto do escrivão Pero Vaz de Caminha, documentos dos chamados viajantes, a exemplo de Fernão Cardim, Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Souza, dentre outros, fazem emergir o termo sertão, às vezes, com significações distintas, e referindo-se a um espaço inóspito, habitado por índios perigosos. Como narram as palavras de Gândavo: “Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode pelo **sertão** dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não ache povoações de índios armados contra todas as nações humanas” [grifo nosso]. ([s. d], p. 12). Na perspectiva de Fernão Cardim e Gabriel Soares de Souza, respectivamente, o sertão é um espaço que se afasta relativamente da costa, sendo percebido através do retrato da sua rica natureza, destacando-se a flora, a fauna e os grupos humanos que habitavam aquele espaço.

Nhandugoacú. — Nesta terra ha muitas Emas, mas não andão senão pelo sertão dentro. (CARDIM, 1925, p. 56).

Esta árvore se dá em os campos e sertão da Bahia em lugares aonde não há água; he muito grande e larga, nos ramos tem huns buracos de comprimento de hum braço que estão cheios de água que não tresborda nem no inverno, nem no verão, nem se sabe donde vem esta água, [...], e acontece chegarem 100 almas ao pé della, e todos ficão agasalhados, bebem, e lavão tudo o que querem, e nunca falta água; he muito gostosa, e clara, e grande remédio para os que vão ao sertão quando não achão outra. (CARDIM, 1925, p. 67).

Pelo sertão deste rio há muito pau-brasil, com pouco trabalho todo pode vir ao mar, para se poder carregar para estes reinos. (SOUZA, [s.d], p. 68).

Toda esta terra até o rio de Joanne, três léguas do mar para o sertão, está povoada de currais de vacas de pessoas diversas. (SOUZA, [s.d], p. 71).

Em seus relatos os viajantes debruçaram seus olhares sobre as riquezas e belezas naturais que a Nova Terra apresentava aos estrangeiros. Fernão Cardim, como Vossas Senhorias puderam constatar, nas palavras acima destacadas, cita uma árvore do sertão da Bahia que dá água e que serve como “grande remédio” para aqueles que se aventuravam nas paragens sertanejas da época. Nas palavras dos viajantes fica evidente que eles possuíam um conceito pronto a respeito do que seria o Sertão, e, de certa maneira, contribuíram “[...] para as primeiras construções descritivas sobre as novas terras e, de um modo geral, mais sobre as terras que levariam o nome de região Nordeste no século XX”, como nos afirma Sebastião de Oliveira, em seu estudo sobre a construção simbólica dos Sertões na ficção de Ariano Suassuna. (2010, p. 21).

Aos primeiros relatos dos viajantes, nobres senhores leitores e belas Damas leitoras, cujos “seios são cachos de uva”², juntamos o estudo sumário de Dona Jerusa Pires, para que Vossas Excelências, dotados de inteligência e esperteza como são, percebam que o empreendimento nos estudos sobre o Sertão implica uma Aventura das mais complexas. Aqui, em meu discurso-acadêmico, as primeiras incursões me servem para demonstrar a todos o caminho por onde navegam as páginas do *Romance d’A Pedra do Reino*, haja vista, em certos momentos, o seu narrador citar escritores que empreenderam suas demandas para descrever muitos aspectos que dizem respeito ao desbravamento das Novas Terras. Desses escritores, Dom Pedro Dinis Quaderna se serve para arquitetar seu depoimento em favor de legitimar as palavras professadas a respeito de todo o contexto histórico, literário e mitológico que envolve o Nordeste, o Sertão e o Brasil.

Na construção do meu discurso-acadêmico, a reminiscência dos textos acima referidos, acontece para que possa provar que a lembrança do Sertão na historiografia literária brasileira se inicia no mesmo momento em que os portugueses começam a falar e escrever sobre a terra achada – figurando, portanto, o Sertão, como um tema solar e lunar, digno de Gênio –, que pode, deveras, elevar o narrador *d’A Pedra do Reino* à categoria de Gênio Máximo das Letras Brasileiras. Esse acontecimento se confirmará quando ele erguer seu Castelo inspirado na engenhosidade legada pelos grandes clássicos da Literatura Ocidental e do Romancero Popular, pois é “de folheto em romance e de romance em folheto” que Quaderna escreverá “uma espécie de Sertaneida, Nordestíada ou Brasiléia”, para ser coroado

² As citações de elogio às nobres Damas são reproduções de trechos do livro *Cântico dos Cânticos – O mistério do amor*, livro do Antigo Testamento da Bíblia (1990).

Rei da Távola Redonda da Literatura do Brasil. (SUASSUNA, 2007, p. 241). Aqui, seria possível a sagração do narrador Fidalgo-Cronista e, conseqüentemente, do nobre criador/escritor Ariano Suassuna no fogo ardente da Literatura.

Concluída, então, a primeira parte do meu cantar introdutório, suportadas estas primeiras linhas de discurso-acadêmico e de meditação sonora, convoco Vossas Senhorias que se dignem percorrer as linhas que se desençam na frente de suas vistas, para que possamos melhor discutir o engenhoso Reino do Sertão. Um Reino criado, descrito e poetizado por Ariano Suassuna e pela pena gaviônica que ele molha no sangue dos Reis antepassados da Pedra do Reino da Literatura Brasileira.

FOLHETO II. DO ROMANTISMO A EUCLYDES: AS VISAGENS DO SERTÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

Como eu vinha dizendo, e meditando diante de Vossos corações generosos e compassivos, ao se falar do Sertão, é preciso também que eu me reporte aos legados do século XIX, período que fertilizou o terreno da Literatura Brasileira decisivamente e também contribuiu para a formação da alma engenhosa que elabora o *Romance d'A Pedra do Reino*.

Como os nobres leitores e as belas Damas leitoras estão cansados de saber, é no século XIX, segundo o astuto e consagrado estudioso Antonio Candido, que se configura e se consolida o nosso sistema literário. Nesse período, temos as tentativas de renovação do chamado Arcadismo, as fraturas e prolongamentos do Romantismo e as tendências renovadoras que deságuam mais adiante no chamado Modernismo (1999, p. 14-15). Os nobres leitores devem se lembrar, inclusive, que o Modernismo paulista fora revidado no Nordeste por dois dos nossos grandes pensadores e escritores: José Lins do Rego e Gilberto Freyre. Mas deixemos esses duelos acadêmicos para depois. Eles até que se parecem um pouco com o bonito e heroico ordálio-brasileiro que foi travado pelos professores de Política e Literatura de Quaderna; Samuel e Clemente.

Nos estudos sobre o sertão, é no século XIX que percebemos textos engajados em projetos de representação dum espaço social tão importante para o Brasil. São representantes desse período escritores que, envolvidos por um sentimento saudosista, típico do Romantismo, escrevem o sertão a partir dos elementos pitorescos e folclóricos da tradição

(COUTINHO, 1986)³. Os nomes que ganham relevo nesse momento são: Bernardo Guimarães (1825-1884), com as obras *O ermitão de Muquém*, *A escrava Isaura* e *O garimpeiro*; Alfredo D'Escragnoille Taunay (o Visconde de Taunay – 1843-1899) com *Inocência*; além de Franklin Távora (1842-1888) – o “paladino do regionalismo”, segundo Candido (1999, p. 49) –, cearense de Baturité, que ganha destaque com *O cabeleira*, romance no qual se narra a vida de José Gomes, o Cabeleira, bandoleiro célebre, precursor de Lampião. Em Távora,

[...] a tônica regional era vista na perspectiva da história, como se ele desejasse manifestar a dimensão completa da sua região. Távora achava que esta havia produzido uma literatura independente da do Sul, e que no Brasil se deveria reconhecer esta dualidade, certamente com o intuito de evitar a absorção das atividades culturais das regiões pela predominância cada vez mais definida do Rio de Janeiro. (CANDIDO, 1999, p. 49).

É uma obra, portanto, imbuída de uma visão localista. Mas a corrente regionalista, da qual Franklin Távora foi grande representante, afirmando-se como um dos maiores precursores do romance nordestino, não se fecha apenas nos discursos entre centralismo e localismo. Para Candido, o regionalismo que entra em cena no Romantismo brasileiro apresenta duas faces, a primeira escrita na prática das descrições dos lugares remotos do interior do país, com costumes contrapostos aos das áreas urbanas, enquanto, numa outra perspectiva, existiu a vantagem de se revelar extensivamente o país. (1999, p. 41)

Do grupo de escritores românticos que produziram literatura no Brasil no século XIX, pelo visto, todos concordam que nesse momento o grande nome da ficção brasileira é José de Alencar, autor que “assegura à nossa novelística o primeiro grande vôo literário” (MERQUIOR, 1996). Alencar é um dos grandes mestres e precursores de Ariano Suassuna, que considera o romance *O sertanejo* marco inicial do romance nordestino que tem seu ponto alto em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, “epopéia guerreira que deu dimensão de gênio ao romance sertanejo”. (SUASSUNA, 2008, 144-145).

O escritor cearense, José de Alencar, se destacaria na literatura brasileira com as obras *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, ambientados no sentimento indianista que marca o Romantismo brasileiro, enquanto que com *Senhora*, *Diva* e *Lucíola*, entre outros romances, o autor pinta o retrato da capital do país, o Rio de Janeiro, e os costumes da burguesia ascendente no século XIX. O bardo cearense ganha para sempre a admiração de Ariano Suassuna e do narrador *d'A Pedra do Reino*, Quaderna, também por causa dos romances

³ Ver também Márcia Edlene Mauriz Viana “O regionalismo romântico e naturalista na prosa de ficção: importância para a história da literatura brasileira” [s.d].

cavalarianos e bandeirosos que são *As Minas de Prata* e *O sertanejo*. O romancista de Macejana é celebrado ainda pelo genial escritor Machado de Assis, que não escreveu sobre o Sertão, mas alcançou a genialidade nas páginas da literatura ao mergulhar sua pena no mais profundo da alma humana, perscrutando a fundo a inoperância de um sistema social e político brasileiro que resultaria da falta de compromissos do Brasil oficial para com o Brasil real. O autor de *Dom Casmurro* se dedicou tanto à poesia, quanto ao conto, ao romance, à crítica, ao teatro e até às traduções, transformando-se num dos mais altos expoentes da Literatura Brasileira e mundial, o que também inspira o espírito de Gênio de Dom Dinis Quaderna.

Na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da estátua de José de Alencar, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Machado de Assis celebra o autor de *Iracema* ao afirmar que “O espírito de Alencar percorreu as diversas partes de nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a mata e o pampa, fixando-as em suas páginas, compondo assim, com as diferenças da vida, das zonas e dos tempos, a unidade nacional da sua obra” (1994, p. 1-2). Ainda segundo Machado, “nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira”, pois Alencar soube como poucos, aliar seu talento descritivo com sua imaginação, que “sobrepunha o espírito de análise” (1994, p. 2). O espírito imaginativo e descritivo, além de diversos outros aspectos ressaltados por Machado de Assis, torna José de Alencar autor de uma obra consagrada na historiografia literária brasileira, transformando-se no “arquiteto do primeiro grande projeto conciliador da nação”, segundo a nobre Dama Elvya Shirley Ribeiro Pereira. (2000, p. 25).

É com esse adjetivo cavalariano e bandeiroso que o autor de *O guarani* figura como marco do romance romântico, ganhando destaque também na corrente regionalista graças à publicação de obras como *Til* e *O sertanejo*, este último um romance celebrado pelo Cronista-Fidalgo Dom Pedro Dinis Quaderna como um dos precursores de seu estilo imaginativo e cavaleiresco, conforme iremos perceber mais a frente.

Antes de Euclides da Cunha entrar em cena, em 1902, com a publicação de *Os sertões*, outras narrativas e escritores se destacaram e merecem a atenção do leitor, a exemplo de Domingos Olímpio, contando a história de uma nobre Dama guerreira e sertaneja em *Luzia-Homem*, enquanto Oliveira Paiva aparece com *Dona Guidinha do poço*, escrito por volta de 1891, mas com a primeira publicação datada apenas de 1951.

Agora, é preciso que eu fale ao nobre leitor e a bela Dama leitora que nos emprestam seus ouvidos atenciosos, de outro grande nome da épica nordestina e sertaneja, autor de uma obra que deu dimensão de gênio ao Sertão, como afirma Ariano Suassuna (2008, p. 144). Trata-se, portanto, de Euclides da Cunha, autor de *Os sertões*, obra também enigmática,

banhada a sangue e escrita com espinhos de mandacarus, na qual se conta a história da Guerra de Canudos e de “Dom Antonio Conselheiro, profeta e regente do Império do Belo-Monte de Canudos”.

É nos anos finais do século XIX e início do século XX que Euclides da Cunha produz sua obra, alcançando a consagração com a publicação de seu épico, que narra os acontecimentos da Guerra de Canudos, além de se debruçar magistralmente sobre a Terra – paisagem natural –, e o Homem, percebendo o papel da paisagem natural sobre a vida do homem sertanejo, bem como a contribuição da “civilização do couro” para a nação. Mas é válido lembrar que Euclides só reconhece a força do sertanejo, tomando o partido do povo do sertão, quando presencia as atrocidades cometidas pela República, representada na figura das tropas militares.

A presença de Euclides da Cunha no *Romance d’A Pedra do Reino* e na obra de Ariano Suassuna vem de berço. O próprio escritor paraibano afirmou em seu “Discurso de Posse na Academia Paraibana de Letras” que “Euclides da Cunha era o escritor brasileiro que meu Pai mais admirava, prestando-lhe um culto que, na medida de minhas forças, tenho procurado continuar”. (2008, p. 282). No romance, o Cronista-Fidalgo, Rapsodo-Acadêmico e Poeta-Escrivão Quaderna, cognominado O Decifrador, perpetuando a voz do gênio, nasce exatamente no dia 16 de junho de 1897, e 16 de junho é o dia do nascimento do escritor Ariano Suassuna. O ano – 1897 – é o ano em que se encerra a Guerra de Canudos, acontecimento que inspira a produção de *Os sertões*, considerado por Suassuna uma obra épica e basilar. São claras as relações que o texto suassuniano estabelece com José de Alencar e com Euclides da Cunha, o que acontece em favor da construção de uma obra que também se quer basilar e epopeica, um Canto dos Sertões. As relações que fazem *A Pedra do Reino* se tocar com *O sertanejo* e *Os sertões* são muitas, e serão demonstradas neste meu discurso-acadêmico, no decorrer de minha meditação armorial.

Os dois autores, José de Alencar e Euclides da Cunha, apresentam a terra sobre a qual o narrador suassuniano armará a tenda do circo da Onça Malhada, para poder cantar a nação. O primeiro apresenta, em *O sertanejo*, o Sertão como uma “imensa campina, que se dilata por horizontes infindos”, terra sobre a qual “a civilização que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações”. (ALENCAR, 2007, p. 11). Já o segundo lê a terra com olhos de um cientista que não deixa de

se utilizar da legenda e da inspiração para complementar seu discurso. Para Euclides, o sertão “está sobre um soco do maciço continental, ao norte” (2003, p. 16), é uma terra ignota⁴,

O sertão de Canudos é um índice sumariando a fisiografia dos sertões do norte. Resume-os, enfeixa os seus aspectos predominantes numa escala reduzida.[...], faz que para ele convirjam as lindes interiores de seis Estados – Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí que o tocam ou demoram distantes poucas léguas. (CUNHA, 2003, p. 32).

Observando as palavras de Euclides da Cunha, percebemos o quanto o sertão é por ele apresentado semelhante ao que formaria depois o Reino do Sete-Estrela do Escorpião, o Reino Literário de Quaderna no *Romance d’A Pedra do Reino*, “integrado astrologicamente por sete Reinos⁵: o dos Cariris Velhos, o de Espinhara, o do Seridó, o do Pajeú, o de Canudos, o dos Cariris Novos e o do Sertão de Ipanema”. (SUASSUNA, 2007, p. 115). Por fim, basta que eu reproduza as palavras com as quais Euclides da Cunha começa a ser envolvido pelo sonho da criação, dizendo que: “e o sertão é um paraíso...” (2003, p. 40), para que eu justifique todo o apreço dispensado por Ariano Suassuna a Euclides da Cunha. É válido ressaltar que na frase “e o sertão é o paraíso...”, Euclides nos lega as reticências, para que possamos ampliar o universo de compreensão sobre esse espaço representado por tantos nomes durante a historiografia literária.

A esses nomes se agregam novos filiados no século XX, como os advindos do romance de 1930, um grupo de intelectuais que defendiam arduamente o regionalismo nordestino. Sobre esse contexto, dispensarei à frente mais algumas observações para encaminhar o meu depoimento no jogo circular da meditação.

FOLHETO III. DUELO DE FIDALGOS OU OS PENSADORES DO NORDESTE

Vossas Excelências devem imaginar o perigo que estou correndo ao mergulhar num assunto ao mesmo tempo tão simples e tão terrível, que desperta discussões e considerações lamuriasas de muitos críticos literários. Mas, como no fundo, no fundo, meu projeto de

⁴ Lembramos do livro de Luiz Costa Lima, *Terra ignota: a construção de Os sertões*, que avança na leitura da recepção de *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

⁵ Na 9ª edição do romance (José Olympio, 2007) acontece um erro de edição em certos trechos com a palavra “Reinos”, trocada por “Remos”, aqui escolhemos por manter a palavra em seu sentido correto “Reinos”, como aparece na 1ª edição (José Olympio, 1971), para não desvirtuar o texto do autor.

dissertação é um sonho à altura da estirpe dos Quaderna, não tremerei as pernas agora, até porque, quando engulo algumas pequenas lapadas do Vinho sagrado da Pedra do Reino, do qual possuo uma fórmula, mesmo que incompleta, entro também na estrada do Sonho e da Legenda. É esse caminho que pretendo seguir na escrita das minhas meditações, sendo fiel ao audacíssimo Professor Carlos Newton Júnior, que ressuscitou, no gosto doce e amargo de sua Tese sertaneja, a alegria artificiosa necessária para se descobrir segredos de vital importância para a Cultura Brasileira, como já nos dizia o próprio Quaderna, em diálogo sonoro e profético com Dom Carlos. (2003, p. 309-310).

Como o assunto do regionalismo arrepia muitos fios de cabelos dentro da nossa venerável Academia Sertaneja, espero que a fórmula incompleta do Vinho da Pedra do Reino possa inspirar ainda mais o meu depoimento acadêmico. Assim, foi cheio de contentamento no coração que eu, lendo um texto do meticuloso escritor sergipano Francisco J. C. Dantas, que escreve o sertão com o lápis feito de espinhos de mandacaru, encontrei uma passagem profética que diz respeito ao regionalismo contemporâneo, mas também nos serve para dizer sobre o conceito de regionalismo como um todo. Segundo Dantas, em artigo no qual reflete sobre o *regionalismo literário*, o escritor tem de mergulhar na sua identidade, no seu contexto antropológico e literário para poder retirar dessa fonte a sua literatura.

Pois bem, arremato insistindo neste ponto: a saída para o *regionalismo* contemporâneo tem essas duas facetas: em primeiro lugar, o escritor tem de mergulhar no próprio chão, comungar da sua identidade, escutar as vozes da tradição, penetrar no seu substrato, sem o que redundará numa literatura anódina e indiferenciada; e aclimatando-os a suas necessidades. Aliás, esta é a condição imprescindível para toda literatura de boa qualidade, o que vem provar quanto é inócua, neste mundo sem fronteiras, a distinção entre literatura *regionalista* / literatura urbana. (2000, p. 9).

Nas palavras do autor, percebemos que ele não aceita o rótulo de *regionalista* para uma obra que se constrói inserida dentro de uma cultura centrada na linguagem e costumes de um povo, num lugar, suas tradições, enfim. As rotulações, segundo Francisco Dantas, contribuem de maneira negativa para a Literatura, haja vista que o potencial do texto literário está na capacidade que possui enquanto produção estética que encena um universo de arranjos infinitos, de que fala Barthes. (BARTHES *apud* Dantas, 2000, p. 6). Assim, “Não é o ambiente geográfico que gera a universalidade em literatura, a sua força e durabilidade. Mas, sim, a excelência da interpretação, operada com tal expressividade que gera o convencimento, a beleza, a empatia, o deleite, a ilusão de encantadora sabedoria”. (DANTAS, 2000, p. 7).

Observadas as coisas sob o ângulo de Dantas, a obra suassuniana está inserida nessa corrente de pensamento, pois se trata de um texto que mergulha no seu chão, na tradição e, com uma força inventiva da moléstia, encena um universo de arranjos infinitos para representar o Sertão. Com isso, não estou afirmando que Ariano Suassuna é um escritor regionalista, como se passou a caracterizar aqueles que se ocupam em conceber o sertão nordestino na Literatura Brasileira no século XX. O autor possui, sim, certas filiações a esta corrente, mas extrapola as características de grupos como, por exemplo, o dos intelectuais liderados por Gilberto Freyre no Recife de 1920, ou pelos romancistas de 30, autores do “[...] chamado ‘romance nordestino’, geralmente orientado por um realismo de corte naturalista e ancorado nos aspectos regionais”, segundo Antonio Candido (1999, p. 83). O estudioso ainda acrescenta que o romance de 1930, em certa medida, faz uma retomada do regionalismo do século XIX, “mas sem pitoresco e com perspectiva diferente, pois o homem pobre do campo e da cidade apareciam, não como objeto, mas, finalmente, como sujeito, na plenitude da sua humanidade”. (1999, p. 83).

Dentro do grupo de escritores do chamado “romance nordestino” estão os nomes de José Américo de Almeida, com a publicação de *A bagaceira* (1928), considerado marco inicial do “romance nordestino”; Rachel de Queiroz, com as obras *O Quinze* (1930) e o *Memorial de Maria Moura* (1992), dentre outras; José Lins do Rego, com obras como *Menino de engenho* (1932), *Pedra Bonita* (1938), *Cangaceiros* (1953) e, dentre outras, a sua obra-prima, *Fogo Morto* (1943). Dentro desse grupo também se encontra Jorge Amado, escritor baiano que levou a cultura alegre e sensual do Reino Negro da Bahia para o mundo, com obras como *Jubiabá* (1935), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Tenda dos Milagres* (1969), filiando-se às características dos escritores citados acima com livros como *Seara vermelha* (1946) e *Terras do sem fim* (1943). Outro nome, que sempre ganha elogiosos comentários da crítica, é o de Graciliano Ramos, segundo Candido, “o mais eminente dos ‘nordestinos’ e um dos maiores escritores da literatura brasileira”, que teria *Vidas Secas* (1938) como o romance que o filia ao grupo dos regionalistas. (1999, p. 84).

Ora, nobre senhores leitores e belas Damas de peitos que “são dois filhotes, filhos gêmeos de gazela, pastando entre açucenas”, se vocês ainda estão se perguntando o porquê eu trago o nome desses autores para o meu depoimento, devo lhes dizer que eles têm uma relação direta com a obra de Ariano Suassuna, com menos importância e, talvez, nenhuma influência de Graciliano Ramos e Jorge Amado, a quem cito aqui em obediência ao meu sentimento de baianidade, que também faz queimar meu sangue sertanejo. Mas, afianço que Dom Ariano Suassuna nos afirmou através de entrevista que admira muito a obra de Jorge Amado, de

quem foi amigo. Aliás, devo lembrar a Vossas Excelências que Ariano Suassuna também é baiano, já que ganhou o título de cidadão baiano em 2007, e foi agraciado com o prêmio Jorge Amado de Literatura. Quem já leu *A Pedra do Reino* com a astúcia necessária sabe que a presença da poesia de Castro Alves também encontra eco nas palavras de Quaderna. Quando perguntei a Ariano Suassuna qual era a sua relação com a Bahia, ele me respondeu com as seguintes palavras:

– Muito boa, inclusive eu gosto de dois romances de Jorge Amado, gosto muito de “Os Velhos Marinheiros”, acho o personagem Vasco Moscoso do Aragão um personagem extraordinário, um personagem meio picaresco, e “Terras do Sem Fim”. Ele tem inclusive um personagem que me agrada muito, o capitão João Magalhães. Eu gosto muito dessas duas obras de Jorge Amado. (*Entrevista com o autor*, março de 2011).

Vejam! Aqui eu mato a cobra e mostro a cobra morta, que esse negócio de mostrar o pau não faz parte do meu caráter de cavaleiro e aventureiro do sertão. A arma todo mundo pode mostrar, quero ver é ter a coragem de mostrar a presa morta, como eu fiz agora, seguindo o exemplo de Quaderna, quando matou uma cobra Cascavel e uma Onça em suas caçadas na Serra do Reino.

Ao se falar da relação de Ariano Suassuna com os romancistas de 1930, não podemos deixar de lembrar sua relação estreita com a Dona Rachel de Queiroz, considerada a madrinha do escritor na Literatura, haja vista que ela escreveu também um prefácio modelar e de primeira classe para o *Romance d’A Pedra do Reino*. No texto, intitulado “Um Romance Picaresco?”, Dona Raquel confessa sua admiração pela obra nas seguintes palavras: “Picaresco o livro é – ou antes, o elemento picaresco existe grandemente no romance, ou tratado, ou obra, ou simplesmente livro – sei lá como é que diga!”. Com essas palavras a autora reconhece as potencialidades do romance suassuniano, apresentando-o como uma obra que transcende, inclusive, qualquer categorização, pois “*A Pedra do Reino* [...] é romance, é odisséia, é poema, é epopéia, é sátira, é apocalipse...” (QUEIROZ, In: SUASSUNA, 2007, p. 15).

Empolgado ao ler esse comentário, passo então a contar sobre as relações do texto suassuniano com a obra de José Lins do Rego, já que estamos tratando aqui dos diálogos gerais que o romance de Ariano Suassuna tem com os escritores do romance de 1930. Além de serem ambos paraibanos de nascimento e pernambucanos por adoção, Ariano Suassuna e José Lins do Rego mantêm um próspero diálogo, já que ambos retiram do seio da cultura popular o alimento de seus textos, tanto que mereceram detalhado estudo da gentil e astuta

Dama, a Professora Sônia Lúcia Ramalho de Farias, na sua tese de doutoramento intitulada *O sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna: espaço regional, messianismo e cangaço*. (2006).

Em seus estudos, a autora estabelece o contato entre as obras *Pedra Bonita e Cangaceiros*, de Lins do Rego, com o *Romance d'A Pedra do Reino*, de Suassuna, para verificar a produção ficcional dos autores através da apropriação da cultura popular na representação do Brasil em sua dimensão regional, dentre outros aspectos. Segundo a autora,

As concepções regionalistas de Lins do Rego e Ariano Suassuna podem ser lidas conjuntamente em função de um projeto literário nacional que, alicerçado por etapas conjunturais históricas e estéticas distintas, guardam, no entanto, uma característica comum: o resgate da tradição cultural do Nordeste, erigido em símbolo identitário dos valores nacionais. (FARIAS, 2006, p. 47).

Fica evidente nas palavras de Dona Sônia Ramalho que, em vista da preservação e resgate da tradição cultural do Nordeste, os autores se debruçam na construção de narrativas que, em períodos distintos, alçam aos olhos do leitor a dimensão do messianismo e do cangaço para a formação histórica e cultural do espaço regional do sertão nordestino. A autora chama a atenção também para o contexto histórico e estético que diferencia a obra dos dois escritores paraibanos: enquanto Lins do Rego está inserido no contexto do Romance de 30, encampando “o ideário regionalista de Gilberto Freyre”, Ariano Suassuna apreende a realidade nordestina pela expressão estética “do ‘espírito mágico’ e épico do Romanceiro Popular e das formas barrocas da arte ibérica”. (FARIAS, 2006, p. 47-62).

Aqui, chegamos então ao nome de Gilberto Freyre, sociólogo pernambucano, herdeiro da fidalguia dos engenhos e líder de um grupo de intelectuais que, a partir da década de 1920, pensa o conceito de região como uma saída para a descaracterização do país diante da modernidade galopante. Nas palavras da nobre Dama, Dona Sônia Ramalho, percebemos que José Lins do Rego é seguidor e defensor das ideias de Freyre, enquanto Ariano Suassuna toca o ideário do sociólogo dos engenhos, e vai além, na medida em que bebe o espírito mágico do romanceiro popular numa taça de pedra, adicionando goles de sangue dos antepassados sertanejos que foram degolados na chacina da Pedra Bonita para encenar um sertão como um Reino cheio de contendias, história e galhofas, um Reino cheio de luz solar e tragédias humanas.

O fato histórico ocorreu na Pedra Bonita ou Pedra do Reino de 14 a 16 de maio de 1838, quando dezenas de homens, mulheres, crianças e cães foram degolados para lavar com sangue a base das pedras que restaurariam o Reino de Dom Sebastião, trazendo melhorias

para a vida do povo do sertão. Esse cenário, segundo Maria Aparecida Lopes Nogueira, “representa o pano de fundo revelador da religiosidade sertaneja, onde **Quaderna** sacraliza a missão da construção do Quinto Império [grifo da autora]”. (2002, p. 135). O mesmo fato é encenado por José Lins do Rego no romance *Pedra Bonita*, cujos personagens ganham relevo dramático maior em *Cangaceiros*. O narrador suassuniano retoma o fato no *Romance d’A Pedra do Reino*, e faz questão de se filiar genealogicamente a João Ferreira, o profeta que banhou de sangue as bases das pedras que representam as duas bases do Castelo Literário que Quaderna deseja erguer com o poder de sua narrativa.

Para Ariano Suassuna, os romances de Lins do Rego juntos formariam uma epopeia sertaneja, como se constata nas palavras que reproduzo aqui a título de comprovação da veracidade do meu depoimento:

Já me referi a *O Sertanejo*, de José de Alencar, marco inicial, e a *Os Sertões*, epopéia guerreira que deu dimensão de gênio ao romance sertanejo. Agora, porém, é a vez de falar noutro romance nordestino que nada fica a dever nem ao de Euclides da Cunha nem ao de João Guimarães Rosa. Refiro-me a “Gesta de Aparício”, nome que inventei para batizar o romance sertanejo único que José Lins do Rego separou em dois títulos, *Pedra Bonita-Cangaceiros*. Esses romances só deveriam ser publicados em volume único, pois são, de fato, um romance só em duas partes; e um romance com aquelas mesmas qualidades de epopéia que apontei no *Grande Sertão: Veredas*. (SUASSUNA, 2008, p.145).

É classificando os romances de José Lins do Rego na categoria das grandes narrativas sobre o sertão que Ariano Suassuna reconhece as qualidades das obras e as eleva à categoria de epopeia, pois narram as aventuras de um povo diante das adversidades encontradas. O escritor reconhece também, em suas palavras, a permanência das obras de José de Alencar e Euclides da Cunha dentro das grandes narrativas do “romance sertanejo”, como ele mesmo nomeia.

* * *

Então, nobres Senhores e virtuosas Damas, perceberam que essas obras epopeicas exercem influências sobre a formação político-literária do escritor Ariano Suassuna. Portanto, todas elas, em certa medida, contribuem na construção do Castelo Literário do narrador suassuniano, que também pode ser chamado de manifesto literário da região do Sertão do Nordeste. Um manifesto que não se filia àquele discurso polêmico que Gilberto Freyre diz ter escrito em 1926, mas só foi publicado em 1952, fato que desencadeou discussões intelectuais

diversas, principalmente com Joaquim Inojosa, importador das ideias futuristas⁶ pregadas pelo grupo de modernistas paulistas que encamparam uma demanda em favor da máquina capitalista no chamado Movimento Modernista de 1922.

Tanto Joaquim Inojosa quanto Gilberto Freyre deixaram rico acervo acerca do Movimento Regionalista, os dois protagonizaram uma polêmica sobre quem teria sido o precursor das ideias modernistas e regionalistas na década de 1920 em Pernambuco. Em estudo dedicado, o Professor Dr. Neroaldo Pontes de Azevedo arregimenta farto material a respeito dessa polêmica entre Inojosa e Freyre, esclarecendo que cada um dos intelectuais que atuavam em Pernambuco naquela época intentava “[...] salientar o mérito de sua atuação e de seu grupo, em detrimento de outros, através de enganos propositais e, sobretudo, de omissões”. (1996, p. 17).

Se acham pouco essa briga, nobres leitores e perfumadas leitoras, observem, ainda tem mais. Para entornar o caldo, e colocar mais lenha na fogueira, surgem as palavras do Dr. Antonio Dimas, segundo quem:

Inojosa não cria, não elabora, nem articula um projeto. Sua função foi bem mais simples: a de transmitir o recado de uma novidade assimilada com susto. O contraste entre a atitude de Inojosa e a de Gilberto reside na qualidade da elaboração intelectual de suas vivências. Enquanto Gilberto cria mitos novos, Inojosa repete-os. (DIMAS, 2004, p. 19).

Colocando as ideias de Joaquim Inojosa como repetição daquilo que era propagado pelo Modernismo, o estudioso reconhece em Gilberto Freyre o nome que desencadeia o pensamento e as discussões acerca do regionalismo nordestino no século XX. Isso devido à criação do *Livro do Nordeste*, mas também por causa do *Manifesto Regionalista*, haja vista que, segundo o próprio Antonio Dimas, “o *Manifesto* retoma, anos mais tarde, aquilo que fora explicitado sem floreios no *Livro do Nordeste*, isto é, o auto-centramento como forma de reabilitação e de recuperação cultural em momento de desfoque regional” (2004, p. 20). Ora, esse Manifesto escrito por Freyre, como diz o próprio Dimas, é “pantagruélico, rabelaisiano”, foge da utopia e mergulha numa argumentação que nos faz desvencilhar-nos de um passado europeizado que nos descaracterizaria da mesma forma como o Modernismo havia feito a partir das Vanguardas provenientes da Europa capitalista, segundo o pensamento freyreano. É essa máquina modernizadora que acaba por desfigurar a articulação entre as regiões, pois, segundo Freyre, sociologicamente o Brasil é feito de regiões. Assim, o autor de *Casa Grande*

⁶ A projeção do Modernismo em Pernambuco acontece com a denominação de futurismo. Ver AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.

& *Senzala* argumenta em seu manifesto que: “o conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de ‘Estados’, uns grandes outros pequenos, a se guerrearem economicamente [...] – num jogo perigosíssimo para a unidade nacional”. (FREYRE, 1967, p.32-33).

Mas, por direito de justiça intelectual, é preciso destacar que o papel de Joaquim Inojosa no pensamento sobre o Nordeste e o Modernismo é relevante, como nos alertou em boa prosa o Professor Dr. Jorge de Souza Araújo, outro pensador do chão e da embriaguez. Na obra *Sursum Corda!* (1981), Joaquim Inojosa, inclusive, busca explicar a polêmica da datação do *Manifesto Regionalista* de Gilberto Freyre, que chega a reconhecer o equívoco das datas em texto reproduzido por Inojosa:

Os originais destinados a essa publicação continuaram guardados por Alfredo Freyre. Desapareceram no saque e incêndio brutais de sua residência em 1930. Explica-se, assim, que os meus pronunciamentos no Congresso de 26 só viessem a ser publicados em 1952 em opúsculo e com o título – dado então – de *Manifesto Regionalista...* [...]. Concordei em preparar o material para essa publicação, *redação de 1952 de pronunciamentos feitos em 1926* (grifos do autor). (INOJOSA, 1981, p. 30).

Ao transcrever a declaração de Freyre, Inojosa louva a confissão do sociólogo, com a expressão “antes tarde do que nunca!”. O Duelo travado entre os dois pensadores nordestinos é digno do Ordálio-brasileiro travado entre Clemente e Samuel n’*A Pedra do Reino*. Para não deixar barato, e esquentar a briga com Gilberto Freyre, Joaquim Inojosa louva o retratamento do sociólogo com as seguintes palavras:

Agora o que devemos é agradecer a Gilberto Freyre por haver-nos confessado a verdade verdadeira, de que redigiu o manifesto regionalista em 1952, embora tenhamos de invocar o Cristo na sua divina sabedoria:
- “Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestido de ovelha e dentro são lobos roubadores” (S. Mateus – VII-15). (1981, p. 37).

Aqui percebemos que não é só na Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba que a disputa das vaidades aparece, outras Academias fazem questão que haja os duelos entre seus acadêmicos, não só as Academias de Letras, é bom destacar. Muitas vezes o sujeito tem que apurar bem a vista para poder perceber os lobos que estão vestidos de ovelha, muitos passam despercebidos por longos tempos. Na briga de Inojosa e Freyre, ambos encenam os dois papéis, são ovelhas da sociedade pernambucana do século XX, mas também são lobos que disputam o papel de precursores do pensamento no Nordeste na ocorrência do Modernismo no Brasil a partir da década de 1920. Ambos se colocam em posições opostas,

Gilberto Freyre defende o Tradicionalismo regionalista em contraposição ao Modernismo futurista defendido por Inojosa através do manifesto *Arte Moderna* (1924), que ele publica após viagem a São Paulo em setembro de 1922, quando entra em contato com as ideias dos modernistas paulistas. Com a publicação de *Arte Moderna*, Inojosa convoca os intelectuais da Paraíba para seguir as ideias futuristas. É o legado enquanto precursor do pensamento futurista no Nordeste que Joaquim Inojosa destaca em seu *Sursum Corda!*.

Diante das disputas que acabamos de apreciar, com a argúcia sonora e legendária da meditação intelectual, fica evidente o desejo de intelectuais e escritores nordestinos, a exemplo de Gilberto Freyre e outros, em defender toda uma tradição, da qual a região é dotada. Essa defesa assusta principalmente o historiador foucaultiano Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que escreve sua tese, *A invenção do Nordeste*, armado com espingardas modernas, esquecendo o bacamarte, representante da tradição conservadora. Durval arma-se para lutar em torno dos conceitos de identidade nacional e regional, contra o dispositivo do nacional-popular que elaborou discursos sustentados pelo poder de grupos detentores da riqueza e bens que lhes garantiam certa permanência na definição de normas e padrões morais que deveriam ser seguidos por todos. Construindo uma prática própria de ler a história, o autor desferiu seus golpes discursivos contra os artistas e pensadores do Nordeste que, segundo ele, inventaram a região com discursos que a reproduz insistentemente pela imagem da seca, do cangaço e do messianismo. A esse discurso juntam-se os discursos cheios de estranhamento que os jornais e grande parte da intelectualidade engravatada do sudeste desferiam contra “o mundo desconhecido e atrasado do Nordeste”.

Assim, segundo Durval (2011, p. 51), o Nordeste seria gerado como filho da ruína de uma antiga geografia que segmentou o país entre “Norte” e “Sul”, configurando-se como um discurso ideológico e/ou literário que fora elaborado pelo pensamento sociológico de Gilberto Freyre, como podemos constatar nas palavras do estudioso, que apresentamos para serem anexadas aos autos do processo. “Se, do ponto de vista estritamente literário, o regionalismo nordestino não existe, ele existe como discurso literário que procurou legitimar, artisticamente, uma identidade regional que havia sido gestada por inúmeras práticas regionalistas e elaboradas sociologicamente por Gilberto Freyre”. (2011, p. 124).

Parte das conclusões a que chega Durval se configuram após ele passar em revista as obras de José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Ariano Suassuna na literatura; Cícero Dias e Lula Cardoso Aires na pintura e Luiz Gonzaga na música; destacando ainda, em capítulo à parte, Graciliano Ramos e Jorge Amado, que constroem um espaço da utopia, onde se alevanta a voz da revolta contra as misérias e as injustiças. Durval

escreve ainda sobre o Brasil visualizado nos quadros de Portinari, Di Cavalcanti e Carybé, dos versos cortantes de João Cabral de Melo Neto, e destaca também o papel do cinema na representação e invenção de um Nordeste atrasado, seco e miserável.

Então, mesmo após a apreciação das ideias de Durval, é evidente que o regionalismo, como nos sugere Antonio Candido, “[...] foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local. Algumas vezes foi oportunidade de boa expressão literária, embora na maioria os seus produtos tenham envelhecido”. (1989, p.159). As narrativas com produto envelhecido são as que se detêm apenas em representações pitorescas do folclore regional, enquanto outros textos que têm como palco regiões específicas do país trabalham com a expressão da dimensão regional, partindo-se de um local para alcançar um universo maior de representações.

Na meditação dos romances dos escritores nordestinos da geração de 1930, com os discursos de Gilberto Freyre, Joaquim Inojosa e Durval Muniz Albuquerque Júnior, potencializam-se as reflexões sobre o Nordeste, dando visualidade a esta região tão rica e importante para a cultura brasileira, região onde encontramos o espaço do Sertão, palco onde se encena a obra literária de Ariano Suassuna. É com o material retirado do chão pedregoso e empoeirado do sertão nordestino que Ariano constrói também o seu manifesto, um manifesto amarrado e fundido a fogo quente num movimento que é revisionista, pois traz em sua gestação heranças diversas de um passado permeado de histórias e estórias de espantar, de encantar, os mais temerosos e corajosos corações. Com o *Romance d’A Pedra do Reino*, Ariano Suassuna sagra o seu Movimento Armorial no campo da literatura, um movimento que para muitos repete o tradicionalismo anterior da Escola do Recife, de Tobias Barreto e Joaquim Nabuco, e do Regionalismo tradicionalista de 1926, enquanto que para outros recria uma tradição numa manifestação nova da nordestinidade brasileira, pois o movimento possui uma localização regional precisa, segundo as palavras de Dona Idelette Muzart Fonseca dos Santos, em sua *Demanda da poética popular*. (2009, p. 13).

Ainda segundo Dona Idelette (2009, p. 70), a relação de Ariano Suassuna com o sertão é dupla, pois “o homem pertence ao sertão tanto quanto o sertão lhe pertence e, reencontrando o caráter movediço já evocado, o sertão cresce às dimensões do mundo”. E, se o sertão suassuniano ganha dimensões outras, se liga à história, à geografia e a sociologia do Nordeste, através do canto alegre da pena de Ariano Suassuna. Para tanto, o autor recorre a um arsenal de informações através de um narrador megalomaníaco, que segundo Georg Rudolf Lind, assume a loucura quixotesca dum sonhador que tenta reconstruir a realidade desoladora do Nordeste, através dum reino de beleza e arte. (1974, p.31).

FOLHETO IV. O CASO DO GÊNIO ALUMIOSO

Deste relato, como Vossas Excelências já sabem, depende a minha salvação no processo gaviônico em que estou metido aqui nessa Academia Sertaneja, localizada na entrada dos sertões baianos; Reino Negro-Tapuia, cheio de bandeiras, que abrigou a Raça guerreira e profética guiada pelo regente do Império do Belo-Monte de Canudos, Dom Antonio Conselheiro. Esse meu Reino do Sertão da Bahia faz parte dos sete Remos que formam o Reino do Sete-Estrela do Escorpião, Castelo Literário de Quaderna, narrador do *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Então, os corações generosos dos nobres Senhores Doutores da Banca julgadora não podem me condenar pelo *amor intellectualis*, que também envolveu o quixotesco filósofo espanhol José Ortega y Gasset, nas suas *Meditações do Quixote* (1967, p. 35), inspirado nas considerações éticas de Spinoza, para quem “o amor é a alegria com a idéia concomitante de sua causa externa” (*Amor est Laetitia concomitante idea causae externae*), esclarece Julián Marías. (In: ORTEGA Y GASSET, 1967, p. 186).

Como os nobres leitores já sabem, a alegria está sempre presente nas obras suassunianas. Assim como na voz do escrivão Dom Pedro Dinis Quaderna, a alegria tem como causa externa a vivência com a cultura do sertão, confirmando-se o que eu já sabia, o *amor intellectuallis* que envolve Ariano Suassuna na construção de sua Obra. Um amor que treme na vista, como a luz do Sol do mundo quando se encontra, ao meio-dia, com as pedras do tabuleiro sertanejo. Dotada do amor intelectual, a empresa literária suassuniana, com “o *romance da pedra do reino* [sic][,] segue uma linha de grandes textos brasileiros balizando o conceito de literatura, se não apenas regional, sobretudo a partir de certo chão, reivindicando como condição de certo olhar sobre o mundo”. (HOLANDA, 2007, p. 95). Para o nobre Professor Lourival Holanda, a reivindicação pelo direito “de cidadania nacional para a cultura” do sertão começa com *Os sertões*, alcança o “alargamento de horizonte do que se supunha ser o regional” com o *Grande Sertão: veredas*, e continua seu caminho com o romance de Ariano Suassuna. (2007, p. 95).

* * *

Seria, nobres Senhores e belas Damas, cujo cabelo é como “um rebanho de cabras ondulando as encostas de Galaad”, Ariano Suassuna um reinventor do sertão, ou mais um

tradicionalista conservador? Valendo-me das sábias palavras do Professor Lourival Holanda, é preciso que se reafirme que a tradição é contestável quando a cultura é “mumificada em museu”. Assim, “toda sacralização da tradição é um entrincheiramento. Mas, dispensá-la seria perder o norte. Toda recriação é já uma interpretação. Por certo o nordeste não é só Gilberto Freyre ou Ariano: estes nomes são referências, não limites”. (HOLANDA, 2007, p. 101). Que beleza de observação, o nobre professor nos oferece!

Todo o poder de interpretação que emana da narrativa de Ariano Suassuna a respeito da tradição nordestina se mostra pela (re) criação de um espaço nordestino e sertanejo próprio. Desde a apresentação das primeiras linhas do *Romance d'A Pedra do Reino*, folheto I, no “Pequeno Cantar Acadêmico a Modo de Introdução”, o narrador suassuniano faz questão de apresentar a seus leitores o espaço do sertão de onde ele falará, através de seu depoimento. Para tanto, toma de empréstimo as palavras de um de seus Mestres e Precursores, Nuno Marques Pereira, autor do *Compêndio narrativo do Peregrino da América* (1728), e então Quaderna anuncia o seu livro como um “Compêndio Narrativo do Peregrino do Brasil”, que passa a falar a toda nação de um *locus* que fica:

Uns doze graus abaixo da Linha Equinocial, aqui onde se encontra a Terra do Nordeste metida no Mar, mas entrando-se umas cinqüenta léguas para o Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba do Norte, num planalto pedregoso e espinhento onde passeiam Bodes, Jumentos e Gaviões sem outro roteiro que os serrotes de pedra cobertos de coroas-de-frade e mandacarus; aqui, nesta bela Concha, sem água mas cheia de fósseis e velhos esqueletos petrificados, vê-se uma rica Pérola, engastada em fino Ouro, que é a muito nobre e sempre leal Vila da Ribeira do Taperoá, banhada pelo rio do mesmo nome. (SUASSUNA, 2007, p. 33).

Ao situar geograficamente para o leitor o espaço de onde fala, o narrador suassuniano traça o mapa do sertão que serve de palco para a sua Desventura. Antes, porém, o narrador apresentará ao leitor o “pavimento superior” de onde ele contempla todos os arredores da sua indomável vila sertaneja, “uma rica Pérola engastada em fino Ouro”, rica em histórias e cheia de “esqueletos petrificados”, fósseis de uma pré-história que se lança nos primórdios do Brasil, mas se configura também como a história sertaneja que antecede à sua narrativa. Essa visagem aparece, não só como uma fotografia descrita em sua superfície, mas como a introdução de um tratado que se debruça sobre heranças culturais e literárias diversas, matrizes brutas que servem de matéria-prima para o escritor/escultor, mas também joias que, esculpidas em seus modelos nobres e clássicos, são como rios a serem navegados pelo escritor /desbravador.

Esse cenário literário talvez cause estranheza aos menos avisados, mas, como diz Doutor Samuel Wandernes, um dos professores de Quaderna, “os Poetas são verdadeiros visionários”, e sendo uma gente que vê visagens e assombrações, os poetas [escritores], como Ariano Suassuna, tentam interpretar e decifrar o mundo, fornecendo uma visão geral sobre ele, como faz o autor do *Auto da Compadecida* em sua Obra. Meu argumento, inclusive, pode ser atestado na leitura das consagradas palavras de Dona Idelette Muzart Fonseca dos Santos, uma nobre francesa abasileirada, que nos diz:

A tentativa de Suassuna de interpretar e decifrar o mundo real e mítico do Sertão, de fornecer uma visão total do mundo, leva-o à concepção épica da sua obra, assimilando tudo quanto lhe passa ao alcance, do lirismo mais íntimo à evocação dos heróis, integrando os elementos e modalidades expressivas mais diversas sem perder sua unidade, como se fossem o simples desenvolvimento de sua matéria-prima. (1977, p. XV).

Explico a Vossas Excelências que, como puderam comprovar nas palavras transcritas acima, o Sertão é o Reino que abriga o Castelo pensado por Quaderna numa perspectiva épica, digna de gênio. Isso, através da construção de uma obra que concilia citações e textos diversos da tradição literária e da cultura popular, a exemplo da literatura de cordel. Contudo, a estratégia do narrador deve ser encarada com desconfiança, pois é com as citações e repetições, declarando-se pobre de inventividade, que ele seduz o leitor. Nos afirma Georg Rudolf Lind (1974, p. 42), um estudioso da obra de Ariano Suassuna, natural daquele sertão frio, onde habitou um grande pensador que é dos nossos, o venerável Friedrich Nietzsche, nas terras da Alemanha.

Meu coração deu outro pulo no peito ao ler as palavras daquele alemão. Aquela era uma revelação tão importante quanto a morte da Onça, por Quaderna, na Pedra do Reino! Tudo está, aos poucos, se configurando, como Vossas Senhorias podem comprovar com seus próprios olhos, lendo esse meu Almanaque acadêmico *d’A Pedra do Reino*. Aqui, agora, devo acrescentar as palavras do narrador suassuniano, para que se possa comprovar tudo o que eu vinha dizendo a respeito da obra de Ariano Suassuna, que recria o sertão através de uma narrativa híbrida, abarcando vários subgêneros ficcionais⁷. Nas palavras de Quaderna, o seu

[...] Romance conciliava tudo! Para tornar a coisa ainda mais segura, resolvi entremear, na minha narrativa em prosa, versos meus e de Poetas brasileiros consagrados: assim, além de condensar, no meu livro, toda a Literatura brasileira,

⁷ Em “Na confluência das formas: o discurso polifônico de Quaderna/Suassuna”, a professora Guaraciaba Micheletti examina todos os subgêneros presentes no romance. (Clíper Editora, 1997).

faria do meu Castelo sertanejo a única Obra ao mesmo tempo em prosa e em verso, uma Obra completa, modelar e de primeira classe! (SUASSUNA, 2007, p. 198).

Observando meditações e visagens desse quilate, posso revidar o argumento de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no qual ele afirma que o Nordeste representado nas páginas dos romances da geração de 1930 e de Ariano Suassuna combatem a inventividade. As palavras de Dr. Durval afirmam que o Nordeste é uma “[...] máquina imagético-discursiva que combate a autonomia, a inventividade e apoia a rotina e a submissão” (2011, p. 100). Segundo ele, toda a obra de Ariano Suassuna está marcada por uma visão populista, “em que o povo ao mesmo tempo que expõe as misérias e injustiças que sofre, o faz denunciando a modernização do sertão, a sociedade capitalista”. Ariano seria, para Durval Muniz, o “exemplo de onde terminou por desembocar politicamente o regionalismo tradicionalista nordestino” (2011, p. 187). O estudioso reconhece também que a obra suassuniana possui traços que a diferenciam do pensamento freyreano, pois encena um Nordeste sertanejo como “um Reino encantado do sertão”, onde também existe a nobreza, extrapolando as reproduções naturalistas de outras épocas (2001, p. 99).

A leitura de Durval Muniz Albuquerque Júnior sobre a obra de Ariano Suassuna é ambígua, passando por dois olhares. Num primeiro momento, ele afirma Suassuna como um seguidor do regionalismo de Gilberto Freyre, que se coloca contra a modernização do sertão, em defesa do tradicionalismo que alimentou a história dos antepassados do escritor paraibano. Num segundo momento, o historiador ressalta o poder da obra suassuniana em encenar um nordeste cheio de nobreza, já que Ariano confere a seus personagens o papel de reis e rainhas. Mas, envolvido em sua teoria, Durval deixa de perceber certos valores estéticos das obras artísticas analisadas, em especial a obra suassuniana, isso porque ele está completamente envolvido por uma sanha da moléstia para provar que o Nordeste foi e é lido como um espaço atrasado e antimoderno, um *locus* inventado pela literatura, pela pintura, pela música e pelo cinema, reprodutores de um discurso sociológico tradicionalista.

A obra do Dr. Durval assenta-se na crítica dos valores antimodernos que atrasariam o Nordeste com relação às outras regiões do país, a exemplo do Sul e Sudeste, valores esses propagados também pela arte, a exemplo da literatura com o romance de 30 e a obra suassuniana. O autor demonstra muita esperteza intelectual ao perceber que no Sul existe um discurso que faz questão de preservar certa visão exótica a respeito do Norte e Nordeste. É preciso reconhecer os alertas feitos pelo estudioso no que diz respeito a certos discursos ideológicos que buscam, sim, estabelecer uma invenção do nordeste como um espaço longínquo, árido e atrasado apenas. Mas, não podemos conceber que ele considere essa

região, mãe de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto, dentre tantos outros, como “uma máquina imagético-discursiva que combate a inventividade e apoia a submissão”. Esse argumento não reconhece o potencial das obras de tantos grandes artistas das Letras brasileiras, que elevam a cultura e o nome do Brasil à categoria de uma nação dotada de riqueza monumental social, econômica e culturalmente.

A sanha que acomete e alumia Ariano Suassuna para representar o Sertão do Nordeste, não reproduz nem segue as escolas Tradicionalistas de Tobias Barreto, Gilberto Freyre anteriormente citadas, o autor aproveita o legado e os passos escalados pela Escola do Recife e pelo Regionalismo de 1926 para (re) inventar o seu Reino do Sertão, num movimento que “não se confunde com *passadismo*”, mas utiliza a tradição como uma fonte inesgotável de saber e aprendizado, na vanguarda que realmente interessa, que é a do “engenho e arte”, segundo o pesquisador armorial Carlos Newton Júnior (abril/2011, p. 28-29). O Professor Newton Júnior (novembro/2011), aliás, desfaz o equívoco difundido sobre o Movimento Armorial de que, ao estabelecer ligações com a tradição, o movimento fica confundido como apologista do passado. Essa leitura errônea resulta na grosseira e equivocada leitura da obra de Ariano Suassuna por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, na obra *A invenção do Nordeste*, onde o historiador confunde as posições de Ariano Suassuna com as posições do narrador Quaderna, afirmando que: “Ariano Suassuna é bem um exemplo de onde terminou por desembocar politicamente o regionalismo tradicionalista nordestino” (2011, p. 187). Ao analisar a obra de Ariano dentro de um conjunto reprodutor de um Nordeste tradicionalista e rural, o historiador esquece de observar a profundidade estética e inventiva da pena alegre e profética de Ariano Suassuna, que ganha voz através do depoimento encenado por Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna.

Com o estilo solar e alumioso do narrador Quaderna, Ariano Suassuna assume o desejo de (re) inventar o Sertão como um Reino Sagrado, inspirado numa reunião de textos que o conduza à construção de um castelo literário que, segundo Dona Maria Aparecida Lopes Nogueira, busca amenizar angústias num processo de “refluxo que parte do presente em direção ao passado, a fim de imprimir uma continuidade à criação e inventar o futuro” (2002, p. 206). É então que entendemos, nas palavras do próprio narrador, que seu estilo de reconhecimento e reunião da literatura de cavalaria, de caráter epopeico, é a confirmação do desejo de ser genial, ou seja, clássico e eterno à Literatura sobre o Sertão e o Brasil, pois aprendera em suas leituras de Almanaque “[...] que ‘uma obra, para ser clássica, tem que

condensar, em si, toda uma Literatura, e ser completa, modelar e de primeira classe”. (SUASSUNA, 2007, p.197).

Todo o esforço do autor em reunir uma tradição da literatura em sua obra e demonstrar o Sertão como assunto digno da Literatura Clássica e modelar, pela voz do seu narrador, nos faz perceber o projeto artístico, político e ideológico suassuniano para elevar a cultura nordestina através do Movimento Armorial, que vigora até os dias de hoje a plenos pulmões, apesar da contestação de parte da crítica. As expressões do armorial são percebidas em vários artistas e escritores de todo país, sendo defendidas e propagadas na voz do seu fundador através das Aulas-espetáculos ministradas sertões a dentro. Teoricamente o movimento está sendo atualizado na coluna Novo Almanaque Armorial, mantida mensalmente na Revista Correio das Artes, de João Pessoa na Paraíba, através dos textos de Carlos Newton Júnior e das ilustrações de Dantas Suassuna.

* * *

Como leitores gaviônicos que somos, devemos reconhecer que muitas vezes parte da crítica condena Ariano Suassuna de ter uma postura combativa no que diz respeito à modernização, e à sociedade capitalista. Mas, o que dizer da discussão desencadeada na peça *Farsa da boa preguiça*, onde já se fala do cordel no computador? Algumas declarações combativas de Ariano Suassuna sobre a indústria cultural e a modernização, se justificam pelo respeito à sua ética armorial que se veste numa armadura para combater os moinhos de ventos da modernização desenfreada que quer se sobrepôr ao legado da cultura local. Nesta postura estaria o grande mérito do escritor, segundo as palavras de Dona Claudia Souza Leitão:

O grande mérito do teatrólogo paraibano é o de ter percebido que, através da arte sertaneja, instrumento magistral de expressão do seu imaginário, poder-se-ia compreender melhor o sertão como um outro Brasil. Há algumas décadas e antes de muitos cientistas sociais, Suassuna percebeu que o sertão seria um palco extraordinário para a discussão do grande amálgama cultural do país. (1997, p. 96).

A postura do escritor sempre provocou rebuliço nos críticos, talvez por isso Durval Muniz Albuquerque Júnior leia a obra suassuniana como tradicionalista e conservadora dos traços rurais e atrasados de um Sertão feudal, não percebendo que, ao mergulhar na fonte da tradição, Ariano Suassuna percebe o potencial imagético do sertão enquanto manancial cultural do país.

- Basta! Dito isso, é preciso que aqui eu interrompa o meu cantar acadêmico. Mais a frente poderei oferecer diversas outras meditações a respeito da obra suassuniana, sobre a qual deitei esforços de aventura. Aqui é preciso que forcemos o poder de legenda e sonho de que o romance de Ariano Suassuna é dotado enquanto obra “modelar e de primeira classe”, haja vista ser um produto da inspiração do “altro”, se aventurando no caminho da “sabença” e seguindo a Filosofia do Penetral. O Caso dessa Aventura inspiratória é, portanto, perigoso e profético, necessitando de muita argúcia e coragem para que se enfrente a Onça que ruga à nossa frente.

Assim, tudo está decidido, todos os alicerces traçados. Após as minhas explicações acadêmicas sobre o Castelo perigoso, literário, espinhento e pedregoso ao qual estou ligado por direito de herança, pois sou conterrâneo dos guerreiros do Império do Belo-Monte, do Sertão da Bahia, um dos Reinos sagrados do Reino do Sete-Estrela do Escorpião, Reino Literário erigido pelo Cronista-Fidalgo Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, no *Romance d’A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna.

LIVRO II. CRÔNICA DE UM ENGENHOSO FIDALGO SERTANEJO

Cada vez se enraizava mais, em mim, a decisão de tornar embandeiradas e cheias de chuviscos prateados as pardas, miseráveis e sangrentas aventuras da Pedra do Reino, tornando-me Rei sem degolar os outros e sem arriscar minha garganta, o que somente a feitura do meu romance, do meu Castelo perigoso e literário, possibilitaria. (RPR, 2007, p. 198).

Já se entende, agora, como iniciou o Caso da aventura inspiratória à qual fui enviado por direito de herança. Contrariando o meu prudente, resolvi me meter nessa expedição novelosa ao pedregoso, sagrado e engenhoso Reino do Escorpião do Nordeste. Nessa demanda, terei que dedicar esforços em meditações sangrentas, mas sem arriscar a garganta, para defender a minha honra de aspirante ao cargo de Cavaleiro do Sertão através da feitura dessa dissertação-armorial.

A história do Gênio alumioso acordou o sangue dos meus antepassados do Reino sagrado de Belo-Monte, é quando começo a entender que a “Fonte do Cavalo”, como afirma o Professor Carlos Newton Júnior (abril/2011), é “o manancial vivo e inesgotável de todas as respostas dadas por nossos antepassados àqueles enigmas fundamentais, que tanto nos

perturbaram e ainda hoje nos perturbam”. Ao perceber que cada vez mais se enraizava em mim o sentimento de cavalaria acadêmica, fui despertando para o “engenho e arte” necessários para bem iniciar a expedição ao Reino do Sertão suassuniano, fato possibilitado pela meditação circular que agora toca, pela terceira vez, a trombeta sagrada do conhecimento, a fim de penetrar o muro que cerca o Castelo enigmático, a rocha-viva do Sertão.

Essa rocha-viva foi publicada em 1971 e vinha sendo escrita desde 1958, por Ariano Suassuna que, em outubro de 1970, lança em Recife, junto com outros artistas nordestinos, o Movimento Armorial, com o Concerto “Três Séculos de Música Nordestina – Do Barroco ao Armorial” e com exposições de gravura, pintura e escultura. Para que Vossas Senhorias possam apreciar, ao mesmo tempo em que comprovo meus argumentos, segue anexo ao meu depoimento a folha de apresentação da primeira edição do Romance – pela Livraria José Olympio Editora. Um livro que, para Carlos Lacerda, é um “fascinante conjunto, disparatado e poderoso, de histórias [...]” (*Diário de Pernambuco*, Recife, 18 de novembro de 1971).

Devo lembrar aos generosos leitores que, mais adiante, as meditações buscarão dar conta do processo de gestação da narrativa armorial e da receptividade do *Romance d’A Pedra do Reino*, obra que marca também o Movimento Armorial na Literatura, ao lado de escritos de outros autores que estiveram ligados ao movimento organizado por Ariano Suassuna. Cito o exemplo de Maximiano Campos, com as obras *Sem lei nem rei* (1968), *As emboscadas da sorte* (1971), *As sentenças do tempo* (1973), *A loucura imaginosa* e *O major Façanha* (1975), e Raimundo Carrero com *A história de Bernarda Soledade: a tigre do sertão* (1975), escritores que se juntam aos nomes de Marcus Accioly, Ângelo Monteiro e Janice Japiassu no rol da literatura armorial⁸.

Aos mais afoitos e apressados, é preciso que eu diga que, após a gestação do sertão e a fixação do nordeste na Literatura Brasileira, parto agora para as anotações sobre as influências que ajudam na construção da obra suassuniana, para, mais adiante, dedicar esforços sobre a gestação e permanência do *Romance d’A Pedra do Reino*. De modo que, assim, eu não fujo da linearidade nem da objetividade cobrada pela academia, muito menos do método circular do vai-e-volta que conduz a arquitetura desse depoimento gaviônico, pois já teci todas as informações a respeito do método utilizado para a feitura de minha dissertação-armorial, bem como os apontamentos a respeito do espaço do Sertão solar, literário, sociológico, histórico e quixotesco, ao qual dedico meu olhar de estudioso do Castelo enigmático de Ariano

⁸ Para ampliar os conhecimentos sobre a Literatura armorial e A narrativa armorial, consultar Idelette Muzart Fonseca dos Santos (2009, p. 37-51).

Suassuna. Uma Obra, ao mesmo tempo em prosa e em verso, que busca ser clássica e completa, na medida em que contém “textos de todo mundo” para ter todos os estilos, logo, seria então uma “*Antologia Nacional*”, como desejava o personagem-narrador, ao estudar o “*Almanaque Charadístico*” (SUASSUNA, 2007, p. 288).

FOLHETO V. NOVA SESSÃO A CAVALO OU CRÔNICA DAS HERANÇAS

Assim, tudo decidido, selo agora meu cavalo sertanejo, o “Pedra-Lispe III”, e parto pelas caatingas da literatura na aventura da meditação, a fim de perceber os caminhos dos enigmas e batalhas que me servem de fontes para a leitura do Castelo Sertanejo. Essa questão de ter um cavalo famoso é, para mim também, uma questão de honra, como o fora para Quaderna, ao desafiar seu mestre e precursor José de Alencar. Até porque, a partir de agora, declaro aberta a Nova Sessão a Cavalo da minha real e poética Expedição novelosa ao Reino do Sertão, contando já com as devidas contribuições e autorizações de Dom Ariano Suassuna e Dom Carlos Newton Júnior. O primeiro já agradeceu pelo meu empenho à sua obra, o segundo não fica atrás, e como cavalheiro sertanejo, me forneceu materiais para que eu possa, de fato, comprovar a minha demanda de pesquisa. Para comprovar que eu sou um pesquisador de boa fé, anexo as declarações que me foram concedidas por Dom Ariano e Dom Carlos ao agradecer-me com suas palavras nas obras que me utilizo para a realização desse depoimento-acadêmico.

Aqui reforço as palavras do Professor Carlos Newton Júnior a respeito de todas as anotações e citações que faço dentro do meu depoimento acadêmico, haja vista que a própria Universidade me fez perder a vergonha na cara no que concerne ao exercício de citação e “distorção” em paráfrase de pensamentos de outros autores, como o fez também Quaderna através de seu estilo régio. Esse receio, declara o professor, acaba depois “que os teóricos da Literatura resolveram legitimar o plágio, que, não sendo descarado, bem pode ser chamado de ‘exercício de intertextualidade’” (2003, p. 32).

Sendo eu já graduado em uma Academia não é preciso falar da autoridade que possuo para declarar aberta uma sessão acadêmica, a qual conduzo sob a benção dos meus mestres e precursores da teoria, da literatura e da própria orientação da pesquisa, como muito bem exige a nossa Universidade Sertaneja. Devo lembrar aos nossos generosos leitores e às digníssimas Damas de fala melodiosa, que “as sessões a cavalo” eram um dos tipos de sessões acadêmicas

realizadas pela “querida, venerável e tradicional ‘Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba!’”. Assim como os três acadêmicos daquela Academia, eu sou um emparedado, pois em minhas andanças e vivências literárias, filosóficas e políticas pelo Brasil, sou olhado como quem tem alguma culpa no cartório, aliás, como dizia Quaderna, com os extravios “que o Brasil vai vivendo, nós todos temos cara de quem, com culpa ou sem culpa, vai ser encostado à parede e fuzilado!” (SUASSUNA, p. 183). Se não por um ditador qualquer, desses que andam disfarçados dentro da nossa frágil Democracia, talvez por um elemento “revolucionário” do crime organizado que assola o nosso país oficial, inseguro e excludente.

Devo admitir que, ao proferir as palavras acima, me senti como Quaderna depondo ao Juiz Corregedor, pois sinto os olhares dos defensores das liturgias acadêmicas, que rejeitam as interferências das opiniões a respeito das questões importantes para o país. Como Quaderna, sigo com minhas andanças pela crônica das heranças para demonstrar as permanências do Castelo enigmático sob nossas cabeças pós-modernas! Mas, para satisfazer aos juízes corregedores, afianço que, o fato de eu estar de cavalo selado, na demanda do meu depoimento acadêmico, encontra aval inclusive nas palavras iluminadas de outro pensador de estirpe que é Ítalo Calvino, ele afirma que “a narrativa é um cavalo”, pois “o cavalo como emblema da velocidade também mental marca toda a história da literatura”, e ainda mais, prenuncia “toda a problemática própria de nosso horizonte tecnológico” (1990, p. 52-53).

Todo esse horizonte avistado de cima da sela de um cavalo deixa o percurso, a andadura, o galope muito mais Belo, cheio de aventura e perigo, além do fato de o cavaleiro poder controlar a velocidade com que se fala e de que se fala. Mesmo que eu, enquanto cavaleiro, galope bem na andadura da minha narrativa-depoimento, tenho que me manter atento ao horizonte da obra sobre a qual estou debruçado, enquanto estudioso da literatura sertaneja e brasileira. Isso porque, em seu depoimento, o Cavaleiro Fidalgo, Dom Pedro Dinis Quaderna, faz questão de manter o controle e o galope do depoimento que conduz diante do Juiz Corregedor e da bela escritora, Dona Margarida. Desta forma, Quaderna conduz o leitor em cavalgada “pela montanha tortuosa do Sertão, que não é mais do que seu mundo e o nosso”, com a galhofa, a ironia e o riso aberto que antecipa a punhalada nas costas, nos avisa Rimundo Carrero (1971). Engana-se o leitor que se deixa seduzir pelo riso circense do narrador d’*A Pedra do Reino*, se aventurando apenas em observar o horizonte das caçadas, aventuras e cavalgadas, sem adentrar no Tabuleiro pedregoso e nos Lajedos onde a narrativa vai destilando os enigmas, inscritos a fogo e sangue, através das lembranças e das citações

que fazem parte da história da literatura e da cultura popular nordestina, anunciadas pela “mistura de doídice e inteligência” do Cronista narrador.

* * *

Como eu vinha dizendo: na Aleserpa (Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba) se realizava três tipos de sessões; as “sessões de gabinete”, sugeridas por Samuel, tratavam de discutir a Literatura fidalga, pura, individual e poética, uma literatura conservadora e tradicional fechada em regras passadistas determinadas pela tradição literária; “as sessões a pé”, propostas por Clemente, ligava-se à discussão da realidade, às análises e à crítica social, fato comum à literatura realista e naturalista que influenciaram alguns autores do Romance de 1930, que primavam mais em documentar e flagrar a realidade social. Por fim, tinham as “sessões a cavalo”, sugeridas por Quaderna, por causa da sua ligação com a literatura do folheto e de cavalaria, recheadas de histórias de amor e de heróis que lembravam o cangaço e as quengadas nordestinas. As “sessões a cavalo” foram subdivididas em três categorias por Clemente e Samuel, professores e mestres do narrador Quaderna, as sessões de “viagens filosóficas”, as “demandas mítico-poéticas” e as “demandas novelosas”, sendo esta última sugerida e preferida por Quaderna, devido à possibilidade de se abrir o caminho para que ele conciliasse o pensamento dos dois mestres em favor da construção de sua obra; um romance que tivesse “heroísmos, safadezas, batalhas, castelos amorosos e perigosos, amores legendários, gargalhadas, putarias e outras coisas divertidas e boas de ler” (SUASSUNA, 2007, p. 186-187).

As duas primeiras sessões agradavam mais aos professores de Quaderna, pois tratavam, cada uma, respectivamente, de suas doutrinas literárias, filosóficas e políticas. O pensamento de Clemente e Samuel, respectivamente, era traduzido no “Oncismo” e no “Tapirismo”; em meio às discussões dos dois mestres estava Pedro Dinis Quaderna, aproveitando todos os ensinamentos pertinentes para a construção de sua epopeia. Assim, nas “sessões a cavalo”, Quaderna buscava conciliar a opinião dos dois mestres, para criar uma obra que unisse a “Literatura Sertaneja de beira-de-estrada” e a “Literatura fidalga da Zona da Mata”, a fim de ocupar o cargo de “Gênio da Raça Brasileira”, ainda vago. Aqui, trago as palavras do próprio narrador para comprovar as influências dos dois mestres em sua escrita, pois é “somando-se o elemento clementino ao samuéllico” que “temos o elemento quadernesco”, uma escrita de um “Poeta de sangue, de ciência de planeta”, ou seja, um estilo “completo, modelar e régio” (SUASSUNA, 2007, p. 576).

O estilo desenvolvido na escrita do *Romance d'A Pedra do Reino*, através do narrador, nasce, portanto, do aproveitamento de todas as influências recebidas através da leitura do “*Almanaque Charadístico*” e também das sessões realizadas com seus dois professores e mestres. O que chega a confundir inclusive o seu inquiridor, o Juiz Corregedor, que a certa altura da narrativa questiona:

- Sr. Quaderna, tenho observado que o senhor, de vez em quando, dá pra falar difícil, o que perturba um pouco a clareza do depoimento!
 - É uma questão de estilo, Sr. Corregedor, uma questão epopéica! [...]! Além disso, Samuel, segundo Clemente adota ‘o estilo rapaõ-ranhoso de cristais e joias hermético-esmeráldicas da Direita’. Já Clemente, segundo Samuel, adota ‘o estilo raso-circundante, raposo e afoscado da Esquerda’. Eu fundi os dois, criando ‘o estilo genial, ou régio, o estilo raposo-hermético dos Monarquistas de Esquerda’. (SUASSUNA, 2007, p. 366).

Ao ler esse depoimento, constato o que já afirmei a respeito das influências que os dois Professores têm na vida do narrador Quaderna. Segundo alguns críticos, as figuras dos professores Clemente e Samuel são inspiradas na própria biografia de Ariano Suassuna, através de seus tios Manuel Dantas Vilar (ateu e republicano) e Joaquim Dantas (católico e monarquista), respectivamente. São apontados também traços biográficos do autor na construção de Quaderna e sua genealogia, algumas questões são comuns, o próprio Ariano Suassuna afirma em dado momento que acontecimentos familiares permeiam o seu romance⁹, mas perceber ou provar traços biográficos no romance não é o diferencial para entendê-lo e perceber sua importância para a cultura brasileira. Como diz o Professor Carlos Newton Júnior, “de certo modo, todos os livros são autobiográficos, e todos os personagens são máscaras com as quais os escritores se defendem da bela e terrível Moça Caetana” (2003, p. 136). Olhe que o professor conhece de cabo a rabo a obra de Ariano Suassuna, tanto o romance, quanto o teatro e a poesia, sobre a qual ele também escreveu uma dissertação de Mestrado definitiva e gaviônica a respeito da poética armorial do autor da *Farsa da boa preguiça*, destacando o papel da figura do pai do autor na sua obra poética, trata-se do livro *O pai, o exílio e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna* (1999).

Como Vossas Senhorias percebem, são muitas as influências na obra de Ariano Suassuna, diversos serão também os momentos em que o leitor do *Romance d'A Pedra do Reino* encontrará referências do narrador a outros textos e autores. Como lembrei ainda há pouco, as sessões da Aleserpa discutiam as mais diversas formas e estilos de literatura. É na

⁹ Para ler mais sobre os traços biográficos n'A *Pedra do Reino*, ver Newton Júnior (2003, p. 146), e Caderno de Literatura Brasileira IMS (2000, p. 23-29)

fusão dos estilos dos mestres Clemente e Samuel, no desejo de construir uma obra de primeira classe, tendo como palco o Sertão do Brasil, que reside a ambição literária de D. Pedro Dinis Quaderna em se tornar Gênio da Raça Brasileira, fato afirmado pelo estudo do pensador do sertão da Alemanha Georg Rudolf Lind (1974, p. 40).

Nas páginas do romance de Ariano Suassuna, o narrador Pedro Dinis Quaderna lançará a criação de um novo gênero literário que se confirmará no sonho da concretização de um “Romance heróico-brasileiro, ibero-aventuresco, criminológico-dialético e tapuio-enigmático de galhofa e safadeza, de amor legendário e de cavalaria épico-sertaneja”! (SUASSUNA, 2007, p. 420), um romance que unirá o estilo cortesão e fidalgo, do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, com as cavalarias aventurescas do cordel nordestino inspirado na *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* ou na conhecida *Vida, Aventuras e Morte de Lampião e Maria Bonita*, do Amador Santelmo. O caráter notável do trabalho de D. Pedro Dinis Quaderna está também presente no próprio nome que, dissecado, mostra as influências do caráter híbrido dele próprio e de sua obra. Afinal, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna possui quatro nomes bem dispostos; o **Pedro** “nascido da pedra”, o **Dinis** “descendente de Dom Dinis, o Lavrador, Rei de Portugal e Algarve”, bem como o **Ferreira** que remete à herança guerreira dos Reis escusos da Pedra do Reino ou, do também assinalado pela violência da Moça Caetana, Virgulino **Ferreira** da Silva, para, finalmente, encerrar com o **Quaderna**, o quarto nome de um narrador/personagem marcado por influências diversas, seja de Clemente, de Samuel de si mesmo ou do próprio Ariano Suassuna, como aponta Carlos Newton Júnior (2003, p. 145).

* * *

Ah, nobres senhores e belas Damas, cujos “lábios são favo escorrendo!”, vejam como é perigoso adentrar o mundo sagrado do sonho e da Poesia! A trílice face do sertão fica à espreita, para nos jogar contra a pedra escaldante do Sol do meio-dia, não podemos nos distrair um só momento com a fronde paradisíaca dos riachos, roçados, açudes e pomares da “Fonte do Cavallo Castanho”. É preciso mergulhar na fonte do engenho e da arte da meditação, para me embeber com a aura da legenda e harmonizar o sonho bandeiroso do Intelecto com o galope criativo da Emoção, como bem nos conta o viajante estudioso, sertanejo do mundo, Braulio Tavares, no *ABC de Ariano Suassuna*: “Poderíamos dizer que o Intelecto é um homem a pé, que a Emoção é um cavalo bravio à solta, e que a cooperação entre os dois pode levar a ambos muito mais longe, no papel de um Cavaleiro” (2007, p. 82).

Uma afirmação dessas só pode vir de um homem nascido de mulher, cujo espírito está embriagado com lapadas do Vinho da Pedra do Reino e saciado com nacos de carne-de-sol, enriquecida com ovos cozidos. O escritor paraibano, radicado no Rio de Janeiro, investiga o alfabeto que ajuda a compor a obra suassuniana e traz afirmações relevantes a respeito das influências e acontecimentos que marcam o autor de *O santo e a porca*, destacando a importância da inspiração que se une ao intelecto para a concretização da obra de arte (TAVARES, 2007, p. 82-83). Na fusão sintética do fogo da inspiração com a aventura do intelecto realiza-se, nas páginas do depoimento de Dom Pedro Dinis Quaderna, a síntese dos estilos opostos de Clemente e Samuel, respectivamente, o “Oncismo”, estilo realista e popular, e o “Tapirismo”, estilo idealizador. Segundo Lind (1974, p 40), os dois estilos conjugam a tradição das lendas e romances negro-tapuia com a heráldica aristocrática e cavalheiresca, resultando no estilo régio. Para que não reste nenhuma dúvida aos nobres leitores e leitoras, transcrevemos um trecho do romance de Dom Ariano Suassuna, no qual aparece o narrador assumindo a prática dos dois estilos:

Tendo sido eu discípulo desses dois homens durante a vida inteira, nota-se à primeira vista que meu estilo é uma fusão feliz do "oncismo" de Clemente com o "tapirismo" de Samuel. É por isso que, contando a chegada do Donzel, parti, oncisticamente, "da realidade raposa e afoscada do Sertão", com seus animais feios e plebeus, como o Urubu, o Sapo e a Lagartixa, e com os retirantes famintos, sujos, maltrapilhos e desdentados. Mas, por um artifício tapirista de estilo, pelo menos nessa primeira cena de estrada, só lembrei o que, da realidade pobre e oncista do Sertão, pudesse se combinar com os esmaltes e brasões tapiristas da Heráldica. Cuidei de só falar nas bandeiras, que se usam realmente no Sertão para as procissões e para as Cavalhadas; nos gibões de honra, que são as armaduras de couro dos Sertanejos; na Cobra-Coral; na Onça; nos Gaviões; nos Pavões; e em homens que, estando de gibão e montados a cavalo, não são homens sertanejos comuns, mas sim Cavaleiros à altura de uma história bandeirosa e cavalariana como a minha. (SUASSUNA, 2007, p. 50).

Quando o leitor atenta para o estilo régio do personagem/narrador verá novamente a diferença da obra de Ariano Suassuna da chamada corrente do “Romance regionalista”, pois seu estilo se diferencia pela “grande criação literária, nascida dos subsídios sociais, antropológicos, filosóficos, históricos, etc” (CARRERO, 23 dezembro de 1971). Assim, reforça Lind (1974), Quaderna instala seu propósito maior, se tornar “Gênio Máximo da Humanidade”, superando Homero, pela composição de uma obra cheia de histórias e autores, como fez o bardo grego ao reunir a velha tradição épica grega na *Ilíada* e na *Odisseia*.

Para confirmar seu projeto, nosso Cronista desafiará também outros Mestres da Literatura Brasileira, citando-os na obra e reaproveitando textos de poetas, cronistas e romancistas, a exemplo de Gonçalves Dias, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Manuel

Antônio de Almeida, Fagundes Varela, Olavo Bilac, Carlos de Laet, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Tobias Barreto e Antônio Ático de Souza Leite, dentre muitos outros. O caráter híbrido do texto permite um estudo mais apurado a respeito da presença de cada um dos nomes citados dentro do texto suassuniano, porém, a demanda requer um tempo de dedicação *ad eternum*, trabalho para mais de século, o cabra tem que estar envolvido com o espírito do cachorro da moléstia!

Além dos respeitáveis autores e poetas citados, a presença de dois grandes nomes da Literatura Brasileira é marcante dentro do romance suassuniano, então, resolvi sair em uma expedição de meditação intelectual, para investigar a presença das figuras de dois grandes Mestres tanto de Ariano Suassuna, quanto do seu personagem. Os dois Mestres já pleitearam o cargo de “Gênio da Raça Brasileira”, mas possuíam a fórmula incompleta do vinho tinto da Pedra do Reino, talvez uma fórmula parecida com a minha, da qual bebo algumas lapadas do vinho que me conduz ao caminho da “sabença”, para escrever sobre o Reino do Sertão. Os mestres a quem me refiro são José de Alencar e Euclides da Cunha, de cujas obras o narrador suassuniano retira fortes influências para a realização de seu Castelo enigmático.

É por influência da biblioteca do pai que Ariano Suassuna transforma-se num leitor e admirador de Euclides da Cunha e de José de Alencar, autores que, juntos com José Lins do Rego e Guimarães Rosa, abrem largos caminhos para a representação do assunto sagrado do Sertão; pois, como diz Quaderna, “Uma coisa é o Sertão, outra coisa é o Mundo! Se o Mundo fosse divino, ainda se poderia duvidar. Mas o Sertão é que é divino, [...]” (SUASSUNA, 2007, p. 554). O legado dos referidos escritores na obra de Ariano Suassuna fica evidente no texto “Encantação de Guimarães Rosa”¹⁰, publicado ainda em 1967, antes mesmo do lançamento de *A Pedra do Reino*, datada de 1971. Segundo Ariano, é *O sertanejo*, de José de Alencar, o marco inicial do romance nordestino, que ganha dimensão épica com *Os sertões*, que possibilita o nascimento de outros grandes textos sertanejos; *Pedra Bonita e Cangaceiros*, de José Lins do Rego, que formam uma só epopeia denominada por Ariano Suassuna de “Gesta de Aparício”, além do *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, obra digna de gênio (SUASSUNA, 2008, p.145). É preciso destacar que as relações entre a obra de Ariano Suassuna e Guimarães Rosa se dão apenas na perspectiva de elevar o sertão à categoria de mundo, pois ambos comandam o exercício artístico de suas obras de maneiras completamente distintas, afirmação também reforçada por Lind (1971, p. 43). Enquanto Guimarães Rosa se

¹⁰ O texto consultado está publicado no *Almanaque Armorial*, com Organização de Carlos Newton Júnior, José Olympio, 2008. Foi originalmente publicado na Revista de Cultura da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, vol. 7, n. 4, p. 73-95, outubro/dezembro de 1967.

dedica em encenar suas histórias dando especial atenção para a recriação e fabulação da linguagem, Ariano Suassuna se dedica mais na reinvenção das heranças do passado histórico do Reino do Brasil, “esse Sertão do mundo”, destacando a forte influência da cultura ibérica, africana, indígena e hebraica na formação do povo sertanejo e brasileiro, e de todos os povos pertencentes à Rainha do Meio-dia. Para comprovar mais uma vez minhas afirmações, transcrevo *ipsis litteris* as palavras do narrador suassuniano, dizendo que: “Assim, sou o único escritor e Escrivão-brasileiro a ter integralmente correndo em suas veias o sangue árabe, godo, negro, judeu, malgaxe, suevo, berbere, fenício, latino, ibérico, cartaginês, troiano e cário-tapuia da Raça do Brasil!” (SUASSUNA, 2007, p. 421).

Ao apelidar seu “Romance-acastelado” como “Obra da Raça”, o “Escrivão-brasileiro” nos apresenta os caminhos da árvore genealógica do sangue brasileiro ao qual pertence, e aponta as rotas que dará com nosso costado nas leituras e estudos que conduzem a aventura da nossa meditação armorial. Toda a demanda dessa expedição novelosa se inspira, portanto, nas heranças não só do sangue, mas também nos legados culturais que marcam os povos formadores da nação brasileira, que contribuem para as entradas das cavalgadas sertanejas de Ariano Suassuna e o seu narrador/personagem nas Caatingas e estradas da Literatura erudita e popular, que trazem inscritas em suas veias as heranças do rapsodo grego, dos profetas hebreus, dos conquistadores latinos, dos navegadores ibéricos e dos guerreiros ameríndios e africanos que marcam o sangue da “Raça” brasileira. Avistado o caminho assinalado pela obra suassuniana, como pesquisador-bandeiroso que sou, bebo o sol do meio-dia, galopo meu riso e meu sangue no estudo da aliança entre os Cavaleiros sertanejos para entender o pacto, a memória da grande aventura vivida pelo Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha em terras brasileiras, especialmente nas Caatingas da literatura sertaneja, e no Castelo do Reino do Sertão.

FOLHETO VI. A AVENTURA DE DOM QUIXOTE NO BRASIL

“Aqueles que insinuaram que Menard dedicou sua vida a escrever um Quixote contemporâneo caluniam sua límpida memória” (Jorge Luis Borges).

Nobres senhores e belas Damas de faces que são “metades de romã”, “canteiros de bálsamos, colinas de ervas perfumadas”! A bem da verdade, se meter a falar de Dom Quixote é verdadeiramente arriscar a cabeça em meio ao sopro ardente, que se desprende dos arquejos

de olhares e risos de canto de boca, cheios de ironia, para me julgar. Mas, no sertão do meu Reino da Bahia, é mês de junho, as poucas chuvas de inverno caem na terra com sua piedade mansa, fazendo renascer o verde alegre que enche de esperança os sertanejos que enfrentam mais uma estiagem. Mesmo a água sendo pouca, já encontramos a sombra fresca para o descanso, debaixo das poucas árvores nativas que ainda embelezam a paisagem nua da caatinga.

Após beber na “Fonte do Cavalo”, sigo o meu galope, com a inspiração do engenho e da arte que mais uma vez toma meu espírito. Agora, toco a trombeta sagrada para entender o pacto, a memória da aventura do fidalgo manchego em terras brasileiras. Discorrer ou compor sobre Dom Quixote é sentir-se “metido dentro de uma aventura quijotesca”, dizia o grande estudioso do sertão de Medellín, na Colômbia, Antonio José Uribe Prada (1949). Então, é preciso relatar os acontecimentos da presença e permanência do espírito quixotesco nas Letras brasileiras, mesmo com o receio de escrever o que já se disse, pois “tudo já se disse sobre o *Quixote*. E tudo já se escreveu sobre as peregrinações e desventuras do engenhoso fidalgo manchego”, nos conta o poeta Ivan Junqueira (2005). Mas, acredito que ainda podemos apontar mais algumas relações entre a efígie e o mito do Cavaleiro da Triste Figura com a produção literária sertaneja, nordestina e brasileira, ressaltando que não vou interpretar ou me referir aos milhares de escritos e críticas nas mais diversas línguas e culturas, que se dedicam em observar, compreender e dizer das influências do Dom Quixote na literatura Ocidental. Fica o desafio para o espírito Diacevasta e quadernesco que se disponha em correr por essa exegese literária.

O papel importante que tem Miguel de Cervantes Saavedra na cultura Ocidental, segundo Ivan Junqueira, deve-se ao espaço crucial que ele ocupa “entre o crepúsculo da Idade Média e a Renascença” (2005, p. 9). Para o poeta d’*Os mortos* (1964), a influência de Cervantes sobre a literatura brasileira pode ser percebida já no século XVII, “em pleno florescimento do período barroco em nossas letras”, influência que marca toda a história da literatura, segundo Junqueira, devido ao conflito criado pelo autor entre a ilusão e a realidade, que inspira autores de todas as épocas, pós *Quixote*. Mesmo que nenhum autor tenha conseguido conciliar os dois polos, como o fez Cervantes através do humor, “recurso que harmoniza o diálogo entre o tom elevado e idealista do pensamento de Dom Quixote e o registro prosaico e utilitário das ponderações de Sancho Pança” (JUNQUEIRA, 2005, p. 12).

Segundo as palavras de Ivan Junqueira, o *Dom Quixote* chega no Brasil pela vertente realista do Barroco e sua marca já é percebida na poesia de Gregório de Matos. Já no século XVIII, surge uma ópera do dramaturgo Antônio José da Silva, “O Judeu”, intitulada “ópera

jocosa *Vida de Dom Quixote de la Mancha*, composta em duas partes e que foi estreada em outubro de 1733 no Teatro Beira Alta, em Lisboa” (2005, p. 13). Durante o Romantismo, a obra de Cervantes teria caído em certo esquecimento, ganhando novamente mais atenção com o advento do Realismo e Naturalismo e tendo como um de seus grandes leitores o Genial escritor Machado de Assis, também um dos Mestres de Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna. O patrono da sagrada Academia Brasileira de Letras se referiu, em diversos momentos de sua obra, ao texto cervantino, inclusive em seu romance gaviônico e funéreo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), onde aparecem as glórias e desventuras do filósofo das batatas, Quincas Borba, de Brás Cubas na construção do famoso “Emplasto Brás Cubas” e da penetrática filosofia do Humanitismo. No século XX, temos Olavo Bilac proferindo importante palestra sobre Cervantes, além de outros autores como José Veríssimo, destacando o lado idealista de D. Quixote, Monteiro Lobato publicando o *Dom Quixote para crianças*, Augusto Meyer publicando ensaios (1956 e 1964), Brito Broca (1951), San Tiago Dantas (1947), Otto Maria Carpeaux (1973) e o nosso grande pensador sertanejo Luís da Câmara Cascudo (em 1951), publicando o ensaio “Com Dom Quixote no folclore do Brasil”, segundo informações de Ivan Junqueira (2005).

Sobre a presença e a interpretação do *Quixote* pelas Letras brasileiras no século XX, Dona Maria Salete Toledo de Uzeda Moreira, da famosa Universidade de São Paulo, diz que “alguns escritores brasileiros escreveram artigos sobre o livro de Miguel de Cervantes, nas primeiras décadas do século XX”, já seguindo as ideias espalhadas por Miguel de Unamuno após a publicação de *Vida de Don Quijote y Sancho*, na qual o filósofo espanhol interpreta *Dom Quixote* de modo bem particular, como “um mito, salvador da Espanha em crise” (2002). Uma leitura romântica que inspira grande parte dos leitores de *Dom Quixote*, e faz com que os escritores e críticos brasileiros, principalmente no século XX, se dediquem em exaltar a esperança e o ideal do grande herói vencedor “que mostra sua coragem diante dos inimigos”, afirma Dona Maria Salete (2002).

O sentimento que envolve a escrita de Unamuno é semelhante à meditação de outro Mestre espanhol, José Ortega y Gasset, que afirmou que, “de certo modo, é D. Quixote a paródia triste de um Cristo mais divino e sereno: um cristo gótico macerado em angústias modernas” (1967, p. 57-58). Ao mesmo tempo, Ortega assinala que personagens como D. Quixote “são feitas de uma substância chamada estilo”, que bela afirmação! A construção desse estilo é de responsabilidade do seu criador, Miguel de Cervantes, cuja obra é de categoria tamanha que “tem que ser tomada como Jericó”, através de “amplos rodeios, nossos

pensamentos e nossas emoções devem estreitá-la lentamente, sonorizando o ar com trombetas ideais” (1967, p. 59).

Com a astúcia que Vossas Senhorias possuem, devem ter percebido que as palavras de Ortega y Gasset já anunciavam o Método de Josué, que conduz nossa meditação. Na leitura não só do personagem, mas também da obra cervantina, o pensador espanhol segura na mão de D. Quixote e Sancho e sai à cata de meditações filosóficas e quixotescas diante do quixotismo que arrebatou o criador do Cavaleiro da Triste Figura. Pela visão de Gasset, percebo que no *Dom Quixote*, criador e criatura são envolvidos pelo mesmo sentimento de busca que encantou e encanta leitores de todas as épocas e idades, e provoca discussões diversas entre estudiosos e curiosos da literatura. Não sendo coincidência o fato de o livro ser, depois da *Bíblia*, o mais lido, editado e traduzido do mundo, como também nos afirma o Professor Carlos Newton Júnior, testemunha da “Terceira saída do Quixote”, que trata do Quixote Suassuna, “do homem cujas ações, inclusive as mais corriqueiras, são carregadas de um profundo simbolismo” (2003, p. 211-212).

* * *

Na ficção sertaneja e brasileira, a efígie de Dom Quixote pode ser percebida em diversas obras. Segundo as palavras do poeta-tradutor d’*As flores do mal* Ivan Junqueira, temos “uma inequívoca influência do Dom Quixote” em *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, na figura do quixote sertanejo Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, conhecido também como “Papa-Rabo”, valente defensor da justiça. Outros nomes que teriam bebido na fonte cervantina foram Dalton Trevisan, Autran Dourado e Lima Barreto com o nosso querido e venerável Major Quaresma, do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, inventor de um projeto político nacionalista luminar e tapuia-brasileiro, que nem o filósofo Clemente Hará de Ravasco Anvérsio pode botar defeito.

A bem dizer, ainda no sertão ensolarado e açucareiro do Rio de Janeiro, o ideal quixotesco envolve o genial José Cândido de Carvalho na criação do “sujeito lavado de vaidade, mimoso no trato, de palavra educada”, o coronel de patente e por Direito de herança, Ponciano de Azeredo Furtado, que ficou “mordido de inveja” de Dom Ariano Suassuna, por não ter escrito *A Pedra do Reino*. Para provar a Vossas Senhorias o que digo, anexo no meu depoimento um bilhete escrito de próprio punho pelo coronel Ponciano para Dom Ariano Suassuna. Ao aparecer para o mundo pela pena de José Cândido de Carvalho, o coronel se afiança não só como um herói sonhador, mas como um decadente caçador de Onça e

desafiador de lobisomem, cantado em estilo e linguagem renovadores, que alça o autor d’*O coronel e o lobisomem* à categoria de gênio da literatura de língua portuguesa, figurando ao lado de espíritos como o de João Guimarães Rosa.

Do sertão cearense vem outra obra de primeira categoria, que traz personagens inspirados num quixotismo esperançoso. Trata-se do romance *O quinze*, da nobre e leal escritora, Dona Rachel de Queiroz, madrinha literária de Dom Ariano Suassuna, amiga e admiradora do romance de José Cândido de Carvalho, e responsável pelo prefácio sagratório e épico de apresentação do *Romance d’A Pedra do Reino*. Em *O quinze*, obra de estreia de Dona Rachel de Queiroz, o enredo faz referência à histórica seca de 1915, narrando o êxodo do homem sertanejo da região do Logradouro e Quixadá rumo à cidade de Fortaleza em busca de melhores condições de vida. A história gira em torno da migração da família de Chico Bento e do caso de amor não resolvido entre a professora Conceição e o vaqueiro Vicente. Em torno dos dois homens paira a aura quixotesca, se Vicente é o homem que consegue sobreviver, cheio de esperança, e até com certa ingenuidade dentro de um meio inóspito, que o “condena” ao sofrimento, à solidão e ao heroísmo, o personagem Chico Bento (Francisco), também vaqueiro, com nome comum a São Francisco de Assis – portanto, um “Francisco Bento” –, é sempre comparado a animais dentro do texto, tendo que manter-se rijo para conseguir fazer a travessia do sertão para a cidade em busca da sobrevivência da família.

Assim como D. Quixote, os personagens raquelianos se ligam à terra natal com sentimento de profundo pertencimento, pelo caráter aventureiro, a certa altura, ridículos, grotescos, excessivamente românticos e sonhadores. A aproximação entre o homem sertanejo do romance raqueliano e o herói de Cervantes acontece por meio da remissão a uma memória histórica e literária que aproxima os personagens d’*O quinze* à figura quixotesca. Sobre essa relação de conveniência, analogia e comunicação literária trago um discurso “penetrálico” do ensaísta, revolucionário de esquerda, Michel Foucault, no qual ele afirma que:

São ‘convenientes’ as coisas que, aproximando-se umas das outras, vêm a se emparelhar; tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra. Desse modo que, comunica-se o movimento, comunicam-se as influências e as paixões, e também as propriedades (1999, p. 24).

Em *As palavras e as coisas*, Michel Foucault, sentencia que “todas as figuras do mundo podem se aproximar”, incitando um “espaço sulcado em todas as direções, um ponto privilegiado”. Para o filósofo, esse ponto de apoio é o homem, que se encontra analogicamente erguido em proporção às faces do mundo (1999, p. 30). Deste modo, a

aproximação entre os personagens raquelianos com o Fidalgo da Mancha procede do movimento de aproximação, analogia e influência que resultam do jogo infinito de entrecruzamentos entre a natureza e o verbo, um movimento que brota da “intuição do penetral”, “o único-amplo” que conduz o homem do caminho da “desconhecença” para a “sabença”, quando ele é envolvido pelo “horrífico desmaio”, o “tonteio da mente abrasada” que arrebatava o espírito aventureiro do engenho intelectual, segundo o que diz as palavras de Clemente na filosofia do Penetral (2007, p. 193-196). Para trocar em miúdos as palavras régias e armoriais do espírito clementino e quadernesco, basta que os nobres leitores continuem a observar as palavras do filósofo francês, pois ele mesmo refletiu as mesmas ideias da “Filosofia do Penetral” ao pronunciar que “Por toda a parte há somente um mesmo jogo, o do signo e do similar, e é por isso que a natureza e o verbo podem se entrecruzar ao infinito, formando, para quem sabe ler, como que um grande texto único” (FOUCAULT, 1999, p. 47).

Se na escrita, através da literatura, temos o privilégio de perceber que o mundo do sertão é um livro que se apresenta para quem sabe ler, ao se deparar com as imagens de Vicente e Chico o leitor poderá reencenar em sua memória a figura rija e desengonçada do Cavaleiro da Triste Figura, reconhecendo-se a identidade, e o sangue de gerações e gerações de sertanejos que, ao longo da história, construíram o que se chama “identidade, individual ou coletiva”, cuja busca tanto angustia os homens mundo a fora, como diz o estudioso Jacques Le Goff (2003, p. 469).

* * *

Na epopeia d’*Os sertões*, já anunciado “o entrelaçamento consideravelmente complexo” de que resulta o povo brasileiro, marcado pelo sangue “árabe, godo, negro, judeu, malgaxe, suevo, berbere, fenício, latino, ibérico, cartaginês, troiano, e cário-tapuia da Raça do Brasil!”, como nos lembrou D. Pedro Dinis Quaderna, vemos também a pintura do cavaleiro medieval, pintada pelo sangue que transborda do espinho de mandacaru com o qual Euclides da Cunha escreve seu livro fundamental. Ao afirmar a força basilar que emana da “Raça” sertaneja, o escritor lembra do desempenho e do andar sem firmeza do “Hércules-Quasímodo”, um “gigante”, cuja postura abatida se agrava “num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente” (CUNHA, 2005, p. 146). Nem “a seca não o apavora”, pois seu espírito solar e cavaleiresco sabe que, como diz Cervantes, “as feridas que nas batalhas se recebem antes dão honra do que a tiram”, assim, o heroísmo nos sertões é marcado por

tragédias espantosas, mas também pela transfiguração do vaqueiro sertanejo na figura romântica do cavaleiro medieval. E nos diz Euclides da Cunha, embebido pela fórmula incompleta do Vinho da Pedra do Reino, “O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo e exausto da refrega. As vestes são uma armadura... é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo” (CUNHA, 2005, p. 151).

As palavras de Euclides da Cunha, ao mesmo tempo em que parecem pintar a figura do Cavaleiro dos Leões, profetizam as imagens de Vicente, Chico Bento e Quaderna, cujas representações se entrecruzam com as descrições traçadas por Euclides sobre o homem sertanejo em *Os sertões*. No jogo dos entrecruzamentos infinitos entre a natureza e o verbo percebemos a influência que a obra euclidiana legará a Ariano Suassuna e seu narrador, pois Quaderna lê nas imagens dos cangaceiros sertanejos a figura do Cavaleiro medieval, que se transveste com a armadura de couro para campear pelas caatingas sertanejas, encenando a “cavalaria-épico sertaneja”, exaltada n’*A Pedra do Reino*.

* * *

Aqui, já que apresento a minha defesa narrando uma dissertação-armorial “com esmaltes heráldicos”, sendo fiel à “mais armorial Cavalaria sertaneja”, no delineio da aventura de Dom Quixote no Brasil, dou reparo da permanência e influência do espírito e do ideal quixotesco sobre o “Romance heróico-brasileiro”, “ibero-aventuresco” de “cavalaria épico-sertaneja”, arquitetado pelo narrador megalomaníaco de Ariano Suassuna.

No livro de Ariano Suassuna é possível encontrar impresso o sangue do Cavaleiro dos Leões, segundo Maximiano Campos, no Posfácio escrito para o romance suassuniano, “o sonho épico, o riso e a ironia do seu autor” faz com que encontremos o parentesco entre *A Pedra do Reino* e o *Dom Quixote*. Para o autor de *Sem lei nem rei*, “Quaderna é um misto de Quixote e Sancho, com predominância do Quixote” que, “não se contentando em viver as suas aventuras, resolvesse também contá-las” (CAMPOS, In: SUASSUNA, 2007, p. 751-752). É preciso ponderar que entendo as palavras de Dom Maximiano Campos não como a afirmação de que Quaderna é envolvido pela mesma loucura que acomete Alonso Quijano, antes, Dom Maximiano nos aponta o espírito epopeico, rapsodo e diacevasta que faz o narrador/personagem de Ariano Suassuna reunir em sua obra as “aventuras dos seus ancestrais”, as experiências e peripécias que leu e ouviu para fazer “do Sertão um palco gigantesco onde são representados, através dos seus personagens, os dramas da condição humana” (CAMPOS, In: SUASSUNA, 2007, p. 746).

Como Cervantes utilizou a Espanha para encenar os dramas humanos no *Quixote*, Suassuna escolhe o Sertão áspero, belo e violento para construir a sua obra “na linha das grandes *revelações* místicas de um povo”, como decifra o roteiro construído por Ângelo Monteiro sobre *A Pedra do Reino* (1974, p. 22). Segundo o Professor Carlos Newton Júnior, “o quixotismo que se espraia pelo livro é ainda mais intenso do que o quixotismo de Quaderna”, pois “Ariano Suassuna foi quem, até agora, entre nós, levou mais a sério o quixotismo enquanto ideal de vida” (2003, p. 210). O que faz com que seu personagem Dom Pedro Dinis Quaderna seja considerado por Maximiano Campos como um misto de Quixote e Sancho, personagens que compõem o grande romance de Dom Miguel de Cervantes, encenando o espiritualismo ideal do mito quixotesco que faz a vida valer a pena.

É possível, nobres leitores, entender a aventura novelosa do quixotismo enquanto ideal de vida quando nos deparamos com o texto do juriconsulto colombiano Antonio José Uribe Prada, reflexão escrita por um espírito embriagado por boas lapadas da água paradisíaca dos riachos da régia “Fonte do Cavalo”. A substância do texto de Uribe resulta do mais puro engenho intelectual latino-americano que encampa uma expedição novelosa para demonstrar o quixotismo que envolve o personagem Sancho Pança “de quien Cervantes no hubiera podido prescindir”, pois, segundo Uribe, sobre Sancho se deposita a biografia da espécie humana (1949). Haja vista que o fiel escudeiro representa o barro, a matéria, dotada de razão e defeitos, que espreita o mito, a luz, o espírito. Nas palavras de José Uribe, as personalidades dos dois cavaleiros, Quixote e Sancho, contrários que se completam para encenar a própria humanidade. Dessa soma resulta o caráter transcendental da obra cervantina que chegou aos nossos dias, passados quatro séculos desde a sua concepção, como uma obra fundamental para manter aceso o sonho da humanidade, o espiritualismo que faz a vida valer a pena. O que digo e posso comprovar, transcrevendo as palavras dignas de um pensador do chão e da embriaguez que é colombiano Antonio José Uribe Prada (1949):

La humanidad representada en Sancho Panza se asoma a la obra cervantina, y en este personaje se reconoce y se halla; como Sancho Panza, ama y venera y cuida a don Quijote, oponiéndose a su muerte; con la misma fuerza mental y romántica con que Sancho no quiere dejarlo morir, porque sin el espiritualismo que el mito de don Quijote alegoriza la vida no vale la pena; porque sin el ideal que simboliza don Quijote, y que todos llevamos dentro de nosotros mismos, la humanidad, como Sancho, perece, puesto que el «quijotismo» es su substancia vital, es su esencia y la razón única de su existir.

Ao reconhecer o amor de Sancho por Dom Quixote, comprovado no momento da morte do Cavaleiro da Triste Figura, como reforça Uribe, o leitor entende que “don Quijote es

la llama idealística que arde en todo corazón humano”. Enquanto Sancho é a voz e os olhos da humanidade que assiste ao abandono dos ideais aspirados por Quixote, que verdadeiramente se transforma no mesmo homem que é Sancho, sendo os dois um misto de si mesmos, como o é Ariano Suassuna, com seu ideal quixotesco de vida, e como o é Dom Pedro Dinis Quaderna com sua vida cheia de aventuras e visagens. Já percebendo o olhar lacrimejante que toma vossos olhos, desfiro o golpe de misericórdia, transcrevendo a cena da morte de Dom Quixote no mesmo momento em que se despede do amigo Sancho, para que eu possa avaliar as minhas meditações e as certificações de José Uribe Prada, a respeito do quixotismo que marca o sangue do homem sertanejo representado pela literatura brasileira, como também pela vida e obra suassuniana.

- Perdoa-me, amigo, o haver dado ocasião de pareceres doido como eu, fazendo-te cair no erro, em que eu caí, de pensar que houve e há cavaleiros andantes no mundo.
 - Ai! – respondeu Sancho Pança, chorando. – Não morra Vossa Mercê, senhor meu amo, mas tome o meu conselho e viva muitos anos, porque a maior loucura que pode fazer um homem nesta vida é deixar-se morrer sem mais nem mais, sem ninguém nos matar, nem darem cabo de nós outras mãos que não sejam as da melancolia. Olhe, não me seja Vossa Mercê preguiçoso, levante-se dessa cama e vamos para o campo vestidos de pastores, como combinámos. Talvez em alguma mata encontremos a senhora dona Dulcinéia desencantada, que não haja aí mais que ver. Se morre de pesar de se ver vencido, deite-me as culpas a mim, dizendo que por eu ter apertado mal as silhas de Rocinante é que o derrubaram; tanto mais, que Vossa Mercê há-de ter visto nos seus livros de cavalarias ser coisa ordinária derribarem-se os cavaleiros uns aos outros, e o que é hoje vencido ser vencedor amanhã. (CERVANTES SAAVEDRA, 2009, p. 509-510).

Então nobres Senhores e belas Damas de olhos perturbadores, “Ved a la humanidad llorando la muerte de un dios, la fuga de un sueño, el abandono de una idea querida”, diz José Uribe (1949), ao observar o diálogo final entre o “Cavaleiro da Triste Figura” e o seu “Fiel Escudeiro”. O momento em que o próprio Sancho, antes espectador das aventuras do seu senhor, o convoca rumo às aventuras, com o espírito embebido pelo vinho sagrado do quixotismo derramado por toda a Obra de Dom Miguel de Cervantes Saavedra. Na cena, o fiel escudeiro reconhece que um cavaleiro de tamanha grandeza e ideal não poderia deixar-se vencer sem que trave uma batalha final, ou seja, derribado de seu Rocim por um espírito contrário aos seus sonhos e ideal.

* * *

Mas a aventura de Dom Quixote no Brasil ainda não acaba aqui. Após a pequena expedição à América latina, mais precisamente à Colômbia do político, diplomático e

professor Antonio José Uribe Prada, peço a licença de todos para dizer que, me utilizando das palavras de Dom Cárolus Vilanova, “há ainda no *Romance d’A Pedra do Reino*, situações e personagens – além do próprio Quaderna – que fazem lembrar, de imediato, passagens e personagens do *Dom Quixote*” (2003, p. 210). Para não ficar chato e repetitivo, lembro apenas do episódio da Onça mijadeira, Folheto LVIII, no qual Dom Eusébio Monturo, “O Valente Azarado”, se depara com uma onça debaixo da cama de Dona Nanu, arrasta triunfante a Onça pelo rabo até a praça de Taperoá, não dando conta de que se tratava de “uma velha Onça de circo, decadente, fêmea e desdentada” que, diante do barulho do povo na praça “começou a ganir de terror, com uns miados queixosos que pareciam choro de menino novo. E, o que foi a parte pior,” a Onça “mijou-se e cagou-se toda!”, provocando as gargalhadas dos espectadores e a tristeza de Dom Eusébio. Esse episódio reescreve, no estilo galhofeiro e régio de Ariano Suassuna e seu narrador Dom Pedro Dinis Quaderna, a aventura dos Leões, a partir da qual Dom Quixote passa a usar o título de “Cavaleiro dos Leões”, abandonando a denominação de “Cavaleiro da Triste Figura”. Outros momentos podem ser citados, como nos lembra o texto do professor Carlos Newton Júnior, mas fico na lembrança desse episódio cheio de riso, galhofa e safadeza que envolveu “O Paladino do Povo”, alcunhado de “Eusébio Mijurético! Purgante de Onça! Cagão de Maracajá!”, pelo povo alegre e brincalhão que assistia ao episódio na praça de Taperoá (SUASSUNA, 2007, p. 415-418).

O leitor poderá também se lembrar ou se dedicar em investigar uma possível analogia que “a intuição do penetral” pode despertar ao nos reportarmos ao episódio da cova de Montesinos do *Quixote* com a profética “Furna Misteriosa” vista pelo Profeta Nazário, pai de Dina-Me-Dói.

Na obra do personagem/narrador Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, cuja reputação entre os literatos de Taperoá era de “Cangaceiro, caçador e Cavaleiro”, a Península Ibérica é uma fonte de onde erigem dois grandes mitos que, segundo o Professor Samuel, vão de encontro um ao outro. Na Espanha tem-se as “molecagens vulgares” da obra de Cervantes, enquanto Portugal “fornece ao mundo a última figura de Cruzado e Cavaleiro que existiu, Dom Sebastião, O Desejado”, como poderei argumentar mais adiante do meu discurso-acadêmico e armorial (SUASSUNA, 2007, p. 223). A bem dizer, Quaderna encampa a expedição quixotesca para também cantar a “Dor universal”, preocupação de todo poeta, como ele lera certa vez num texto de Humberto Nóbrega sobre Augusto dos Anjos, um de seus Mestres e precursores, pois, inspirados em poetas, escritores e obras diversas, Quaderna é tomado pela visagem do mundo, “um Bicho sarnento” (SUASSUNA, 2007, p. 540). Jogado então, pelas visagens proféticas encenadas na fusão dos elementos que utilizava para realizar

suas cerimônias como “Sumo-Pontífice da Igreja Católico-sertaneja”, o narrador suassuniano faz sua aliança com a Literatura, em favor de se tornar “Gênio da Raça Brasileira” “sem matar ninguém e também sem ter a garganta cortada”. É então que surge a aliança com dois Mestres e precursores, José de Alencar e Euclides da Cunha, provando que sua Obra descende em linha direta da épica alencariana e euclidiana, desbravadoras do Sertão profundo do Brasil; palco gigantesco para representar o sonho e a sina da humanidade, palco do sonho do Quinto Império, palco onde o Sancho-Suassuna-Quaderna chora, tomando para si a necessidade vital da Cavalaria andante – o mito –, amada e cobiçada por Quixote-Suassuna-Quaderna.

FOLHETO VII. OS TRÊS CAVALEIROS SERTANEJOS

Era um feito! Como habitante do palco do sonho do Quinto Império, enceto minha outra volta diante do muro do Castelo sertanejo, embrenhando-me por entre as juremas, juazeiros, faveleiros que enfeitam a “terra amplíssima” de onde emergem muralhas de serras, como o morro dos Lopes, com suas “pirâmides de blocos arredondados e lisos”, que reflete a luz enceguedora do Sol fagulhante do meio-dia sobre meus olhos, desenhando, com letras de fogo, a sentença do sangue que a Onça Malhada do Divino precipitou sobre a cabeça dos Três Cavaleiros sertanejos, meus mestres e precursores, aprisionando-me também no seu inexpugnável deserto, de onde me dirijo a todos os acadêmicos que me ouvem, em especial a Banca corregedora que julga o meu canto espantoso e disforme.

Sim! A necessidade vital me faz arranjar um depoimento solar, cheio de curvas riscadas com engenho e arte por entre o Sertão, palco da obra Castelar do nobre escritor Ariano Suassuna e seu narrador Dom Pedro Dinis Quaderna. A minha expedição se depara agora diante de uma relação de amizade literária umbilical que liga as obras de Euclides da Cunha, José de Alencar e Ariano Suassuna, de onde nasce uma disputa das mais sangrentas, proféticas, bandeiras, cavalarianas e heráldicas que se tem notícia no Brasil e no mundo do sertão. Escutem, pois, nobres senhores e belas Damas de peitos orvalhados e gotejantes de mirra! A minha história de intriga, amor, ódio, presepada e meditação, que começa em 1875, com a publicação de *O sertanejo*; passa por acontecimentos sangrentos e epopeicos iniciados em outubro de 1896 e culminando em 1902, com o acontecimento da Campanha de Canudos e a publicação de *Os sertões*; depois vemos episódios bandeirosos nos meses de junho de 1927 e outubro de 1930, anos de nascimento de Ariano Suassuna e falecimento de seu pai João

Suassuna, respectivamente; para finalmente ganhar capítulos decisivos entre os anos de 1958 e 1971, quando se consagra o pacto de estro, com a escrita e publicação do *Romance d'A Pedra do Reino*.

Agora, engulo mais uma lapada do Vinho sagrado da Pedra do Reino, do qual possuo uma variante da fórmula incompleta, e parto para traçar o mapa da representação do “Reino sagrado do sertão” dentro do romance de Ariano Suassuna, que desafia, há mais de quatro décadas, estudiosos brasileiros, sertanejos e de outras terras mundo a fora. Na demanda para desbravar esse Reino, pesquisadores mergulham na biografia de Dom Ariano Suassuna para explicar a importância da figura paterna de João Suassuna na obra do autor. Aqui, interessa-me dizer que é por meio da influência da biblioteca do seu pai que o escritor d’*O casamento suspeito* tem contato direto com o mundo sertanejo, despertando o amor ao Sertão e à obra de Euclides da Cunha, como comprovamos nas palavras do próprio escritor, proferidas nos discursos de posse da Academia Brasileira e na Academia Paraibana de Letras, respectivamente em 1990 e em 2000: “Foi de meu Pai, João Suassuna, que herdei, entre outras coisas, o amor pelo sertão, principalmente o da Paraíba, e a admiração por Euclides da Cunha” (SUASSUNA, 2008, p. 237).

Além dos livros de cavalaria, da literatura dos folhetos, cuja raiz remonta aos romances de origem ibérica, inúmeras referências literárias e culturais contribuem para a recriação que Ariano Suassuna fará do sertão dentro do *Romance d'A Pedra do Reino*, através do estilo régio proferido pelas palavras do seu narrador. No meio das diversas citações¹¹, menções e referências estão as obras de José de Alencar e Euclides da Cunha, iniciadores do romance nordestino. Enquanto Alencar é o precursor com *O sertanejo* (1875), Euclides, com *Os sertões*, eleva o “espírito épico e guerreiro” do sertão nordestino, contribuindo, inclusive, segundo Ariano Suassuna, para a possibilidade do *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, como posso comprovar transcrevendo as palavras do próprio Suassuna:

A presença de *Os Sertões* é visível, pelo menos no subconsciente de João Guimarães Rosa quando concebeu o *Grande Sertão: Veredas* e alguns de seus contos [...]. Tanto em Euclides da Cunha como em João Guimarães Rosa, está presente o mesmo espírito épico e guerreiro, um recriando o Sertão nordestino, outro, o mineiro, mas ambos com heróis que não são mais puramente ibéricos, nem negros, nem tapuias, nem mouros, mas uma mistura de tudo isso, porque são brasileiros e castanhos” (SUASSUNA, 2008, p. 138-39).

¹¹ Tese sobre a técnica das citações em *A Pedra do Reino. Ariano Suassuna: Romance d'A Pedra do Reino – Zur Verarbeitung Von Volks-und Hochliteratur in Zitat*. Gêneve: Libraire Dorz, 1979. [Kolner Romanistische Arbeiten, 54].

Para Ariano Suassuna, portanto, *Os sertões* seria a obra que definiu a face guerreira e castanha do Brasil, ou seja, demonstrou que Canudos, a quem o narrador Quaderna chama de “Tróia brasileira”, foi um acontecimento histórico único, mas que repetiu traços do episódio da Pedra Bonita ou Pedra do Reino, o fato inspirador do enredo, ou de um dos enredos, do *Romance d’A Pedra do Reino*. Assim, Euclýdes da Cunha manifesta não só a complexidade do processo de formação histórica, social e cultural do país, através da face do sertão, mas também alça a figura de Santo Antonio Conselheiro como o grande “herói-pai”, “herói-decifrador” e homem divino, como o foram os grandes heróis das epopeias ocidentais, a exemplo de Ulisses, Príamo e Édipo (SUASSUNA, 2008, p. 139).

Segundo o Professor e pesquisador Carlos Newton Júnior, foi sob a influência de Euclýdes da Cunha que Ariano Suassuna elaborou a “Visão Castanha do Mundo”, postulada na Tese de Livre Docência do escritor, *A Onça Castanha e A Ilha Brasil*. Para o estudioso, Suassuna via no castanho a “aspiração talvez inconsciente, mas verdadeira e profunda, irreprimível, do Povo brasileiro” (NEWTON JÚNIOR, 2003, p. 78). Ainda observando as influências de Euclýdes e Canudos no texto suassuniano, a pesquisadora Dona Cláudia Souza Leitão, em dedicado estudo sobre a Ética e a Estética Armorial, destaca que o papel do Conselheiro como personificação do mito do “herói-cavaleiro”, e da oposição que Canudos mostrará ao “país moderno” através do álibi religioso reforça e justifica a imagética da vida comunitária. A vida em comunidade significaria, dentro da obra suassuniana, a percepção da arte sertaneja como instrumento magistral da expressão do imaginário da cultura do sertão, espaço que se caracteriza pela indistinção entre as culturas erudita e popular (LEITÃO, 1997, p. 96-106). Toda essa engrenagem define, em certa medida, o projeto do Movimento Armorial, liderado por Ariano Suassuna na década de 1970 em Recife, ao lado de outros artistas nordestinos, com vistas a exaltar a cultura e a literatura popular do Nordeste, aproveitando todo o potencial de arte e expressão que o espaço e os espetáculos locais apresentavam aos artistas como aprendizado e como matéria-prima para suas práticas artísticas, seja o teatro, a poesia, o romance, a música, as artes plásticas, a pintura, enfim.

O projeto do personagem/narrador de Ariano Suassuna é tão ou mais grandioso que o Movimento Armorial, e para realizá-lo ele se embebe da festa e da embriaguez dionisíaca, através da descoberta do “Vinho da Pedra do Reino”, bebida que, além de restaurar a sua “homênciã”, adormecida pelo chá de cardina que seu pai lhe deu ainda na infância, lhe

transforma no “único Poeta completo, genial e régio que existe no Mundo!”¹². Segundo o narrador, a bebida é também capaz de atrair o “Poder”, “Fortuna”, “o Dom-profético” e o “Amor!”. Com o argumento de ser o único detentor da fórmula completa do “Vinho da Pedra do Reino”, Quaderna se credencia para escrever o grande “Romance da Raça”, superando de uma vez por todas José de Alencar e Euclides da Cunha, desafio que conduz toda a narrativa de Ariano Suassuna.

Para situar o leitor, dou um pulo em direção às últimas cenas da disputa entre os três Cavaleiros sertanejos, onde Quaderna dá seu depoimento ao Juiz Corregedor, para sustentar sua linhagem histórica e literária, demonstrando o caminho para a criação do maravilhoso e engenhoso “Reino sagrado do Sertão”, moldado a partir da embriaguez literária que homenageia a fonte inesgotável da tradição, síntese do estilo quadernesco.

- E Euclides da Cunha? E José de Alencar? – perguntou o Corregedor, como indagando o que é que tinham a ver com aquilo dois consagrados escritores brasileiros. Não me dei por achado e respondi:

- Euclides da Cunha fala da jurema como sendo a árvore predileta dos Sertanejos, por ser o seu haxixe capitoso, que lhes fornece inestimável bebida que os revigora, feito um filtro mágico. Quanto a José de Alencar, é num bosque de juremas que Iracema dá a Martim umas gotas de estranho e verde licor que era exatamente o Vinho verde de jurema – um dos ingredientes do Vinho total. Pois bem: mesmo com a receita incompletíssima de José de Alencar e Euclides da Cunha, só por beberem essa parte do Vinho, entre Martim e Iracema as safadezas que grassam são as maiores do mundo! Diz José de Alencar que, depois de beber vinho de jurema, Iracema começou a ficar feito uma Onça no cio, desejando abrigar Martim contra todos os perigos e recolhê-lo em si como num asilo impenetrável (SUASSUNA, 2007, p. 717-718).

E por fim, escumando a embriaguez sertaneja do “cio, cavalgação e reinação do Vinho”, afiançadas por Afrânio Peixoto, Quaderna arremata:

Todo escritor, portanto, que queira escrever sobre o Reino sagrado do Sertão – único assunto digno do gênio, como provou Fagundes Varela -, tem que beber desse Vinho, nem que seja na fórmula incompleta de Alencar, Euclides da Cunha e Antônio Ático de Souza Leite. Quando um não bebe e se mete a escrever, a gente conhece logo: ele não escreve escumando, e tudo o que sai de sua pena é falso, infiel às pedras, aos espinhos e ao sangue do Sertão! (SUASSUNA, 2007, p.719)

As palavras declamadas pelo narrador deixam clara a importância de se ingerir o Vinho Encantado para poder falar sobre o sertão. Para Quaderna, desde Alencar e Euclides, a bebida é marca das construções escritas sobre o sertão, pois serve de fonte inspiradora

¹² Ver texto da autoria do próprio autor: “Os mitos dionisíaco e apolíneo no *Romance d’A Pedra do Reino e O Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, de Ariano Suassuna”.

para se escrever “escumando”, ou seja, criar uma estética que seja o mais fiel possível a todo potencial imagético e cultural do *locus* sertanejo. O estabelecimento do Vinho Encantado da Pedra do Reino como marca na prosa do narrador/personagem suassuniano extrapola a embriaguez dionisíaca para estabelecer o resgate da memória criadora da imagem do sertão diante da tradição literária brasileira. Assim, o “Cronista-Fidalgo” vê em José de Alencar e Euclides da Cunha dois nomes de peso dentro dessa tradição, pois os dois escritores contribuíram de maneira substancial para o desenvolvimento da imagem estética e literária do sertão. Com o domínio da embriaguez régia, pulsando em seu narrador, Ariano Suassuna desafia, portanto, os seus precursores, para fabular um sertão com dimensões maiores do que as construídas por José de Alencar e Euclides da Cunha.

* * *

Afinal, quem teria então, a fórmula completa e modelar do Vinho inspiratório e sagrado? Por que Quaderna vê em Antônio Ático de Souza Leite, José de Alencar e Euclides da Cunha a bebida em sua fórmula incompleta? Com certeza, outras tantas teses poderiam servir de resposta às inquirições, mas como sigo a meditação circular proposta pela visagem felina do Divino ao profeta judaico-sertanejo Josué, tenho que apontar os caminhos da máxima quadernesca aos meus ilustres leitores e belas leitoras.

Em Antônio Ático de Souza Leite, o narrador buscará as informações históricas a respeito da chacina da Pedra Bonita, que aconteceu no século XIX no sertão de Pernambuco, e serve como um núcleo base do romance. Já em José de Alencar e Euclides da Cunha, Quaderna encontrará os marcos literários, epopeicos e ensaísticos a respeito do sertão que inspirará seu projeto de erguer o “Reino sagrado do Sertão” e elevar-se à categoria de Gênio. Basta que eu cite apenas dois trechos do romance para provar o que venho dizendo. Primeiro o desafio em superar José de Alencar através da Cavalaria.

[...] é um acontecimento bastante bandeiroso e cavalariano para dar um tom régio à minha *Obra*. E finalmente porque dois dos melhores “romances” do meu precursor e mestre, o Fidalgo sertanejo Dom José de Alencar, começam com cavalgadas, e eu não posso deixar que ele fique na minha frente de jeito nenhum! O senhor já leu *O Guarani* e *O Sertanejo*?

- Naturalmente, quando era rapazola! Depois de adulto, não!

- Precisa reler, Sr. Corregedor, precisa reler! José de Alencar é, até agora, o maior romancista, o maior fazedor-de-romances, o maior romancista-de-cavalaria do mundo, título de glória do qual só desfrutará, é claro, até o aparecimento do meu Castelo sertanejo e epopéico, momento em que passará para o segundo posto! [...]! O senhor há de lembrar que *O Guarani* começa apenas com uma cavalgadazinha besta, dez ou doze Cavaleiros que acompanham Álvaro de Sá em demanda, para o

“Solar do Paquequer” [...]. *O Sertanejo* também começa com uma só cavalgada, a que acompanha o Capitão-Mor Gonçalo Pires Campelo e sua filha, a Princesa Dona Flor, na sua viagem de volta para a “Fazenda Oiticica”, casa-nobre e torre-das-honras daquele poderoso Fidalgo sertanejo do século XVIII. Ora, sendo esses os dois romances-de-cavalaria mais épico-sertanejos do meu Precursor, vou, logo de saída, ganhando a briga para ele, porque vou começar meu Romance com uma cavalgada na estrada e uma Cavalhada na rua, num total de oitenta e quatro Cavaleiros, isto é, sete vezes Doze Pares de França para um começo de Epopéia só! (SUASSUNA, 2007, p. 357-358).

É desafiando suas histórias para o Corregedor, em depoimento, que Quaderna encena a demanda novelosa para superar a genialidade de José de Alencar, tudo porque seu Romance começaria, como de fato acontece nos Folhetos que abrem a narrativa, com a chegada da Estranha Cavalgada do “Rapaz-do-Cavalo-Branco” à Vila de Taperoá, ao mesmo tempo em que acontece um desfile, a Cavalhada do Cordão Azul e do Cordão Encarnado, representando os Doze Pares de França, vividos pelos doze irmãos de Quaderna. Com a encenação das Cavalgadas, o “Cronista-Fidalgo” e “Rapsodo-Acadêmico” intenta superar seu precursor não só em quantidade de Cavaleiros, mais na diferença do estilo, já que ele cria tudo no estilo régio, mais solar e galhofeiro.

Durante a narrativa suassuniana o leitor se deparará com diversas citações e remissões à obra alencariana, aparecendo não só os dois melhores romances-de-cavalaria épico sertanejos do bardo cearense, como também outros folhetins consagrados, a exemplo de *Lucíola*. Na imagem de Lúcia, ou Lucíola, Quaderna percebe o encanto e o enigma de uma mulher que tem duas naturezas, a de “Anjo” e a de uma “Jumenta no cio”, pois “seu amor era como certas plantas vorazes – a urze das paixões, o cacto selvagem dos nossos campos”. Essa citação é feita pelo próprio Quaderna dentro de sua narrativa, onde ele também destaca as disputas entre José de Alencar e Joaquim Nabuco. Além disso, o narrador suassuniano afirma levar mais uma vantagem sobre José de Alencar na representação das personagens femininas, pois se a sua “Clara era como Cecília, Genoveva como Isabel: uma loura e angélica, a outra, morena, ardente no cio. Mas Heliana juntava tudo isso, não em contradição e separadamente”, “sim em unidade”, pois ele poderá dizer apenas em Heliana, tudo o que José de Alencar disse em várias de suas personagens femininas (SUASSUNA, 2007, p. 503-504). A bela Heliana era filha de um amigo do padrinho de Dom Pedro Dinis Quaderna, Dom Sebastião Garcia-Barreto, o pai de Sinésio, o “Rapaz-do-Cavalo-Branco”, que, por sua vez, apaixonou-se perdidamente por Heliana em uma viagem ao Rio Grande do Norte, onde residia a bela moça e mulher que banhava os seios com mel.

A construção das personagens femininas figura como mais um ponto utilizado por Ariano Suassuna para desafiar a obra de José de Alencar. Basta lembrar que romances como

Senhora e Lucíola são protagonizados por mulheres e elevam o nome de José de Alencar enquanto romancista. A Ariano caberá a construção da sedutora e enigmática Heliana, da bela “jumenta no cio” Maria Safira e da doce e pudica Margarida Torres Martins, a escritã de todo o depoimento de Quaderna, a quem ele busca seduzir e tocar com as palavras e histórias narradas durante o interrogatório. A “distinta e inacessível” Margarida faz parte de uma organização feminina da fidalguia sertaneja de Taperoá, a “Vidacasta”, Virtuosas Damas do Cálice Sagrado, lideradas por Dona Carmem Gutierrez Torres Martins, mãe de Margarida.

O narrador suassuniano diz ainda que a sua “Cavalhada brilhante, alegre, ordeira e animada” será “muito superior àquela que inicia *As Minas de Prata*, obra genial de meu precursor, Dom José de Alencar” (SUASSUNA, 2007, p. 397). Propondo a superioridade de seus eventos sobre as narrativas alencarianas, o texto suassuniano não diminui a literatura de José de Alencar, antes, reconhece a genialidade das obras, o papel pioneiro e desbravador do autor de *Iracema* no panteão da literatura nordestina, sertaneja, brasileira, obedecendo ao espírito galhofeiro, meio irônico e brincalhão de Quaderna. Ao narrador, caberá superar a genialidade alencariana para alcançar uma dimensão maior de genialidade.

Quando Ariano Suassuna reúne autores e textos que contribuem para a construção do seu castelo literário, segundo Maria Aparecida Lopes Nogueira, o autor “busca uma resposta íntima que amenize as angústias num refluxo que parte do presente em direção ao passado, a fim de imprimir uma continuidade à criação e inventar o futuro” (2002, p. 206). É então que entendemos, nas palavras do narrador suassuniano, que seu estilo de reconhecimento e reunião da literatura de cavalaria, de caráter epopeico, é a confirmação do desejo de ser genial, clássico e eterno, situar-se além do tempo pela Literatura.

Com relação a Euclides da Cunha, Quaderna se propõe ampliar a visão cientificista a respeito do Sertão, sem deixar de reconhecer que as palavras de Euclides influenciam diretamente na sua devoção por Santo Antonio Conselheiro de Canudos, e até mesmo na construção de seu “Catolicismo sertanejo”. Assim, sendo Euclides da Cunha seu mestre e precursor e tendo pertencido à Academia Brasileira de Letras,

Com essa autoridade, que o torna indiscutível, ele nos demonstra no seu tratado *Os Sertões* que o nosso Sertão tem uma face de Inferno e outra de Paraíso. Acontece, porém, que Euclides da Cunha, por mais genial que fosse, era apenas um precursor meu: não era Astrólogo e Decifrador, nem era o Gênio da Raça Brasileira, de modo que não sabia que, na verdade, a face do Sertão é tripla, e não dupla! É o Inferno, o Purgatório e o Paraíso; uma parte macha, uma macha-e-fêmea e outra só fêmea – a *Saturnal*, a *Solar* e a *Lunar*. (SUASSUNA, 2007, p. 409).

Ao avistar o Sertão com uma face tripla e não dupla como diz Euclides da Cunha, Ariano Suassuna inspira-se novamente na Poesia clássica, lembrando a divisão da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, para afirmar-se como um verdadeiro escritor do Sertão. Todo o esforço do autor em reunir uma tradição da literatura em sua obra e demonstrar o Sertão como assunto digno da Literatura Clássica e modelar, através da voz do seu narrador, faz perceber o projeto artístico, político e ideológico de elevar e preservar a cultura nordestina através do Movimento Armorial. O narrador suassuniano mergulha então na “Fonte do Cavalo” e diz ao leitor inquiridor, representado pela figura do Juiz Corregedor, “se quiser entender, bem mesmo, tudo isso, deve limpar os olhos e ver”. É aqui que, segundo Dona Guaraciaba Micheletti, o narrador estabelece mais uma vez o contato com o leitor, conduzindo-o para o seu périplo de herói-enunciador que busca, pelo discurso, fazer valer toda sua experiência de leitor, construída no contato com obras da literatura ocidental e na vivência das obras dos cantadores nordestinos (2004, p. 13).

Em *Os sertões* Euclides da Cunha dedica também breve olhar ao episódio da Pedra Bonita, a ocorrência é apanhada ao acaso pelo jornalista, dentre as muitas agitações sertanejas que ele diz existir, ainda sem nenhum historiador que dedicasse seus esforços para documentar os acontecimentos (CUNHA, 2003, p. 93). Ao contrário de seu antecessor, Quaderna entende o episódio da Pedra Bonita como o enigma a ser circulado, com vistas a construção de seu Castelo, erguendo ali o centro do seu sangue, de sua genealogia histórica, sociológica e literária. O nobre Professor Carlos Newton Júnior, em sua tese, também reage contra a falta de atenção que acometeu Euclides da Cunha no momento que resolve lembrar dos episódios, “um frêmito de nevrose”, que passou pelo sertão. Segundo Newton Júnior as divergências entre *Os sertões* e *A Pedra do Reino* acontecem até nas datas do episódio sangrento, fato justificado pelo espírito de conversão e perturbação que envolvia Euclides da Cunha na época da escrita do bloco de pedra, desmedido, indecifrável e desordenado que é *Os sertões* (2003, p. 117-120).

Ao final de tudo, o que vemos é a coroação de Dom Pedro Dinis Quaderna, no estilo régio, armorial e galhofeiro sertanejo, por meio do qual ele reconhece José de Alencar e Euclides da Cunha, como padrinhos de sua demanda, precursores e desbravadores de um Reino sertanejo que ele começa a desvendar através do seu depoimento, e eleva quando finda sua obra e é coroado pelos próprios precursores.

- Em nome dos Cantadores e do Reino, conjuro todos a coroar o nosso Rei com a Coroa de couro e prata do Sertão, trançada de espinhos de mandacaru e medalhada com folhas de ouro de Angico, Braúna e Pau-brasil!

[...]

Então, acolitado por Dom José de Alencar e por Dom Euclides da Cunha o Arcebispo da Paraíba me coroava finalmente como Rei da Távola Redonda da Literatura do Brasil, ante a alegria delirante do Povo Brasileiro e ao som de uma Música sertaneja de tambores, pífanos, triângulos, violas e rabecas. (SUASSUNA, 2007, p. 741).

Mesmo vendo Quaderna sendo aclamado “Rei da Távola Redonda da Literatura do Brasil”, com a benção de José de Alencar e Euclides da Cunha, na celebração da união dos três cavaleiros sertanejos, surge a pergunta: Se Dom Pedro Dinis Quaderna está sendo coroado “Rei com a coroa de Couro e prata do Sertão”, qual seria a localização exata desse Reino? O sertão de José de Alencar é representado em *O sertanejo*, pela figura do vaqueiro do Ceará, já n’*O guarani* tem-se os sertões sulistas; enquanto o sertão euclidiano se localiza inicialmente na Bahia, fazendo fronteira com Pernambuco, com Goiás, e até com os Pampas do Rio Grande do Sul. Seria possível visualizar o mapa do “Reino sagrado do sertão” de Quaderna, o Quinto Império do Brasil?

Como bem pode imaginar Vossas Senhorias que, com muita paciência ainda emprestam seus ouvidos, tenho um Mapa a traçar. Estejam à vontade, se quiser descansarem, bebam uma água, ou até uma boa lapada de vinho. E, conforme diz o filósofo sertanejo Riobaldo Tatarana, “Passado esse tempo, conforme foi, pouca tardança”, voltem, conto que estarei o mesmo, com coragem e circunspecto para traçar o roteiro do Quinto Império do Brasil.

FOLHETO VIII. O MAPA DO QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL

Ah! Esta dissertação-armorial, solar e de estro, não promete dizer, diz “sucessos públicos que viu o Mundo”, intenta revelar ao Mundo “segredos ocultos e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento” de toda a gente. Aqui, inspirado pelo Vinho sagrado que também inspirou o Pe. Antônio Vieira a escrever a sua *História do futuro*, levanto um assunto misterioso e indescoberto que está acima de “toda a esfera da capacidade humana, porque Deus, que é a fonte de toda a sabedoria”, “sempre reservou para si a ciência dos futuros”. Trato, pois, como já concluem os leitores gaviônicos, de olhar antecipado, de certa crônica do sonho do “Quinto Império”, do qual introduzo minhas palavras com alguns versos do engenhoso e genial poeta português D. Fernando Pessoa, que também aspirou ao título de “Gênio Máximo da Humanidade”, mas, por ser um fingidor “descarado”, sem rosto, não pode

bater em Quaderna, cujas faces são conhecidas através dos símbolos do Catolicismo sertanejo, que o consagra pela inspiração da “grande aura”, que acomete os gênios, pela coroa pingada com a luz prateada da Lua, “astro fêmea”, com a luz incendiada do Sol, “astro macho”, e com a benção do Planeta, de onde o personagem/narrador suassuniano se aproveita de todas as delícias que o barro sertanejo lhe fornece, para ocupar os cargos de Profeta, Rei, Cantador, Poeta e Decifrador de enigmas. Ao contrário de D. Fernando Pessoa, que foi um dos maiores Poetas, genial criador de enigmas literários da Literatura de Língua Portuguesa e mundial, que também cantou o Rei Dom Sebastião, pois,

Triste de quem vive em casa,
 Contente com o seu lar,
 Sem que um sonho, no erguer de asa
 Faça até mais rubra a brasa
 Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
 Vive porque a vida dura.
 Nada na alma lhe diz
 Mais que a lição da raiz
 Ter por vida a sepultura.
 [...]
 E assim, passados os quatro
 Tempos do ser que sonhou,
 A terra será teatro
 Do dia claro, que no atro
 Da erma noite começou.
 [...]. (2010, p.13).

Vejam Vossas Senhorias como o próprio Fernando Pessoa parece profetizar a Obra e o sonho de Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, pois, sendo o sertão, “um palco gigantesco”, como dizia Maximiano Campos, as palavras de Fernando Pessoa faziam reviver na alma lusitana o sangue do Quinto Império sebastianista, dizendo que “A terra será o teatro” para que da “erma noite” possa nascer o “dia claro”. A terra a que Pessoa se refere é a terra lusitana, mas poderia se tratar do ermo sertão do mundo, o sertão áspero e pedregoso do Nordeste, o pardo “coração do Brasil” de Ariano Suassuna e de Quaderna, que tem como núcleo os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Enquanto o sonho lusitano tenta se reerguer na *Mensagem* de Fernando Pessoa, o Quinto Império de Quaderna nascerá também de um sonho. Um sonho que se concretizará pela literatura, e faz parte do reconhecimento de toda a riqueza histórica, cultural, social e estética que conduz a arquitetura do Movimento Armorial e do *Romance d’A Pedra do Reino*. Para tanto, o Castelo engenhoso de Quaderna beberá na mesma fonte de que se serviu o quengo e estradeiro João Malasarte, personagem que João Melchíades lhe apresentou através

dos folhetos de cordel, que encenam as aventuras do quengo nas terras do sertão do Cariri, do Piancó, do Pajeú e do Seridó.

Os topônimos servem ao narrador suassuniano para nomear suas armas, o rifle chamava-se “Seridó”, a espada, “Pajeú” e a legendária lança, “Cariri”, que ao mesmo tempo servia ao Profeta sertanejo como “Cetro real” e “Báculo profético”; todas as armas estavam sempre prontas para atuar, inspiradas pelos ensinamentos proféticos do “Peregrino do Sertão”, Santo Antonio Conselheiro. Não contente com o espaço, o narrador amplia o território físico onde abrigar o seu Quinto Império do Brasil, que tem como sede a “Catedral Soterranha”, encantada nas Pedras do Reino, localizada em São José do Belmonte, sertão do Cariri, divisa da Paraíba com Pernambuco. Além dos espaços citados, outros sítios são anexados ao “coração do Brasil” para que seja erguido o Castelo poético e amuralhado de “Dom Pedro IV, cognominado ‘O Decifrador’, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil” (SUASSUNA, 2007, p. 33), Dom Pedro Dinis Quaderna, cujos Reinos apresento agora, me aproveitando das palavras do próprio narrador suassuniano:

Este, espinhoso e meio adersado, era integrado astrologicamente por sete Reinos: o dos Cariris Velhos, o da Espinhara, o do Seridó, o do Pajeú, o de Canudos, o dos Cariris Novos e o do Sertão de Ipanema. Era o Quinto Império, profetizado por tantos Profetas brasileiros e sertanejos, e cortado por sete Rios sagrados: o São Francisco-Moxotó, o Vaza-Barris, o Ipanema, o Pajeú, o Taperoá-Paraíba, o Piancó-Piranhas e o Jaguaribe. Ali eu reguerria, sem perigo de vida, as Torres de lajedo do meu Castelo, para que ele me servisse de trono, de pedra-de-ara, de ninho de gaviões, onde eu pudesse respirar os ares das grandes alturas. (SUASSUNA, 2007, p.115).

Os sete Rios profetizam o desejado Reino do Sete-Estrela do Escorpião, interliga os estados do Nordeste, e funde, pela megalomania do narrador Quaderna e do fiel amigo e cantador Lino Pedra-Verde, todos numa “Tróia só”. O mesmo círculo serve para que o narrador construa um dos enigmas de sua obra, trata-se do misterioso “Tesouro” enterrado por seu padrinho Dom Sebastião Garcia-Barreto, cujo mapa foi anexado no texto pelo narrador, destacando o território que forma os estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, o “coração do Brasil”, como rotas para o tesouro. Para a nobre Dama e estudiosa Dona Idelette Muzart Fonseca dos Santos, “essa parte representaria algo como o núcleo identitário do sertão: cada um desses reinos participa da história e/ou da identidade cultural do sertão” (2009, p.71). No caso dos nobres leitores e das belas Damas leitoras – cujo umbigo é “essa taça redonda onde o vinho nunca falta” – desejarem, anexo ao meu depoimento-acadêmico o mapa do tesouro de Sebastião Garcia-Barreto, bem como um mapa detalhado dos sete Reinos

que formam o Quinto Império de Quaderna, para que possam decifrar o enigma da “Demanda do Sangral”.

Não é preciso que eu descreva aqui a inesgotável história do sebastianismo e do pensamento sobre o Quinto Império, me basta dizer como esse fenômeno é compreendido, sua repercussão, bem como seu deslocamento das terras ibéricas para o Nordeste do Brasil em meio ao desenvolvimento do mito cavaleiresco que toma Espanha e Portugal. A discussão é relevante para a narrativa suassuniana, como vemos na proposição do Doutor Samuel, um dos mestres de Quaderna, dizendo que “[...] enquanto a Espanha contribuía, através das molecagens vulgares de Cervantes, para destruir o mito do Cavaleiro, Portugal fornecia ao mundo a última figura de Cruzado e Cavaleiro que existiu, Dom Sebastião, O Desejado” (SUASSUNA, 2007, p. 223). A proposição de cunho ensaístico recai sobre a construção da própria figura de Dom Pedro Dinis Quaderna e do escritor Ariano Suassuna, que, como eu já disse no folheto anterior, encampam o ideal quixotesco de vida, o que me faz concluir que tanto o quixotismo quanto o sebastianismo são mitos fundadores do ideal cavaleiresco que conduz o desejo do Quinto Império pensado por Ariano Suassuna através de seu personagem Quaderna. Na megalomania política do narrador, na sua esperança utópica e no sebastianismo místico que ele encena, segundo afirma Lind, vejo a arquitetura do sonho imperial que vai além do “desejo de erigir um reino de justiça social e felicidade para todos no meio do sertão brasileiro”, motivando a construção do Cavaleiro dentro do romance através da figura de Sinésio, o Rapaz do Cavalo-Branco, além de se pensar a permanência do legado ibérico sobre a cultura brasileira e sertaneja que inspira a preservação do espírito navegador, desbravador e possuidor de mundos (1974, p. 36).

O que, nas palavras de Dona Cláudia Leitão, significa dizer que o sebastianismo deve ser compreendido, no sertão, “como uma ética, uma maneira de se relacionar e de se conceber o mundo a partir de imagens” (1997, p. 83-84). A imagem do “Cavaleiro navegador” no Brasil, portanto, afirma a nobre Senhora, “sobreviverá através do imaginário sertanejo, onde tal como na epopéia das navegações, ter religião significará, antes de tudo, partilhar um destino, dividir um emblema, ligar-se ao outro em nome de um mesmo ‘fado’, aceitando enfim a dialética complementar entre a vida e morte” (1997, p. 86).

Pronto, nas palavras da nobre Dama está afirmada a ética que envolve o espírito sertanejo armorial, que toma a vida como forma de arte, que vê na história e no destino do homem sertanejo, a encenação da existência humana. E através da arte literária, embebido de lapadas e lapadas de inspiração, retirada da sua “Fonte do Cavalo Castanho”, o escritor

Ariano Suassuna encena a tragédia da existência humana no palco do sertão de tríplice face, Paraíso, Purgatório e Inferno.

* * *

Aqui, é importante destacar a organização que o narrador faz dentro de sua obra para justificar a sua herança imperial, o que acontece entre os folhetos V a XXII, se iniciando nas “Primeiras Notícias dos Quadernas na Pedra do Reino”, quando é localizado o centro geográfico do Reino e apontada as influências político-literárias que envolvem a figura de Quaderna, principalmente pelos ensinamentos do seu padrinho, o cantador João Melchíades Ferreira, que insere Dinis Quaderna no Reino da Poesia e dos Cantadores. Já entre os folhetos VI e X são apresentados, respectivamente, “O Primeiro Império”; onde se traça a genealogia dos Quadernas e as heranças sebastianistas da família que se iniciara “noutra Pedra sagrada, a ‘Serra do Rodeador’”, episódio que data de 1819, cujas “primeiras manifestações aparecem, algumas semanas após o fracasso da revolução republicana em Pernambuco, sob a orientação de um antigo soldado do 12º batalhão da milícia, Silvestre José dos Santos”, que Quaderna chama de “Dom Silvestre I, O Rei do Rodeador” (SANTOS, 2009, p. 80). Na narração do “Segundo Império” aparecem os acontecimentos fatídicos da Pedra do Reino, divisa das províncias de Pernambuco e Paraíba, cujos dados históricos o narrador apresenta através da citação de Antônio Áttico de Souza Leite, tendo como líder João Antônio dos Santos, “Dom João I, O Precursor”. A descrição do “Terceiro Império”, 1836-1838, é encadeada pela ideia da tradição do “Catolicismo sertanejo” que, inclusive, permite aos líderes do reino deflorar as mulheres recém-casadas, bem como exercitar a poligamia, como fizeram Dom João I e Dom João II, o bisavô de Quaderna, que chega a possuir sete mulheres, número cabalístico para o narrador suassuniano. Na história do “Terceiro Império”, a obra dá conta do derramamento de sangue que acontece no episódio da Pedra do Reino, quando os seguidores de “Dom João II, O Execrável”, realizam os sacrifícios desvairados para banhar as Pedras com sangue, no intuito de ressuscitar a Catedral soterrada e Dom Sebastião; o fato é interrompido com a denúncia de José Vieira. No “Quarto Império”, que durou apenas um dia, acontece a dissolução do Reino sangrento, com a ajuda das tropas de Manuel Pereira, ao mesmo tempo em que se revela a linhagem verdadeira e real de Dom Pedro I, “o nosso, e não aquele Português debochado da Casa de Bragança”. O quarto e depois “O Quinto Império” dão início aos anseios de Dom Pedro Dinis Quaderna, pois apresentam o nascimento do seu avô, Pedro

Alexandre, “o Dom Pedro II”, estabelecendo para sempre o sangue dos Quadernas no Reino do Sertão do Brasil.

Após a narração dos acontecimentos que provocariam o surgimento do Reino sagrado do sertão, o narrador suassuniano passa a contar a respeito do incêndio que o Reino da Poesia dos folhetos provoca em seu sangue desde a infância com as histórias contadas e cantadas por sua Tia Filipa e depois, com as aulas de João Melchíades, nas quais o narrador suassuniano apresenta o caminho que o conduz à preservação da representação da *Nau Catarineta*, das Cavalhadas dos Doze Pares de França, além das sete tipologias dos romances versados: “os romances de amor; os cangaceiros e cavalarianos; os de exemplo; os de espertezas, estradeirices e quengadas; os jornaleiros; os de profecia e assombração; e os de safadeza e putaria”. (SUASSUNA, 2007, p. 94). A última categoria, de safadeza e putaria, figura entre as preferências do narrador, e o ajuda a assumir o seu caráter de gênio e galhofeiro, aperfeiçoado a cada momento de sua formação, da qual ele aprende que existe dois tipos de romances, “o versado e rimado”, em poesia, e o “desversado e desrimado”, em prosa. Assim, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna se apronta, literariamente, para pleitear o trono de “Gênio Máximo da Raça”, inicialmente se filiando a uma realeza sertaneja e sebastianista, dos movimentos sebastianistas que aconteceram no sertão, depois, com a formação literária do Padrinho e a formação fabular da Tia Filipa, para depois encampar a viagem à Pedra do Reino, para que, nas Caçadas Aventurosas, possa encenar “A Sagração do Quinto Império”; sem contar as influências legadas por seus Mestres e precursores, que já contei aqui.

A sagração do Quinto Império de Quaderna encerra a primeira parte do romance, no momento em que o narrador visita as Pedras do Reino e, “isolado e solitário”, como um escritor na construção de sua obra literária, desembrulha seus teréns do “matolão” da memória e tira para fora a “Coroa de Prata” dos sonhos, toma as “varas-de-ferrão” e as transforma no Cetro real e no Báculo profético que consagra a construção do Reino literário arquitetado com a ajuda da inspiração do engenho e da arte. Após esse momento consagratório, o narrador/escritor atrai para si toda sorte “glória, inferno e realeza”, a depender de como ele conduzirá e aproveitará os louros, as críticas e o reconhecimento que a musa, “mãe do fogo da invenção” e da “fúria sonora”, lhe oferecerá.

Para Ariano Suassuna, assim como para seu personagem/narrador, a Literatura e a Arte são a possibilidade de ressuscitar e reconhecer a grandeza de sua terra, seu povo e sua cultura, pois, “Seria a Literatura dos folhetos e romances que iria restaurar de novo, pelo fogo da Poesia, a gloriosa imagem anterior, que aquelas pedras, tortas e manchadas de mijo-de-mocó, aleivosamente queriam diminuir e macular!” (SUASSUNA, 2007, p. 149). Assim, as

palavras e a encenação que transformam Dom Pedro Dinis Quaderna no Rei Dom Pedro IV, O Decifrador, aponta o leitor para as “grandes verdades”, pois, como nos afirma Raimundo Carrero, “O *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*, é um livro de grandes verdades. Não apenas das verdades sobre a condição humana, sobre a situação do homem no universo, mas também das verdades mais misteriosas da construção romanesca” (27 de janeiro/1972). Para o escritor pernambucano, *A Pedra do Reino* é tão “[...] intrinsecamente brasileiro como é verdadeiramente hispânico o grande *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. O mundo brasileiro é tão quadernesco como o mundo espanhol é quixotesco”. Ainda argumentando sobre o caráter universal e nacional do romance suassuniano, Raimundo Carrero só reitera aquilo que venho dizendo, que “A Pedra do Reino inaugura o ‘Quinto Império’ da literatura brasileira, isto é, uma nova fase ou era das nossas letras” (27 de janeiro/1972).

Vejam só nobres leitores e ilustríssimas leitoras, o quanto os nossos mestres e precursores sempre nos oferece as bases referenciais, como deseja nossa Academia, nesses textos tortuosos e delirantes que são as dissertações e teses acadêmicas, baseadas em expedições de pesquisas, “tudo [é] uma questão de saber olhar”, profetizara o próprio Euclides Villar (SUASSUNA, 2007, p. 149).

Então, o mítico e profético Quinto Império ibérico, sobre o qual o Padre português, em certa época, radicado na Bahia, Antonio Vieira, constrói a *História do Futuro*, “a história brasileira dará continuidade, por sua vez, sob um plano imaginário”, como nos diz Dona Cláudia Souza Leitão (1997, p. 86). A Ariano Suassuna caberá a consagração de um narrador/escritor que empreende uma viagem ao Reino das heranças que traz à discussão as imagens de Dom Sebastião e de Dom Quixote, as contribuições legadas pelos países ibéricos à cultura brasileira e sertaneja, bem como o próprio processo de construção de uma Obra que se quer definitiva, para figurar no panteão nas letras nacionais.

No fim, respeitando as preferências individuais que cada leitor possui e sabendo do risco que essas listas provocam, sigo então as palavras de Raimundo Carrero (11 de novembro/1971), para certificar que *A Pedra do Reino* é o Quinto Império da literatura nacional e sertaneja, pois além de instaurar também o “‘Quinto Império’ da Escola do Recife” – que tem seu precedente mais forte com Tobias Barreto e depois com Gilberto Freyre e o *Manifesto Regionalista* –, é o “quinto grande livro brasileiro”, ao lado de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, *Eu*, de Augusto dos Anjos e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

O certo é que, sob o Céu que abriga a constelação das sete estrelas do Escorpião, iluminando com a luz prateada da Lua os sete Reinos do Quinto Império do sertão, queimado dia a dia pela luz engeuecedora do Sol, o sonho da imortalidade banha o meu destino de Tímido Desambicioso, na Demanda novelosa da Quinta Expedição ao Reino do Sertão, cuja consagração definitiva e armorial passo a dissertar, contando os acontecimentos definitivos das minhas Caçadas e meditações cheias de pesquisas proféticas.

LIVRO III. A DEMANDA DA SAGRAÇÃO ARMORIAL

“Eram acontecimentos zodiacais e astrológicos, que interessavam não somente à sorte do Brasil, mas à Obra, ao Castelo Sertanejo que estava para ser edificado pelo Gênio da Raça Brasileira, predestinado a cantar aquela sorte e aquele Prinspe”.
(RPR, p. 593)

Na Demanda da minha expedição que apresento à Ilustríssima Banca julgadora, aos nobres senhores e às belas Damas que têm “o talhe da palmeira” e os seios que “são cachos de uva”, abençoado pela aventura da meditação, não possuo o equívoco de reproduzir ou plagiar ideias de maneira frívola. Antes, “trata-se, pois, [...], de ensaios” – de galope, de profecia, de depoimento, de discurso, de poesia, de literatura, de pesquisa – “de amor intelectual”. É esse amor intelectual que me conduz como pesquisador diante do objeto de minhas meditações, para que estas se configurem como contribuições verdadeiras no campo dos estudos de literatura. O mesmo amor intelectual fez o filósofo José Ortega y Gasset (1967, p. 35) observar as palavras da ética de Spinoza, para quem o amor é a alegria, *amor est Laetitia concomitante idea causae externae*, pois “a alegria é a passagem do homem, de uma perfeição menor a outra maior”; *Laetitia es hominis transitio a minore ad majorem perfectionem* (Julían Marías, In: Ortega y Gasset, 1967, p. 186).

Aqui, traço as aventuras do meu depoimento acadêmico sobre o Engenhoso Reino do Sertão para passar pela ponte da alegria e do amor que me conduzirá de uma “perfeição menor a outra maior”. Para tanto, é preciso que eu saiba que “há dentro de toda coisa a indicação de uma possível plenitude” que nos é indicada pelo amor, “divino arquiteto”, que une todo o universo do qual fazem parte tudo quanto é homem nascido de mulher. De tal modo, observando as palavras do genial escritor Ítalo Calvino, percebo que “a excessiva

ambição de propósitos pode ser reprovada em muitos campos da atividade humana, mas não na literatura. A literatura só pode viver se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização” (1990, p. 127). Posso dizer que o sertão suassuniano, ao qual dedico a minha expedição de pesquisa, é um espaço sagrado que se concretiza na síntese e no jogo entre luz e escuridão, um espaço essencialmente visual, lido e pensado pela voz onírica e enigmática do narrador, que traduz o sertão como um espaço cultural múltiplo, projetado pelo fogo da coivara sertaneja, o Deus mouro, judaico e católico. Assim, a ambição do escritor/narrador em se tornar “Gênio da Raça Brasileira” e “Gênio Máximo da Humanidade” configura a proposta da literatura que pressupõe ir além de suas possibilidades, encarnando o amor intelectual pelo seu tema, o sertão, com altas doses de capacidade imaginativa, o que o conduz à plenitude de um “divino arquiteto”.

Além da envergadura criativa, *A Pedra do Reino* levanta o debate, a preocupação antropológica e diversas inquietações sobre o humano, mas também sobre o divino, através da face mística e religiosa realçada pelos profetas sertanejos que aparecem na obra, a exemplo de Pedro Beato, Pedro Cego, Nazário, Lino Pedra-Verde e o próprio Quaderna, líder supremo do Catolicismo sertanejo. Para o narrador suassuniano, “A Igreja Católico-sertaneja é a única religião do mundo que é bastante ‘judaica e cristã’ para levar ao Céu e, ao mesmo tempo, bastante ‘moura’ para nos permitir, aqui logo, os maiores e melhores prazeres que podemos gozar nesse mundo velho de meu Deus!” (SUASSUNA, 2007, p. 550). Na concepção de sua religião, o personagem/narrador inspira-se tanto nos traços do sebastianismo que se espalhou no mundo do sertão adentro nas histórias dos inúmeros beatos sertanejos, quanto na figura real e armorial de Antônio Conselheiro, o nome de maior importância espiritual sobre Quaderna. Chamado de Santo Antonio Conselheiro, o líder do Império de Belo Monte encena a imagem do cavaleiro guerreiro que não se rendeu diante das forças oficiais opressoras, em Canudos, um dos Reinos sagrados do Quinto Império quadernesco. Ao lado da figura de Sinésio Garcia-Barreto, o “Rapaz-do-Cavalo-Branco”, o Conselheiro reencarnaria a aventura do mito sebastianista, ajudando o narrador Dom Pedro Dinis Quaderna a restaurar o reino de justiça no sertão, ao mesmo tempo em que acumula os cargos de Poeta, Rapsodo, Decifrador, Cronista, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Quinto Império do Brasil, sem falar dos cargos de Bibliotecário em Taperoá e conselheiro do tesouro de seu Padrinho Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto.

Na busca pela aventura, Quaderna transveste-se como um herói, que resulta da efervescência do cérebro do escritor com a sua capacidade de criação ficcional transportada para a imagem do narrador que está sempre em busca de si mesmo, na vontade da peripécia,

como Dom Quixote, no anseio do heroísmo. Para o genial José Ortega y Gasset, o esforço pela coragem aventureira expõe o homem a uma “natureza bifronte”: “a querença do real, mas o querido é irreal”. O que significa dizer que “quando o herói quer algo não são os antepassados nele ou os usos presentes que querem, mas ele, mesmo. Este querer ser si mesmo é o heroísmo” (1967, p. 155-156). A sorte do narrador suassuniano está, portanto, presa à resistência aos costumes, a saída é reinventar-se em meio à dor da vida, cuja sentença já foi proferida pela Moça Caetana, a morte sertaneja. Pela (re) invenção de si próprio sai o escritor/narrador/leitor à cata de caçadas novelosas, para a iniciação da sentença.

FOLHETO IX. A PRIMEIRA CAÇADA OU INICIAÇÃO NO LAJEDO

Tendo eu um lado bifronte, pois quero a real sagração pelo querido objeto irreal que conduz meu sangue para o Reino, sigo, mesmo vivendo em tempos mais que modernos, pós-modernos, como um desambicioso poeta-inquiridor, não totalmente moderno como queria o poeta errante Arthur Rimbaud. Sendo um filho perdido dum sertão ensolarado que suporta a sangria desatada do fogo quente do Sol que queima e assola o semiárido com a seca, resolvi catar as minhas aventuras, primeiro me aventurando pelo “Cachorro do Mundo”, aquele mesmo “cachorro magro e arraposo, furta-cor, escarificado e ferido, marcado de cicatrizes e peladuras, sendo selvagem, animal que, se bem não tão nobre e heráldico quanto o primeiro, é igualmente brasileiro, armorial e mais realisticamente urbano”. (NEWTON JÚNIOR, 2003, p. 30).

Foi então que desembarquei, após dez horas de sacolejos pelas estradas esburacadas do Nordeste brasileiro, em Recife, a cidade que acolheu, no Bairro da Casa-Forte, o nobre e leal escritor sertanejo Dom Ariano Suassuna. Minha ida ao Recife se deu para assistir a uma Aula-espetáculo promovida pelo Governo de Pernambuco, através do então Secretário de Cultura Ariano Suassuna e o Grupo Arraial. A aula aconteceu no suntuoso Teatro de Santa Isabel para prestar contas do fim da gestão de Ariano frente à Secretaria de Cultura, o espetáculo Romançário reuniu treze artistas que acompanharam o escritor durante as cento e dezessete aulas dadas em todas as regiões do estado de Pernambuco, atingindo a marca de vinte e cinco mil quatrocentos e nove quilômetros percorridos, como nos apresentava o Jornal Diário de Pernambuco no dia da apresentação de Ariano, uma segunda-feira ensolarada, na exata data de seis de dezembro de dois mil e dez. Para melhor provar o meu depoimento,

anexo o programa de apresentação da aula, para simples conferência de dados por Vossas Senhorias, nobres leitores e belas leitoras.

Cheguei a Recife na manhã de segunda, seis de dezembro, e logo busquei visitar alguns monumentos da cidade tracei um pequeno roteiro e fui para visitar o Monumento ao Maracatu; a igreja de São Pedro dos Clérigos, onde aconteceu a primeira exposição que anunciava o Movimento Armorial, em dezoito de outubro de mil novecentos e setenta; A Ponte da Boa Vista, a Rua da Aurora e a Rua da União, onde está situado o Espaço Pasárgada, a antiga casa do avô materno do poeta Manuel Bandeira, hoje a sede da Secretaria de Cultura de Pernambuco; o rio Capibaribe, que eu conhecia pela apreciação dos versos de João Cabral de Melo Neto, e a Casa de Cultura de Pernambuco, a antiga prisão, onde foi assassinado João Dantas, um primo da mãe de Ariano Suassuna, durante as disputas políticas que resultaram na morte do pai do escritor.

Passadas então a manhã e à tarde de segunda-feira, que ocupei vagando pela cidade, chegou à noite. Dirigi-me ao Teatro de Santa Isabel, onde Ariano Suassuna também realizou a sua primeira aula-espetáculo, aos dezenove anos, em mil novecentos e quarenta e seis. A fila de espectadores já percorria as calçadas e a rua ao redor do Teatro, com meu ingresso em mãos esperei o horário de entrada e me instalei na primeira fila do teatro que, aos poucos, ficou cheio de espectadores ansiosos em ouvir os causos alegres, as parábolas do Palhaço do Circo da Onça Malhada, as músicas de Antonio Madureira e Sérgio Ferraz, as vozes estremecedoras de Isaar França, Edinaldo Cosmo de Santana e Oliveira de Pannels, além do balé do Mestre Meia-Noite e seus amigos e da especial participação de Elyanna Caldas no Piano. A aula intitulada Romançário começou com a calorosa saudação do público ao Mestre Ariano Suassuna e continuou com muita alegria e animação, tanto nas histórias cheias de humor contadas por Ariano para exemplificar seus ensinamentos, quanto na participação de Elyana Caldas e do grupo de bailarinos que encantou a plateia. Ao final do espetáculo tive a oportunidade de poder trocar duas palavras com o escritor, a quem agradei o autógrafo em meu exemplar d'*A Pedra do Reino*, e fui agraciado pelo seu agradecimento a meu trabalho a propósito de sua obra. Para mim, aquele momento marcou tanto quanto a visita que Dom Pedro Dinis Quaderna fez a Dom Carlos durante o sonho profético que envolveu o estudioso na construção do “Romance de Tese Armorial”, *Vida de Quaderna e Simão*.

A voz rouca, as mãos magras e largas do autor me lembravam do bravo Cavaleiro, Poeta e Rapsodo de Taperoá, bem como sua expedição pelos sertões em busca do Castelo Pedregoso abençoado pela “Raça sertaneja”. Para não passar em branco, tirei um retrato com

Dom Ariano, o qual também trago anexado em meu depoimento acadêmico para provar meu respeito a todos os olhares generosos que dedicam sua atenção sobre meus escritos.

Passados os acontecimentos proféticos do espetáculo, minha demanda passou a ser em busca da compreensão de todo o significado da figura do Cavaleiro sobre sua obra e minha investigação a respeito dela. Meses depois chegou para mim a entrevista que não consegui realizar pessoalmente com Ariano, devido a agenda de compromissos que ele tinha na época e a distância que afasta o meu sertão sisaleiro do litoral “furta-cor” onde reside o escritor, no seu Castelo Armorial e sertanejo, perdido em meio às pedras artificiais dos grandes edifícios recifenses. Aproveito para anexar a entrevista aos autos da minha dissertação armorial, para fins de comprovação, deixando claro que a entrevista foi transcrita para mim pelo amigo Samarone Lima a partir de questões que propus a Ariano Suassuna.

O escritor afirmou que a sua relação com as obras de José Lins do Rego, José de Alencar e Euclides da Cunha existe desde a infância e a adolescência, já a sua relação com o Reino da Bahia acontece através da obra de Gregório de Matos, Castro Alves e Jorge Amado. Ariano afirma também que foi no *Romance d’A Pedra do Reino* que ele conseguiu dizer mais sobre o sertão e o Brasil, ao leitor fica a expectativa para a leitura do próximo livro, *O Jumento sedutor*, que está sendo construído há alguns anos, mas ainda não foi lançado. Por fim, Ariano Suassuna afirma que o nome Quaderna tem um significado muito grande, como Vossas Senhorias podem perceber nas palavras que destaco:

Eu o escolhi porque acho, nele, um significado simbólico muito grande. Quaderna quer dizer quatro. Tanto que ele é o símbolo de Quaderna, no romance – uma quaderna é um símbolo heráldico formado por quatro crescentes unidos pelas pontas, está entendendo? São unidos pelas pontas, os quatro crescentes. É como se ele tivesse quatro significados: por um lado, tem a parte que ele herda de Samuel, o mestre dele. Depois, tem outra parte que ele herda de Clemente, outro mestre, o comunista. Tem a dele, pessoalmente. E tem a de Ariano Suassuna. (Entrevista com o escritor, março de 2011).

Ao observar as palavras do escritor vejo que, das faces que constroem o seu narrador, uma ele reconhece se tratar dele próprio, o que reforça a impressão que tive ao apertar sua mão após a aula Romançário. Ao ser perguntado sobre como ele se vê hoje (à época da entrevista, aos 83 anos de idade), Ariano Suassuna afirma que a sua busca para decifrar o enigma proposto pelo Tabuleiro pedregoso da vida continuará até à morte, mas, através da arte e da literatura ele busca iluminar a escuridão como quem busca a plenitude que existe em cada coisa, para descobrir-se em heroísmos, como também o faz Quaderna.

Pergunta - Quem é Ariano Suassuna hoje, aos 83 anos? Mantém as mesmas convicções e posições políticas, ou alguma coisa foi revista?

Ariano – Eu acho que existe, dentro de cada um de nós, uma espécie de escuridão, que é desconhecida até da gente mesmo. Em mim (não sei para os outros) a literatura é uma arma, a arte, é uma das maneiras que encontrei para fazer algumas buscas nesta escuridão. Isso começou desde eu muito menino, e continua até hoje, aos 83 anos; e acho que essa busca só vai acabar com a morte.

* * *

A escuridão que acomete o escritor, bem como a sua busca infinita pela luz da plenitude é, dentro de sua obra, percebida e encenada no ponto que o mesmo autor declara ser, uma das chaves para o entendimento de seu romance. Trata-se de um poema em prosa situado no Folheto XLIV, “A Visagem da Moça Caetana”, cujo manuscrito também anexo à teia do meu processo, e cujas palavras reproduzo aqui, para que os leitores possam perceber a capacidade imaginativa do narrador em seu exercício poético, bem com a busca para purgar o seu interior da escuridão do medo da morte, além da marcante profundidade espiritual legada pela ideia do Catolicismo-sertanejo de Quaderna. Eis a sentença:

A Sentença já foi proferida. Saia de casa e cruze o Tabuleiro pedregoso. Só lhe pertence o que por você for decifrado. Beba o Fogo na taça de pedra dos Lajedos. Registre as malhas e o pêlo fulvo do Jaguar, o pêlo vermelho da Suçuarana, o Cacto com seus frutos estrelados. Anote o Pássaro com sua flecha aurinegra e a Tocha incendiada das macambiras cor de sangue. Salve o que vai perecer: o Efêmero sagrado, as energias desperdiçadas, a luta sem grandeza, o Heróico assassinado em segredo, o que foi marcado de estrelas – tudo aquilo que, depois de salvo e assinalado, será para sempre e exclusivamente seu. Celebre a raça de Reis escusos, com a Coroa pingando sangue; o Cavaleiro em sua Busca errante, a Dama com as mãos ocultas, os Anjos com sua espada, e o Sol malhado do Divino com seu Gavião de ouro. Entre o Sol e os cardos, entre a pedra e a Estrela, você caminha no Inconcebível. Por isso, mesmo sem decifrá-lo, tem que cantar o enigma da Fronteira, a estranha região onde o sangue se queima aos olhos de fogo da Onça-Malhada do Divino. Faça isso, sob pena de morte! Mas sabendo desde já que é inútil. Quebre as cordas de prata da Viola: a Prisão já foi decretada! Colocaram grossas barras e correntes ferrujosas na Cadeia. Ergueram o Patíbulo com madeira nova e afiaram o gume do Machado. O Estigma permanece. O silêncio queima o veneno das Serpentes, e, no Campo de sono ensangüentado, arde em brasa o Sonho perdido, tentando em vão reedificar seus Dias, para sempre destróçados. (SUASSUNA, 2007, p. 306).

Após receber a mensagem, Quaderna acorda para prestar suas declarações ao juiz corregedor, o que constitui o projeto de sua obra. As palavras vistas por Quaderna, escritas a fogo, proclamam que “a sentença já foi proferida”, resta ao eu lírico sair de casa e cruzar o tabuleiro pedregoso da vida para salvar-se da luta sem grandeza e celebrar “o Cavaleiro em sua Busca errante”. No sonho, a Moça Caetana sentencia o narrador para enfrentar o inquérito pelo qual ele recebe a incumbência de salvar o efêmero sagrado, a luta sem grandeza e

celebrar a raça dos reis escusos, aqueles que inspiraram o narrador no sonho de restaurar o Quinto Império. Nas palavras de fogo, a Moça Caetana também proclama para o narrador suassuniano que fazer poesia, fazer literatura, é caminhar no inconcebível, como diz Octávio Paz (1982), é revelar este mundo e criar outro mundo, onde arde em brasa o sonho perdido do poeta, cavaleiro andante e das causas perdidas.

Caminhar no inconcebível é saltar a ponte da alegria, para sairmos do estado de “uma perfeição menor a outra maior”. Mas a perfeição não indica apenas algo bem acabado, em constante harmonia das formas, a perfeição maior é a realização da busca pelo enigma que conduz o homem ao encontro com a escuridão dentro de si para perceber-se pertencente a um determinado contexto social, cultural, humano e emocional comum a todos os homens e que pode ser compreendida e interiorizada pela expressão verbal potencialmente criativa, como o faz Ariano Suassuna na construção da “Visagem da Moça Caetana”.

Uma visagem que me conduz até as ideias da visibilidade e multiplicidade, propostas de Ítalo Calvino para a literatura do terceiro milênio, já que, na visagem de Quaderna, vejo a imaginação literária concorrer para “a observação direta do mundo real, a transfiguração fantasmática e onírica, o mundo figurativo transmitido pela cultura em seus vários níveis, e um processo de abstração, condensação e interiorização da experiência sensível, de importância decisiva tanto na visualização quanto na verbalização do pensamento” (1990, p. 110). Isso afirma, segundo Ítalo Calvino, o acontecimento da visibilidade, proposta conceituada a partir da leitura que o autor faz da viagem/visagem imaginativa de Dante pelo “Purgatório” na *Divina Comédia*. Pela Visibilidade, a literatura manteria a capacidade humana “de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página em branco, de pensar por imagens” (CALVINO, 1990, p. 107-108).

Com a visualização da Moça Caetana na verbalização do sonho/mensagem de Quaderna percebo a presença da visibilidade dentro do *Romance d’A Pedra do Reino*, o Castelo Literário que também atua como um hipertexto, um hiper-romance que se edifica com várias histórias se entrecruzando para dizer o sertão, a exemplo do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida e o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, além de *A Divina Comédia*, *Os sertões*, *O guarani*, *Iracema*, *O sertanejo*, dentre outros.

FOLHETO X. A SEGUNDA CAÇADA E A VISAGEM DO REINO DO SERTÃO

A visagem do Reino do Sertão se apresenta para mim, mais uma vez, de maneira marcante no mês de outubro de 2011, mês assinalado, pois marca o mês de lançamento do Movimento Armorial no Recife, ocorrido em 18 de outubro de 1970, ano que antecede ao lançamento do *Romance d'A Pedra do Reino*, que começa a ser escrito em 19 de julho de 1958, data de aniversário de Zélia Suassuna, esposa do escritor. Em 2011, portanto, comemorou-se quarenta anos de lançamento do livro, em Recife, numa exposição na Galeria Capibaribe, no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, sob a curadoria de Carlos Newton Júnior.

Na visita a essa exposição pude conhecer de perto o trabalho que o professor Carlos Newton Júnior faz enquanto pesquisador e arquivista de Ariano Suassuna, transformando-se no Protetor do tesouro real e literário do escritor, função que o personagem Quaderna assume dentro do romance d'A *Pedra do Reino* para proteger o tesouro real de seu padrinho Dom Pedro Sebastião Garcia-Barreto. Na mostra sobre os quarenta anos do romance pude ver manuscritos raros da obra e comprovar, mais uma vez, a dimensão que o romance de Ariano Suassuna ganha nos diversos campos das artes, pois as construções e imagens do livro podiam ser vistas representadas em tapetes, pinturas, fotografias, cds de músicas, além da Cavalgada à Pedra do Reino, exposta através de imagens no evento.

Nessa nova Caçada, o sacolejo pelo qual passei foi ainda mais perigoso, fugi dos buracos das estradas brasileiras para voar, literalmente, sofrendo com a turbulência constante do sistema aéreo do país. Na visita à exposição o que eu via diante de mim eram as palavras proféticas de Hermilo Borba Filho, que ilustram a contra-capá do meu exemplar e cujo texto original pude encontrar nos arquivos do Rapsodo sertanejo. Nas palavras do teatrólogo pernambucano, ele demonstra seu reconhecimento d'A *Pedra do Reino* como uma obra de caráter grandioso e intenso, do espetáculo criativo que salta da pena de Ariano Suassuna, nos diz Hermilo:

“A Pedra do Reino” é um livro extraordinário, como criação, recriação, fabulação, linguagem, tipos, diálogos, atmosfera mágica, comicidade, erotismo, epopeia. Pode não ser o sertão, mas isto não tem a menor importância: é o sertão de Ariano Suassuna. Importante que seja o mundo de “Ariano Suassuna”. E mais: o seu mundo perdido, que ele faz reviver com um vigor e até mesmo um sopro demoníaco que me assusta, às vezes.

Não sou lá de comparações, mas se me perguntassem com que livro eu o compararia, não teria hesitação: com “A Divina Comédia”, de Dante. (Jornal do Comércio, 1971).

Antes mesmo de elogiar o romance de Ariano Suassuna, em 1968, no seu *Cavalo da noite*, obra que faz parte da tetralogia *Um Cavaleiro da Segunda Decadência* (V1. *Margem das lembranças*, V2. *A porteira do mundo*, V3. *O cavalo da noite* e V4. *Deus no pasto*), de farto material autobiográfico, Hermilo elogia um jovem a quem chama de Adriano, cujas referências nos faz compreender o retrato da figura de Ariano Suassuna. Para comprovar minhas conclusões, transcrevo aqui as palavras da obra hermiliana, com os devidos agradecimentos ao amigo Valdomiro Santana, cujos diálogos me fizeram mergulhar na leitura de Hermilo Borba Filho a fim de perceber a relação dele com Ariano.

Eu não deixara de me corresponder com Adriano durante os anos, nossas cartas falando de um milhão de coisas, principalmente problemas artísticos, notadamente o teatro por onde ele enveredara com armas e bagagens, dirigindo peças para estudantes e operários, continuando sua dramaturgia, falando-me entusiasmado de uma obra que escrevera com o título, a princípio, um pouco estranho para mim: *A compadecida*. Sua arte consistia em transpor em termos eruditos as estórias populares que vinham do romanceiro e do cancionero da região, ditos e contos, tipos e anedotas, tudo com um sabor de teatro medieval, fiel ao espírito católico de sua conversão e à sua terra povoada de cangaceiros, amarelinhos, prostitutas, padres safados e bons, os anjos de mistura com os homens em versos populares, numa linguagem desabrida e saborosa onde as palavras adquiriam um relevo de pedras e cactos, cavalos e plantas, bichos e aparições. Tudo isso ele me dizia nas longas cartas, mas quando recebi sua peça foi que compreendi a importância daquele teatro que abria um caminho realmente novo e autêntico para o nosso anemismo de imitadores europeus e norte-americanos, mais preocupados com o espetáculo tecnicamente perfeito que com a obra nacional. [...] Repelíamos uma arte puramente gratuita, formalística, sem comunicação com a realidade, uma arte frívola, estéril, sem sangue e sem pensamento, covarde e indefinida diante dos abusos dos privilégios, da fria e cega vida contemporânea, do mundo dos privilegiados sem entranhas e das sanguinárias tiranias que fingiam combatê-lo.[...]. Acreditávamos que a arte não devia ser nem gratuita nem alistada, mas comprometida, devendo manter um fecundo intercâmbio com a realidade, ser porta-voz da coletividade e do indivíduo, em consonância com o espírito profundo do povo. ([s.d] p. 215-216)

Com as palavras de Hermilo Borba Filho percebemos, nobres leitores e belas Damas de lábios que derramam mel, o quanto a relação dos dois teatrólogos era frutífera, pois na troca de correspondências quando estão vivendo em cidades distintas, Ariano e Hermilo mantêm seus laços de amizade sem deixar de compartilhar e defender a arte produzida a partir do material bruto do chão ao qual pertencem. Na referência ao *Auto da Compadecida*, que Hermilo chama de *A Compadecida*, constato a afirmação de que o jovem Adriano representa, dentro do romance autobiográfico de Borba Filho, Ariano Suassuna, um jovem escritor que

ainda não tinha publicado o *Romance d'A Pedra do Reino*, mas já se afirmava como um dos grandes nomes das artes dramáticas no Brasil.

No fim, Hermilo Borba Filho deixa o recado dos dois autores a respeito da forma de arte em que acreditam, como uma produção fecunda e que se mantém fiel às referências da cultura e do espírito local, sem deixar de estabelecer o contato com a arte erudita ocidental comum na formação de todo grande escritor. A partir da leitura dessas relações, generosos leitores, adentramos no caráter múltiplo e transtextual que assinala não só o teatro, mas também a poesia e o romance suassuniano.

* * *

Não só o romance, mas todo o projeto armorial de Ariano Suassuna converge para o estabelecimento de muitas relações textuais. Aqui me reporto mais uma vez às palavras de uma precursora nos estudos sobre Ariano Suassuna, Dona Idelette Muzart, que argumenta sobre a face de palimpsesto que marca o texto armorial:

As relações que o texto armorial mantém com a literatura oral e popular definem-se como uma ou outra dessas práticas transtextuais. [...]. Se a intertextualidade parece mais concreta, implicando a presença real de um texto dentro do outro, a hipertextualidade representa a prática geral, menos explícita e visível, frequentemente complexa. (2000, p. 99-100).

Com o estabelecimento de conexões textuais diversas, tanto de transtextualidade, quanto de intratextualidade e intertextualidade, o romance suassuniano, assim como o conjunto da Obra do autor do *Auto da compadecida*, nasce “da confluência e do entrechoque de uma multiplicidade de métodos interpretativos, maneiras de pensar, estilos de expressão” (CALVINO, 1990, p. 131). No jogo que o escritor instaura com o seu romance algumas cartas são marcadas para a composição de uma narrativa híbrida, segundo Guaraciaba Micheletti, “abrigando traços distintivos de vários subgêneros ficcionais”, já que o autor se utiliza de técnicas “do folheto, do romance de cavalaria, da epopéia, dos textos bíblicos, do memorial, da crônica, do ensaio, [e] do romance” para poder construir seu *Cantar Acadêmico do Sertão* (1997, p. 18). Um cantar que, mesmo múltiplo, cheio de andanças, profecias e sentenças enigmáticas vividas por gerações e gerações de sertanejos e brasileiros – gerações e gerações da “Raça piolhosa dos homens” –, se desenha através do romance, como o próprio título do livro nos sugere.

Como diz Ítalo Calvino, nas suas conferências das *Seis propostas para o próximo milênio*, “cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis” (1990, p. 138). Assim, a visagem do *Romance d’A Pedra do Reino* sobre o sertão incide no pulsar de páginas cheias de imagens de uma “terra povoada de cangaceiros, amarelinhos, prostitutas, padres safados e bons, os anjos de mistura com os homens em versos populares, numa linguagem desabrida e saborosa onde as palavras adquiriam um relevo de pedras e cactos, cavalos e plantas, bichos e aparições” (BORBA FILHO, [s.d.], p. 215). Sem exageros de circularidade, já que arroteio novamente o muro do Castelo pedregoso do Reino enigmático, tocando minha trombeta armorial, é possível sim afirmar a vida enciclopédica da obra suassuniana, em especial do seu romance. Haja vista que o livro encena, pela visão do alto do autor/narrador, preso no pavimento superior da cadeia, o sertão esbraseado pela queimadura do sol que “parece desprender” “o arquejo de gerações e gerações de Cangaceiros, de rudes Beatos e Profetas, assassinados durante anos e anos entre essas pedras selvagens” (SUASSUNA, 2007, p. 31).

Todos esses grupos citados fazem parte, portanto, da terra à qual pertence a obra, o escritor e o material que o inspira na condução de sua arte, remetendo o leitor para uma tradição do espaço sertanejo dentro da literatura, basta que relembremos os exemplos de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, das obras do Romance de 30 que se ocuparam em narrar o espaço do sertão nordestino, como *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, de José Lins do Rego, dentre outras. Nas palavras do narrador suassuniano o leitor percebe que o Sertão é encenado como o refúgio, o alimento espiritual, o esconderijo e a inspiração do escritor Ariano Suassuna, afirma Dona Idelette Muzart Fonseca dos Santos (2009, p. 102).

Dono então da minha Caçada, o Reino do Sertão suassuniano me aparece como um livro aberto, onde o narrador pretende, através da criação, revelar o mistério da escuridão que toma a alma de cada homem quando se depara com “o enigma da Fronteira, a estranha região onde o sangue se queima aos olhos de fogo da Onça-Malhada do Divino”. Resta ao artista evocar e celebrar a aliança das ideias, reler o Mundo para reescrevê-lo equilibrando os dois espíritos, a face bifronte do real e do irreal, tornando possível o espetáculo da arte.

Como se lê nas palavras litúrgicas, filosóficas e políticas do Padrinho literário de Dom Pedro Dinis Quaderna,

O Mundo é um livro imenso, que Deus desdobra aos olhos do Poeta! Pela criação visível, fala o Divino invisível sua Linguagem simbólica. A Poesia, além de ser vocação, é a segunda das sete Artes e é tão sublime quanto suas irmãs gêmeas, a

Música e a Pintura! Vem da Divindade sua essência musical. [...] Ser Poeta, não é somente escrever estrofes! Ser Poeta, é ser um ‘geníaco’, um ‘filho assinalado das Musas’, um homem capaz de se alçar à umbela de ouro do Sol, de onde Deus fala ao poeta! Deus fala através das pedras, sim, das pedras que revestem de concreto o traje particular da Idéia! Mas a Divindade só fala ao Poeta que sabe alçar seus pensamentos, primando pela grandeza, pela bondade, pela glória do Eterno, pelo respeito, pela moral e pelos bons costumes, na sociedade e na família! (SUASSUNA, 2007, p. 239).

O “Mundo” que se desdobra diante do poeta é um livro imenso que se escreve pela inspiração divina, criação que figura como o sonho revelador que emana do espírito apolíneo. Ao mesmo tempo, a revelação simbólica, pela voz do Poeta, se funde com os dons oferecidos pela terra ao homem, pois Deus fala ao poeta que se alça “à umbela de ouro do Sol” através das pedras que revestem as ideias, reveladas quando o espírito criador do Poeta enfrenta acontecimentos que extrapolam o imaginário harmonioso e a festa embriagadora e alça seus pensamentos pela estética, em favor do equilíbrio que o credencie para receber a fala da Divindade, de onde vem a essência musical, presente no espírito apolíneo e dionisíaco. O narrador suassuniano afirma, portanto, a sua existência no mundo como um fenômeno estético capaz de alimentar uma complexidade primordial e elevar a arte a uma categoria mágica de exaltação.

O tom de profunda expressividade reforça a fala de Hermilo Borba Filho citada anteriormente, na qual ele afirma a capacidade de permanência e vigor da prosa romanesca suassuniana como uma extraordinária teia de formas, estéticas, símbolos e fantasias que são misturadas na fusão das culturas erudita e popular. Toda a magia criativa se funde pelas mãos do mediador de todas as formas e todas as aparências que é Quaderna, o personagem principal e narrador do romance. Rachel de Queiroz afirma, no prefácio do livro, que “Quaderna é o conceito que Suassuna faz dos homens” (SUASSUNA, 2007, p. 17). No fim das contas, Quaderna é um exímio intermediário entre a complexidade que envolve a existência do homem (Poeta) e o Mundo que se abre em ambivalências, amparado nos mitos que pode criar e recriar uma realidade potencialmente fecunda e aberta ao extraordinário da representação estética.

A partir do encontro com o sonho, como na mensagem proferida pela Moça Caetana, ou com o encontro com a “Musa” que o assinala, o artista adentra no jogo da criação estética. É então que a utilização do mito para a criação do romance faz com que o escritor se dirija à origem, um tempo primordial, fabulado, para explicar uma realidade cultural complexa e narrar a criação. O mito, segundo Eliade (1986, p. 11), “é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas

múltiplas e complementares”. A multiplicidade de interpretação que o mito desperta traz vigor à escrita, pois o espírito criativo se depara com articulações antagônicas, as quais se entrecruzam no decorrer da narrativa em benefício da tão desejada conciliação do que é belo e prazeroso com o que é perigo e desordem.

Desta forma, o narrador do *Romance d’A Pedra do Reino* encarna uma figura múltipla que, em meio ao antagonismo apolíneo *versus* dionisíaco, busca encontrar o equilíbrio entre a cultura erudita e popular, traçando um diálogo íntimo entre ambas, em favor da criação artística. Para tanto, o espírito apolíneo, que inspira pelo sonho e ilumina o texto na virilidade do Sol se funde ao espírito da dor, do sexo, da fera e do vinho sagrado da Pedra do Reino que instaura a tensão criadora, o espírito dionisíaco.

Para esclarecer melhor os olhares inquiridores dos nobres leitores e das belas leitoras de peitos macios, aponto as observações que o genial filósofo do sertão da Alemanha, Nietzsche, aponta sobre as figuras de Apolo e Dioniso na mitologia e na tragédia grega. Apolo era o deus do sol que conduzia diariamente seu carro de um extremo ao outro do firmamento, originando os dias e as noites, sendo considerado ainda o inventor da lira e protetor das artes. Eis o que o filósofo alemão afirma sobre a figura do deus do Sol na cultura helênica.

De igual modo os gregos representavam sob a figura de seu Apolo essa alegre necessidade da experiência do sonho: Apolo, como deus de todas as faculdades criadoras de formas, é ao mesmo tempo o deus adivinho. Ele que, segundo sua origem, é o ‘resplandecente’, a divindade da luz, reina também sobre a bela aparência do mundo interior da imaginação. (NIETZSCHE, 2007, p. 29).

Nas palavras de Nietzsche, Apolo surge como a divindade luz que, pela experiência onírica, revela um mundo de fantasias. A esse espírito Nietzsche destina as artes que privilegiam a harmonia das formas que geram a ilusão e refletem o sagrado da visão da beleza, cabendo nessa categorização a arte plástica e a música em sua perfeição harmônica, capaz de elevar a alma à suprema virtuosidade. Em contraposição à perfeição apolínea surge o espírito de Dioniso, o deus do vinho e da embriaguez, da colheita, da fertilidade, do sexo, da metamorfose, da desmedida, que celebra a reconciliação entre a natureza e o homem.

Não é somente a aliança do homem com o homem que está selada novamente sob a magia do encantamento dionisíaco: a natureza alienada, inimiga e subjugada, também celebra sua reconciliação com seu filho pródigo, o homem. Espontaneamente, a terra oferece seus dons e as feras dos rochedos e do deserto se aproximam pacíficas. O carro de Dioniso desaparece sob as flores e as coroas: panteras e tigres avançam sob seu jugo. (NIETZSCHE, 2007, p. 31).

Segundo Nietzsche, Dioniso se contrapõe ao sonho apolíneo, pois vive a alegria e não nega o sofrimento, expressando a vida na sua face real, sem artifícios ou aparências fantasiosas. Como Apolo, Dioniso também é deus da música, mas, a música dionisíaca não tem a postura moderada e harmoniosa característica da música apolínea, Dioniso fabrica uma música extasiante de puro arrebatamento e volúpia. Na fusão dos dois espíritos, o dionisíaco e o apolíneo, a tragédia grega alcança, segundo Nietzsche, o caráter genial de arte. Pela capacidade de se cercar dessa multiplicidade de espíritos o artista possui a aptidão de ver, continuamente, o jogo vivo da criação estética. Livre de formas aprisionadoras, o artista encontra formas que dialogam e se complementam em favor da expressividade artística. Que no caso de Ariano Suassuna pulsa numa teia extraordinária de relações que o texto romanesco estabelece com as artes plásticas, a poesia, a música, o teatro e outras manifestações culturais próprias do Sertão.

FOLHETO XI. A TERCEIRA CAÇADA E AS MEDITAÇÕES DO ARMORIAL

Após a primeira e a segunda caçada que fiz em direção ao Castelo literário e ao Gênio alumioso, um roteiro se apresentou a mim, a viagem, desta vez, não extrapolou as fronteiras do Estado da Bahia, pois reencontrei novamente Dom Ariano Suassuna em dois momentos decisivos para a conclusão das minhas meditações. Primeiro parti em Demanda ao Reino negro da Cidade da Bahia, São Salvador, para assistir a mais uma aula-espetáculo, desta vez uma palestra sobre as raízes da cultura brasileira realizada no teatro do SESC Pelourinho, em homenagem ao dia do Circo, no dia vinte e sete de março de dois mil e doze. Após a aula encontrei novamente com Ariano e comuniquei dos rumos das minhas meditações, ele, sempre de muito bom trato, expressou o desejo de ler meu depoimento sobre sua obra. Resta agora saber se a Ilustríssima Banca julgadora dará parecer em meu favor, sagrando-me Mestre em Literatura e Diversidade Cultural e Cavaleiro do Sertão, para que eu saia da vida do anonimato e entre definitivamente para a história dos estudos armoriais sobre a Rocha-viva do Sertão.

O outro encontro que tive com Dom Ariano aconteceu ainda mais próximo de mim, desta vez bastou que eu perdesse o primeiro jogo da final do campeonato baiano de dois mil e doze, onde o Esquadrão de Aço saía em vantagem, como há muito não acontecia, contra o Rubro Negro, cujo símbolo é o Leão, falso representante da “Raça” guerreira da Bahia, terra

mais propícia ao aparecimento de Onça, animal heráldico e armorial. Era uma tarde de domingo, a cidade de Feira de Santana abrigava o I Encontro das Culturas dos Sertões, evento que marcou a digna e justa homenagem do órgão governamental da cultura para com a Cultura do Vaqueiro, a manhã daquele domingo começou com uma belíssima Cavalgada dos encourados pelas ruas da cidade e, à noite, a plateia lotou o teatro do Centro de Cultura Amélio Amorim para poder acolher e apreciar a palestra de Ariano Suassuna.

Em mim, todos os acontecimentos das minhas Caçadas serviram para entrelaçar os círculos da minha Expedição novelosa, haja vista que, partindo da leitura e das meditações sobre *A Pedra do Reino*, no meu Sertão sisaleiro do nordeste da Bahia, parti em demanda de aprovação e estudo na Academia Sertaneja, a Universidade Estadual de Feira de Santana. Depois corri à cata de aventuras com as expedições ao Recife e à Capital do I Reino do Brasil, pátria mãe do país, para desembocar novamente em Feira de Santana, também um Reino com alcunha de Princesa, como aquela cidade que provocou uma das Guerras do Reino do Sertão, sob a liderança do Coronel José Pereira Lima.

Agora, percebo que as minhas voltas tomam uma forma parecida com a profecia destinada ao profeta Josué, no sertão da Judéia. Basta observar que foram sete os momentos que incendiaram meu sangue para que eu cruzasse o tabuleiro pedregoso e bebesse o Fogo na Taça de pedra dos Lajedos: a leitura do romance; a apreciação da minissérie exibida na TV Globo, sagrando a obra de Ariano Suassuna; a Demanda das meditações na pesquisa para conseguir o título de Mestre; a primeira Caçada, com a apreciação do espetáculo Romançário, no Teatro de Santa Isabel; a segunda Caçada que me conduziu à exposição e celebração dos quarenta anos d'*A Pedra do Reino*, na Universidade sertaneja do Litoral (UFPE); a demanda da palestra sobre as “Raízes populares da cultura brasileira”, na Cidade da Bahia e por último, a profética aula em Feira de Santana, centro organizador das minhas meditações, no mesmo momento em que eram celebradas as Culturas dos Sertões e toda a riqueza dos valores do Vaqueiro, essa “Raça” de cavaleiros guerreiros que desbravam as Caatingas do Reino amuralhado por Ariano Suassuna.

Para que Vossas Senhorias, que ainda me emprestam os generosos corações na apreciação do meu discurso, percebam o quanto essa “luta sem grandeza” está marcada nas estrelas zodiacais do Reino do Sertão, basta que eu diga que o próprio Dom Pedro Dinis Quaderna recebeu, das mãos do Dr. Pedro Gouveia, o título de Décimo Segundo Conde e Sétimo Rei da Pedra do Reino, vejam como esses números são realmente “fatídicos, astrosos e gloriosos”. Vocês não sabem o quanto fiquei impressionado quando percebi, já próximo ao final da redação da minha dissertação-armorial, que o meu discurso se arranjava também em

cinco faces, lembrando a quántupla sagrada família do catolicismo sertanejo de Quaderna, bem como os doze cantos armoriais dos folhetos, inspirados em sete acontecimentos fatídicos, que se casam analogamente às mesmas sete voltas recomendadas a Josué pela profecia sagratória que cai sobre Jericó. E como Quaderna é também nomeado Cavaleiro da Ordem do Templo de São Sebastião, sou O Enviado à Quinta Expedição Novelosa ao Reino do Sertão, faltando apenas a cerimônia de Ordenação, cuja autoridade cabe a nossa Ilustríssima Banca julgadora.

* * *

Exposto então a sùmula das minhas meditações, recorro ao poder de vai-e-volta que meu depoimento armorial me permite utilizar, pela autorização concebida pelo Método de Josué, para dizer a Vossas Senhorias que o Movimento Armorial não morreu, como dizem alguns invejosos por aí. O movimento que tem, na literatura, um dos representantes máximos, que é o *Romance d'A Pedra do Reino*, além de toda a aventura encampada por seu autor em defesa da cultura sertaneja e brasileira, passou por transformações, como todo movimento que se preza, aprimorando e arregimentado novos seguidores para cumprir seu espírito de vanguarda e reconhecimento da tradição.

A teorização do que acabei de afirmar coube à pena certa de Carlos Newton Júnior, que mantém na Revista Correio das Artes, de João Pessoa – Paraíba, uma coluna mensal intitulada Novo Almanaque Armorial, que leva adiante as ideias de Ariano Suassuna e os artistas armoriais para que as novas gerações conheçam e apreciem a arte produzida com inspiração no material da tradição e da terra sertaneja. Para ilustrar a coluna, Carlos Newton Júnior mantém o contato com o artista plástico Dantas Suassuna, cuja obra se insere nas características da produção artística armorial, mantendo o vigor do movimento e se atualizando com as tendências contemporâneas. Caberá aos próximos estudos buscar apreciar esse momento para que constatem a permanência do Movimento.

Por fim, basta que eu diga que o Armorial é um movimento de vanguarda, porque bebe na “Fonte do Cavalo” da tradição, sem alusões passadistas, primando pela arte supratemporal, como comprovamos nas palavras de Dom Carlos,

A verdadeira vanguarda, assim, não é uma condição transitória da obra de arte, como muitos parecem acreditar. Como a grande obra de arte não envelhece (se envelheceu é porque já era velha no seu tempo e ninguém se deu conta disso, logo, nunca foi, de fato, grande), a condição de vanguarda é algo permanente; liga-se à essência da obra e à sua natureza supratemporal. É o caso, para ficarmos em um

único exemplo, do *Dom Quixote*, que, concluído há quase quatrocentos anos (considerando a data de edição da “segunda parte”), ainda continua essencialmente novo. Para nós, que fazemos o Movimento Armorial, é esta a vanguarda que realmente interessa, tenhamos ou não “engenho e arte” para alcançá-la. (abril de 2011, p. 29).

Com a afirmação transcrita é possível que todos entendam como as meditações do armorial permanecem na contemporaneidade, dando relevo a supratemporalidade de obras como *A Pedra do Reino*. Caso ainda duvidem e questionem as ideias postas, como é de direito de todos, acrescento mais uma informação: o romance de Ariano Suassuna se transformou também no grande inspirador de um Movimento que acontece todo último domingo do maternal mês de maio em São José do Belmonte, no sertão dos Cariris Velhos, em Pernambuco, no exato local onde aconteceu a chacina da Pedra do Reino, ou Pedra Bonita. Trata-se da **Cavalgada à Pedra do Reino**, que já chegou à vigésima edição, o evento mobiliza os cavaleiros da cidade e de outros cantos do sertão do mundo para realizar várias manifestações culturais e religiosas lembrando o fatídico acontecimento que colocou os dois blocos de granito nos compêndios da história. Os cavaleiros percorrem cerca de trinta quilômetros no percurso do Centro da cidade até às pedras da Serra do Catolé. Hoje também existe em São José do Belmonte um Castelo Armorial, idealizado e construído pelo empresário e pesquisador Clécio de Novaes Barros, o Castelo conta com cerca de mil e quinhentos metros de área construída e uma altura equivalente a um prédio de seis andares, tudo financiado com recursos do próprio empresário. O prédio serve como um Museu para a cultura local e a estética armorial sertaneja. Para provar o que digo anexo nos autos da minha dissertação imagens da Cavalgada à Pedra do Reino e do Castelo Armorial, centros da minha próxima demanda.

Nas Caçadas aventurescas e novelosas, nas intensas horas de estudos e meditações que a estrada verdadeira foi se forjando em minha frente, para que eu pudesse traçar minhas observações sobre o romance que é a vibração do sol do meio-dia tanto do Movimento Armorial quanto da arte sertaneja, nordestina, popular, erudita e brasileira. Uma obra cuja construção apenas se iniciou, mas que ainda não foi acabada pela pena curiosa e reenscrevedora de Ariano Suassuna, que situa sua obra além do tempo, um romance que “é, visto por certo ângulo, um romance sobre o poder da palavra, sobre a ficção se superpondo à realidade”, como afirma Dom Braulio Tavares (2007, p. 26).

Para provar a permanência e sagração de sua obra diante e ao lado de outros textos fundamentais da literatura brasileira, a exemplo de *O sertanejo* e *Os sertões*, Ariano Suassuna encena a consagração do seu narrador/escritor como “Rei da Távola Redonda da Literatura do

Brasil”, após receber a benção de José de Alencar e Euclides da Cunha, que teriam suas obras superadas com a construção do *Romance d’A Pedra do Reino*, pela fabulação e pela potência de perspectivas e abordagens a respeito dos espaços do sertão nordestino e brasileiro. Vejamos, então, a consagração armorial do narrador/escritor suassuniano.

- Em nome dos Cantadores e do Reino, conjuro todos a coroar o nosso Rei com a Coroa de couro e prata do Sertão, trançada de espinhos de mandacaru e medalhada com folhas de ouro de Angico, Braúna e Pau-brasil!

O Arcebispo da Paraíba consultava o Mestre-de-Cerimônias, que não era outro senão Joaquim Nabuco, sempre amaneirado, diplomático e entendido nessas coisas cortesãs. Joaquim Nabuco, um pouco a contragosto e contrariado em seu cosmopolitismo, tinha que concordar, “porque fora, também, a vontade manifestada pelo Rei”. Então, acolitado por Dom José de Alencar e por Dom Euclides da Cunha o Arcebispo da Paraíba me coroava finalmente como Rei da Távola Redonda da Literatura do Brasil, ante a alegria delirante do Povo Brasileiro e ao som de uma Música sertaneja de tambores, pífanos, triângulos, violas e rabecas. (SUASSUNA, 2007, p. 741).

Assistindo a coroação de Quaderna, ao som da música sertaneja, o leitor saúda a dimensão mágica, bela e violenta que encena o Sertão suassuniano. Um espaço que se realiza pela pena do “Rei da Távola Redonda da Literatura do Brasil” para se erguer maior do que as suas fontes; *O sertanejo*, de José de Alencar e *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Dizer que a obra suassuniana se ergue maior do que os romances de Alencar e Euclides não é diminuir a importância dos livros dos dois autores, antes sim, é reconhecer que ambos são fontes inspiradoras de novas e mágicas encenações estéticas sobre o sertão. Por fim, ao desejar encenar o sertão como um espaço mágico, um Reino enigmático e misterioso, erguido em folhetos e romances, romances e folhetos, como uma epopeia da Literatura e da Pátria, “espécie de *Sertaneida*, *Nordestíada* ou *Brasiléia*”, o autor tem que cantar com o grito mais forte do que os seus antecessores. E assim, inspirado nas epopeias sagradas da antiga Musa, já tomado pela aventura da meditação e pelo fogo da invenção, reescrevi meu canto fundamental, pedra angular da meditação armorial:

Cessem dos sábios fluminenses

Encenações que já fizeram.

Viva Arnaldo e Conselheiro

E as vitórias que tiveram,

Q’eu canto a Raça sertaneja,

Aventuras dum Engenhoso,

Na gloriosa Fortaleza,

A Ilumiara da Beleza.

*Eu, meditando na delgada avena,
As rudes canções de dissertação,
Fiz Caçadas agoureiras, proféticas,
De depoimento e inspiração
Bebi a voz do Gênio Alumiso,
Profeta de Vinho e Canto espantoso.
Cesse o que a antiga musa canta
Que o armorial já se alevanta.*

FOLHETO XII. O ROTEIRO DA ILUMIARA

Seja a ficção se superpondo ou inspirando a realidade, o fato é que o romance suassuniano compõe uma Grande Ilumiara, em constante processo de organização, tanto que a obra sempre ganha novas inserções desde a sua quarta edição, onde é subdividida em cinco livros, cinco partes: Livro I, “A Pedra do Reino”; Livro II, “Os Emparedados”; Livro III, “Os Três Irmãos Sertanejos”; Livro IV, “Os Doidos” e Livro V, “A Demanda do Sangral”. Outro fator importante é que o autor vem reconstruindo o subtítulo do romance nas diferentes edições, o que indica o espírito de reescrita e reavaliação da obra, uma grande deixa para os críticos genéticos da Filologia. Se da primeira a quarta edição o subtítulo do romance é “romance armorial popular-brasileiro”, na sexta edição aparece como “romance armorial brasileiro”, na nona edição tem a seguinte definição “A Ilumiara” antes do título *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, para depois vir o subtítulo “Airesiana Brasileira nº 1”, até notarmos na edição mais recente, a décima primeira, a definição “A Ilumiara” mantida, mas o subtítulo novamente alterado para “Airesiana Brasileira em Fá-Maior Introdução ao ‘Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores’”. Para provar as observações que faço, anexo as folhas de rosto das edições que citei. Vale lembrar que inicialmente Ariano Suassuna concebeu sua obra para ser uma trilogia intitulada “A maravilhosa Desventura de Quaderna, o Decifrador e a demanda novelosa do reino do Sertão”, subdividida em “Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta”, “História d’O rei degolado nas caatingas do sertão” e o “Romance de Sinésio, o

Alumioso, príncipe da bandeira do Divino do sertão”, como conta o próprio autor e o roteiro elaborado pelos estudos de Dona Idelette Muzart Fonseca dos Santos, na sua demanda da poética popular (2009, p. 48).

O objetivo do autor com as (re) inscrições na obra parece ser o de reforçar verdadeiramente a construção do seu Castelo Literário, já que as alterações acontecem para que *A Pedra do Reino* seja anexada como parte do gaviônico Projeto Literário que Ariano Suassuna deseja concretizar após o lançamento de seu(s) novo(s) livro(s), que está sendo escrito, *O Jumento sedutor*.

De concreto sabemos que o *Romance d’A Pedra do Reino* inspirou uma grande manifestação popular em São José do Belmonte, no sertão pernambucano. Da mesma forma que inspirou o autor a conceber o projeto da construção da “Ilumiara Pedra do Reino” no local onde ficam as Pedras do Reino. O Sítio Histórico da Pedra do Reino foi iniciado em mil novecentos e noventa e oito, abriga quinze estátuas esculpidas em pedra, com desenhos concebidos por Ariano Suassuna. As imagens representam figuras religiosas, O Cristo Rei, Nossa Senhora, São José, São João, São Pedro, Santo Antonio, Santa Madalena, Santa Teresa e Santana, e as imagens dos reis e rainhas personagens do movimento sabastianista da Pedra do Reino; João Antonio, João Ferreira, Pedro Antonio, Izabel, Josefa e Quitéria. Para fechar o marco, tem a Pedra que indica a Ilumiara Pedra do Reino e que homenageia a figura do genial artista do Barroco mineiro e brasileiro, o Aleijadinho. O santuário idealizado por Ariano Suassuna, além de ser um monumento de arte sertaneja, barroca e brasileira, que relembra e celebra as vidas sertanejas perdidas no decorrer da história e dos sonhos do espírito sertanejo para restaurar o Quinto Império sebastianista de justiça e igualdade social, será um centro turístico para a cidade de São José do Belmonte. A festa da Cavahada e da Cavalgada à Pedra do Reino é realizada todos os anos pela Associação Cultural Pedra do Reino, formada por cidadãos belmontenses. Ao final, anexamos nos autos do processo imagens do monumento “Ilumiara Pedra do Reino”, para que Vossas Senhorias constatem a veracidade das minhas informações, podendo até ampliar o entendimento através de consulta na biblioteca digital da Associação Cultural da Pedra do Reino (o blog www.pedradoreinosjb.blogspot.com.br), ou num tal de “Gúgol”, que anda deixando os estudantes de hoje mal acostumados com as pesquisas e demandas dos estudos, afastando-os, muitas vezes, da leitura dos livros de verdade.

Então nobres Senhores e belas Damas de lábios que “são lírios com mirra que flui e se derrama”, Ilustríssima e gaviônica Banca julgadora, chego ao final do meu depoimento com minha obra finda, motivo pelo qual me encontro diante de Vossas Senhorias para o julgamento e a cerimônia régia que poderá me alçar à Categoria de Mestre pela Academia Sertaneja. Diante de mim uma espécie de Conselho, formado pelos generosos espectadores e leitores do meu depoimento, parece reencenar a coroação que alçou o narrador Quaderna à Categoria dos grandes gênios e personagens da Távola Redonda da Literatura Brasileira, coroação que representa de maneira bela e poética o alcance e o significado que o *Romance d’A Pedra do Reino* atingiu, enquanto epopeia guerreira e enigmática da nação, desde o seu lançamento em 1971.

A sagração do narrador/escritor do romance afirma a Obra Castelar e epopeica, e a eleva como o canto grandioso de criação e representação estética do espaço cultural do Sertão, o misterioso “Campo de sono ensangüentado”, onde “arde em brasa o Sonho perdido” de cada homem filho de mulher, que convive ou não nesse *locus*. A mim coube Demandar na Quinta Expedição ao Reino do Sertão, para ocupar meu posto de sucessor dos nobres Cavaleiros Sertanejos da Pedra do Reino José de Alencar, Euclides da Cunha, Ariano Suassuna e Carlos Newton Júnior.

AS CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A SAGRAÇÃO DA QUINTA EXPEDIÇÃO AO REINO DO SERTÃO

Como diz o genial filósofo espanhol José Ortega y Gasset, “cada dia menos me interessa sentenciar; a ser juiz das coisas vou preferindo ser seu amante” (1967, p. 56). Com efeito, a missão das minhas meditações e estudos críticos não intenta em dizer se a obra literária em questão é boa ou má, cabe ao leitor traçar sua demanda particular e julgar da maneira que melhor lhe convier. A mim vale o engenho e a arte de que me armei para partir à “Fonte do Cavalo” em busca da inspiração necessária para dizer a minha aventura intelectual pelo Sertão do Nordeste, um Sertão histórico, sociológico, mas também estético, quixotesco, régio, poético, mítico, apolíneo, dionísíaco e armorial.

Um Sertão que ganha uma dimensão de Reino, pela valorização de sua cultura e de sua história pela pena engenhosa e armorial de Ariano Suassuna. Um espaço rude, pedregoso, mas, ao mesmo tempo, uma Pérola, “engastada em ouro fino”, no depoimento literário que o

narrador/escritor suassuniano arquiteta através de sua providencial prisão e de seu providencial julgamento pelo Juiz Corregedor, “de modo a comover o mais possível” com a sua narração os corações generosos que acompanham os seus infortúnios. Toda a tessitura do discurso quadernesco faz com que a Obra de Ariano Suassuna permaneça e levante outras tantas demandas em favor das meditações de toda a proposta refletida nas linhas e entrelinhas que compõe esse bloco de pedra e de poesia que é o *Romance d’A Pedra do Reino*. Assim, segundo as palavras de Ângelo Monteiro, “A Pedra do Reino, por ser de pedra, irá permanecer durante todo o tempo em que o sol se refletir sobre ela” (1974, p.39).

Então, nobres Senhores e belas Damas de peitos macios e brandos, “nesta bela Concha” coberta pelo sangue florido que banha a terra sertaneja, enfeitada pelas coroas-de-frade e pelos espinhos de mandacarus, o Sol do meio-dia parece pintar de luz e barro, Poesia e Mundo, Sonho e Razão, a cada leitura, a cada demanda aventureira ao Reino do Sertão, os fósseis petrificados da nossa cultura, para reencená-los de maneira grotesca e gloriosa, fazendo reviver as nossas memórias sertanejas e brasileiras.

E assim, reencenando, revisitando a sentença proferida a todos os homens, o narrador/escritor bebe o fogo dos Lajedos para celebrar a “luta sem grandeza” que o heroísmo de ser a si mesmo assinala a vida e a morte de cada Cavaleiro e de cada Dama. Cada ser vivente que se propõe em cantar o enigma da Fronteira, encenado pela estranha voz rouca e afiada, como o pio de gavião, do Engenhoso escultor/escritor, a Divindade, que escreve a grande peça de teatro que é a vida, com os vestuários das Intrigas, presepadas, contendias e aventuras, ou do ódio, do amor, das batalhas, do cantar e da meditação.

Por fim, bebendo da água sagrada da “Fonte do Cavalo”, é preciso que eu diga que o sonho da legenda e a meditação gaviônica me conduziram no galope do depoimento da minha dissertação armorial em favor da concretização da Quinta Demanda Novelosa ao Reino do Sertão. De onde sai todo esse cantar espantoso, o sonho em quebrar a Pedra que serve de porta e fronteira para transpormos, enquanto sertanejos do Brasil Real, a Chapada diabólica e heráldica formada pelos espinhos da “desconhecença” e da dúvida que pode conduzir, todos aqueles que desejem catar aventuras, ao caminho da “sabença”. O livro do Mundo está aberto para todos, basta que nos dediquemos à leitura dele para descobrimo-nos enquanto heróis de engenhosos passos, de engenhosos Reinos, aventuras e expedições, inerentes à condição humana.

ANEXOS

ANEXO A - ENTREVISTA COM ARIANO SUASSUNA, março de 2011.

Transcrição do depoimento de Ariano Suassuna para Gildeone.

Entrevista realizada por Samarone Lima, na casa de Ariano.

Pergunta - Quem é Ariano Suassuna hoje, aos 83 anos? Mantém as mesmas convicções e posições políticas, ou alguma coisa foi revista?

Ariano – Eu acho que existe, dentro de cada um de nós, uma espécie de escuridão. que é desconhecida até da gente mesmo. Em mim (não sei para os outros) a literatura é uma arma, a arte, é uma das maneiras que encontrei para fazer algumas buscas nesta escuridão. Isso começou desde eu muito menino, e continua até hoje, aos 83 anos; e acho que essa busca só vai acabar com a morte.

Nesta busca estão, evidentemente, revisões; estão incluídas reavaliações de várias coisas. Sinto, por exemplo, que, quando jovem, era muito mais duro do que sou hoje. Hoje eu procuro ver o mundo e as outras pessoas com uma tolerância maior. Eu lhe dou um exemplo, das pessoas que lidam com notícia.

Eu falei mal de Michael Jackson durante muito tempo. Mas depois, quando o vi ser trucidado... A sociedade capitalista é muito impiedosa. Levantam um mito, e depois o esmagam. Ele foi praticamente massacrado, no fim da vida. Hoje eu olho para Michael Jackson com mais compaixão do que com o senso crítico aguçado que tinha e tenho, sobre a arte dele. Vejo a pessoa humana, o que ele passou, as dificuldades...

Pergunta – O Movimento Armorial, criado pelo senhor, tem uma clara proposta de revitalização da cultura popular. Todavia, o movimento é taxado pejorativamente por algumas pessoas como “europeizante”, a partir da ideia de que não teria raízes propriamente brasileiras. O que o senhor pensa a respeito?

Ariano – Eu acho que isso aí é uma injustiça que se faz. Primeiro, eu não falo somente da cultura popular. A cultura popular é importante. Falo mais dela talvez porque ela é mais marginalizada. Então, como eu procuro, na medida das minhas forças corrigir certas injustiças, como a cultura popular é muito injustiçada, eu falo muito sobre ela.

Mas a arte, na minha opinião, é por natureza aristocratizante. Eu sei que vou ser mal compreendido dizendo isso, mas não me incomoda não, porque é verdade. Uma pessoa como Cervantes tem o gosto muito mais apurado do que o dos autores de novela de cavalaria das quais ele partiu, e da novela picaresca. Então, o grande artista, por natureza, é um ser de exceção.

Pergunta – É sabido que Dom Quixote, de Cervantes, lhe é uma obra muito cara, admiravelmente referenciada nas páginas de A Pedra do Reino. Que outros autores fazem parte da seleta lista de Ariano Suassuna?

Ariano – A minha lista não é tão seleta não. Eu leio com grande prazer, ainda hoje, romances de aventura que são considerados fora do cânone literário...

Pergunta – Como por exemplo?

Ariano – Por exemplo, “Scaramouche”, de Rafael Sabatini. Os críticos literários acham muito importante falar de Madame Bovary, de Flaubert, mas a mim, me agrada muito mais falar de Scaramouche.

Pergunta – Podemos afirmar que escritores como José de Alencar, Euclides da Cunha, José Lins do Rego e Guimarães Rosa contribuíram para a formação do escritor Ariano Suassuna?

Ariano – Desses todos, os três primeiros mais, porque os li desde menino, e acho que as leituras da infância e da adolescência marcam mais. Guimarães Rosa, por quem eu tinha e tenho uma grande admiração, eu já conheci já adulto; já era um escritor formado, quando o conheci.

Não acho que tenha recebido grande influência de Guimarães Rosa não, porque ele tinha um universo e uma linguagem muito particulares, que não são os meus.

Pergunta – E o senhor já estava formado, então...

Ariano – Já estava formado, quando o conheci. Já tinha escrito “O Auto da Compadecida”, já tinha escrito grande parte da minha obra.

Pergunta – Aprecio muito a sua obra, mas tenho especial carinho pelo Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta e pelo personagem Quaderna. Com essa obra o senhor conseguiu falar tudo o que queria sobre o sertão e sobre o Brasil?

Ariano – Tudo não. Mas foi onde eu falei mais.

Pergunta – E o Quaderna? Após quase quarenta anos completos do lançamento d’A Pedra do Reino, o que significa ler Dom Pedro Dinis-Quaderna no século XXI?

Ariano – Isso não é uma pergunta para ser feita ao autor; é para ser feita aos leitores.

Pergunta – O senhor já ganhou o título de cidadão baiano e também o Prêmio Jorge Amado de Literatura. Já destacou positivamente a poesia de Gregório de Matos e Castro Alves, inclusive n’A Pedra do Reino. Qual a sua relação com a Bahia?

Ariano – Muito boa, inclusive eu gosto de dois romances de Jorge Amado, gosto muito de “Os Velhos Marinheiros”, acho o personagem Vasco Moscoso do Aragão um personagem extraordinário, um personagem meio picaresco, e “Terras do Sem Fim”. Ele tem inclusive um

personagem que me agrada muito, o capitão João Magalhães. Eu gosto muito dessas duas obras de Jorge Amado.

Por Gregório de Matos eu tenho também uma grande admiração, desde muito jovem. Para mim foi o primeiro grande poeta brasileiro. Houve outros excelentes poetas no Brasil, mas brasileiro, acho que ele foi o maior século XVII. É muito bom.

Ele teve um poema. Você veja como são as coisas. Uma vez recomendei a Carlos Pena Filho a leitura de Gregório de Matos, chamando a atenção para um poema em que ele fala sobre para a Bahia. Começa assim:

*“Senhora dona Bahia
Nobre e opulenta cidade
Madrasta dos naturais
E dos estrangeiros madre.*

*Dizei –me, por vida vossa,
de onde tirai o ditame
De exaltar os que aqui chegam
E abater os que aqui nascem”.*

Então você veja. Anos depois, Carlos Pena Filho escreve um poema que se chama “Guia Sentimental da Cidade do Recife”, onde ele diz assim:

*“Recife, cruel cidade
Águia sangrenta e Leão
Amiga dos que maltratam
Inimiga dos que a não”.*

Olhe o eco de Gregório de Matos, está vendo? neste grande poeta que é Carlos Pena Filho, e que inclusive era amigo de Jorge Amado, como eu.

Pergunta – Tem acompanhado a representação ficcional do Nordeste na literatura brasileira contemporânea? Qual a sua impressão?

Ariano – Não, não tenho acompanhado não. O mais recente para mim acho que é antigo para os jovens, é Carrero. Eu gosto muito do que ele escreve.

Pergunta – Como é a rotina do escritor Ariano Suassuna atualmente? Algum projeto de publicação em vista? As aulas espetáculo chegaram ao fim?

Ariano – Eu acordo, tomo café, escrevo. Normalmente escrevo de manhã, porque à noite eu perco o sono, a cabeça começa a rodar. A minha rotina é muito simples, até desconfio do meu talento, porque minha rotina é muito pouco original. O livro novo está chegando ao fim, e deve ser publicado no primeiro semestre de 2011.

As aulas-espetáculo dependem da demanda. Enquanto houver demanda e eu tiver força pra isso, vou continuar.

Aliás, coloquei oficialmente esse nome na década de 90 do século passado. Mas dei a minha primeira aula no teatro de Santa Isabel, em setembro de 1946; eu tinha 19 anos. Fiz uma cantoria com três cantadores e um poeta popular. Os três irmãos Batista: Lourival, Dimas e Otacílio. O poeta popular era o poeta Manoel de Lira Flores, com quem depois eu me correspondi em versos.

Nesse dia dei a primeira aula-espetáculo. Tinha 19 anos. Viajei ao interior do Ceará e encontrei Dimas Batistas. Para minha surpresa. Diziam “ah, os grandes cantadores desapareceram”.

Eu voltei. Fazia parte do Diretório da Faculdade de Direito e propus trazer esses artistas. Dei essa aula, explicando os gêneros e eles exemplificando, cantando. Foi um sucesso. Lotou completamente o teatro.

Pergunta – Como o senhor visualiza a política brasileira hoje? Algo foi feito para que as diferenças entre o Brasil real e o Brasil oficial diminuíssem? A eleição de Dilma foi importante?

Ariano – Acho que sim. Uma pessoa da minha idade normalmente diria “no meu tempo era melhor”, acho que é o inverso. Melhorou bastante, o que não significa que se tenha resolvido o problema. O governo Lula foi histórico, em todos os aspectos, primeiro pelo fato de ele ter sido eleito. A primeira vez que um homem do povo foi eleito presidente da república, não é? E chegou pelas inegáveis capacidades dele; Lula é um raio de inteligência, eu o conheço pessoalmente. E ele diminuiu muito essa diferença, que é grande ainda, entre privilegiados e despossuídos.

Pergunta – O senhor fala muito isso nas aulas-espetáculo, não é? O Brasil Real e o Brasil Oficial.

Ariano - Eu falo de Machado de Assis Foi ele quem falou primeiro sobre isso.

Agora, quero falar de Dilma. Sobre Dilma quero dizer sobre uma coisa em que ninguém tem reparado. Falou-se muito mal de Lula por ter escolhido Dilma. Mas eu digo uma coisa a você: qualquer pessoa que fosse escolhida para ser o sucessor de Lula, iria passar por uma situação difícil, por tudo o que ele é e tudo o que ele foi. Então eu acho que foi uma grande jogada

política dele. Ele escolheu uma mulher, o que era um grande diferencial. Quer dizer: sai o primeiro homem do povo, e entra a primeira mulher. Até nisso ele acertou.

Além do mais, ela demonstra uma competência enorme; saiu-se muito bem: olha que ela foi metralhada - e se saiu muito bem. Eu tenho a impressão de que talvez ela, politicamente, não seja tão boa quanto Lula: mas, administrativamente, foi muito bem escolhida. Ela é uma grande administradora, e vai se ver isso. Estou com grande esperança no governo dela.

Pergunta – Deixe alguma mensagem para os baianos e para os leitores da Revista Quaderna.

Ariano – O que quero dizer é que considero a Bahia um núcleo importantíssimo da cultura brasileira. Agradeço profundamente terem escolhido o nome Quaderna para colocarem na revista: agradeço em meu nome e em nome de João Cabral de Melo Neto, que tem uma reunião de poemas chamada Quaderna.

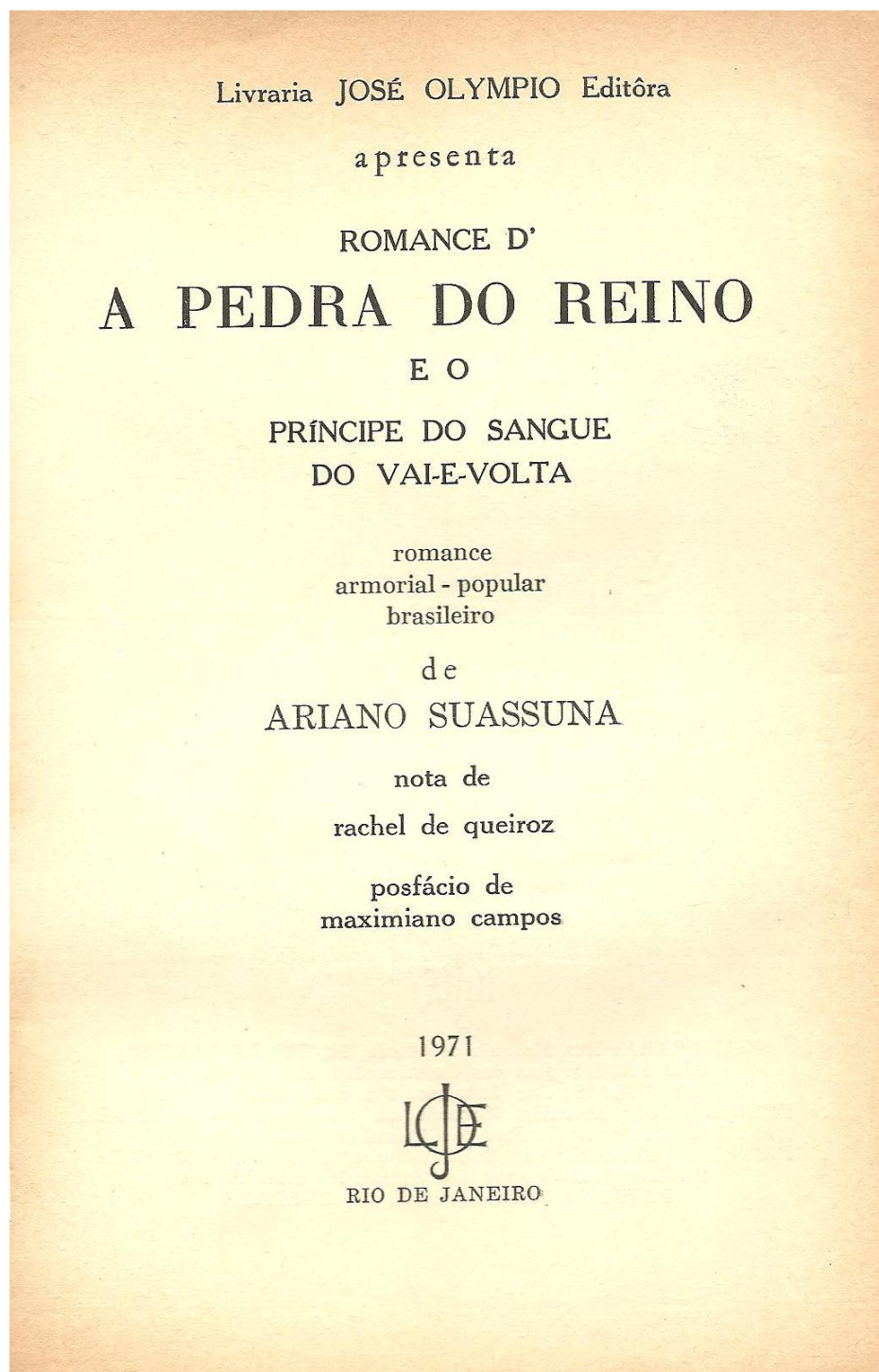
Esse nome, aliás, pertence à Língua Portuguesa. Eu o escolhi porque acho, nele, um significado simbólico muito grande. Quaderna quer dizer quatro. Tanto que ele é o símbolo de Quaderna, no romance – uma quaderna é um símbolo heráldico formado por quatro crescentes unidos pelas pontas, está entendendo? São unidos pelas pontas, os quatro crescentes. É como se ele tivesse quatro significados: por um lado, tem a parte que ele herda de Samuel, o mestre dele. Depois, tem outra parte que ele herda de Clemente, outro mestre, o comunista. Tem a dele, pessoalmente. E tem a de Ariano Suassuna.

Entrevista transcrita em 11 de março de 2011, para publicação na revista “Quaderna”.

Texto da entrevista revisado em 17 de março de 2011 por Ariano Suassuna.

Por Samarone Lima, Assessoria de Imprensa. Secretaria de Assessoria ao Governador
(81) 9488.3858/31847807.

ANEXO B – Folha de rosto da 1ª Edição do *Romance d'A Pedra do Reino* (1971)



ANEXO C – Página assinada por Ariano Suassuna do meu exemplar d'A *Pedra do Reino*, agradecendo a atenção à sua obra.

Para Gildeane, agrade-
cendo a atenção que tem
dado a meu trabalho
de escritor, com o
abraço de
Ariano Suassuna
Recife, 6. XII. 2010

ANEXO D – Página autografada por Carlos Newton Júnior, em sua tese de “megalomania quadernesca”,

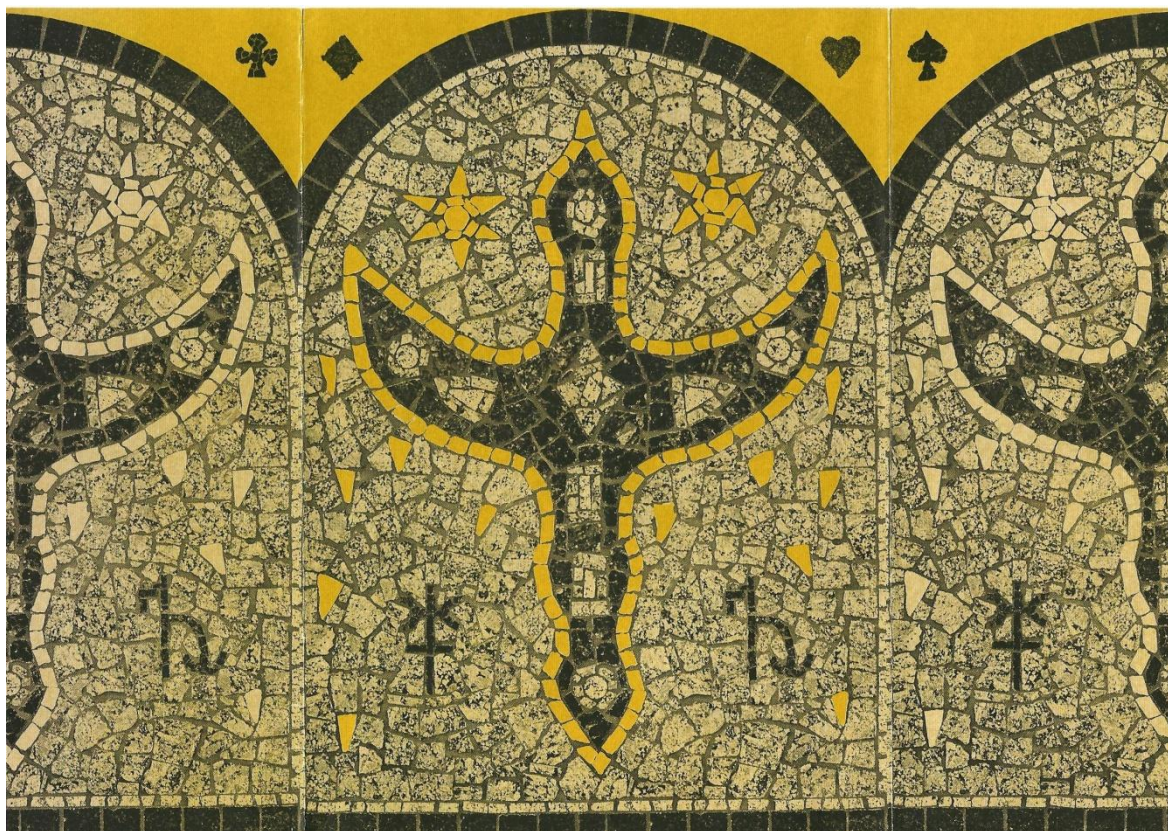
CARLOS NEWTON JÚNIOR

VIDA
DE QUADERNA
E SIMÃO

Romance de Tese armorial,
extraído dos Cadernos de Cárolus Vilanova,
um discípulo de Albano Cervonegro

Para Gildeane, este romance
de tese e megalomania
quadernesca, com o abraço de
C. N. J.
Recife, 14. X. 2011

ANEXO G – Folder da aula-espetáculo Romançário, Recife 06 de dezembro 2010.



<p>INTEGRANTES DO GRUPO ARRAIAL</p> <p>MÚSICOS Antonio Madureira (<i>Violão</i>) Eltony Nascimento (<i>Flauta</i>) Sérgio Ferraz (<i>Violino</i>) Sebastian Poch (<i>Violoncelo</i>) Jerimum de Olinda (<i>Percussão</i>)</p> <p>CANTORES Edinaldo Cosmo de Santana Isaar França Oliveira de Panelas</p> <p>BAILARINOS Maria Paula Costa Rego Gilson Santana (<i>Mestre Meia-Noite</i>) Pedro Salustiano Jáflis Nascimento Ana Paula Santana</p> <p>PARTICIPAÇÃO ESPECIAL Elyanna Caldas (<i>Piano</i>)</p>	<p>O GOVERNO DE PERNAMBUCO apresenta o GRUPO ARRAIAL na AULA-ESPETÁCULO</p> <p>‡ Romançário †</p> <p>“A CADÊNCIA, O CASTELO E A CANTORIA” Improviso para Viola (<i>Antonio Madureira</i>) Armoriando (<i>Sérgio Ferraz</i>) Fandango (<i>Antonio Madureira</i>) Cantiga de Dom Sebastião (<i>Recriação de Antonio Madureira</i>) Martelo Agalopado (<i>Recriação de Antonio Madureira</i>)</p> <p>“CHAMADA AO PIANO” Quadrilha (<i>Cláudio Carneiro Leal</i>) Marcha Carnavalesca (<i>Irmãos Valença</i>) Maracatu (<i>José Mariano Barbosa - Marambá</i>) Choro nº 5 (<i>Capiba</i>)</p> <p>“NAU” Toré (<i>Antonio Madureira</i>)</p>	<p>DIREÇÃO DE ARTE Manuel Dantas Suassuna</p> <p>DIREÇÃO MUSICAL Antonio Madureira</p> <p>COREOGRAFIAS Maria Paula Costa Rego</p> <p>FIGURINOS Andréa Monteiro (<i>A Cadência, O Castelo e a Cantoria</i>) e <i>“Chamada ao Piano”</i> / Carol Azevedo (<i>“Nau”</i>)</p> <p>ILUMINAÇÃO Luciana Raposo</p> <p>PRODUÇÃO EXECUTIVA Felipe Santiago</p> <p>Autor do Mosaico Guilherme da Fonte</p> <p>Programação Visual Ricardo Gouveia de Melo e Paulo Montanheiro</p> <p>SECRETARIA DA CASA CIVIL SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNARPE</p>
 <p>SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA</p>		

ANEXO H – Retrato tirado com Ariano Suassuna após a Aula-espetáculo Romançário, Recife 06 de dezembro de 2012.



ANEXO I – Ariano Suassuna agradece os aplausos do público junto com os artistas que participaram do espetáculo Romançário. Recife, 06 de dezembro de 2010.



ANEXO J – Manuscrito da mensagem que a Moça Caetana proferiu a Quaderna em Sonho. *CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA*. Ariano Suassuna. Instituto Moreira Sales, número 10, novembro de 2010, p. 85.

A sentença já foi proferida. Saia de casa e cruze o Tabuleiro pedregoso. Só Me pertence o que por você for decifrado. Beba o Fogo na taça de pedra dos Saje-dos. Registre as malhas e o pelo fulvo do Jaguar, o pelo vermelho da Sussuarana, o lecto com seus frutos estrelados. Anote o Pássaro com sua flecha aurinegra e a Tocha incendiada dos Mocambiras cor-de-sangue. Salve o que vai parecer: o Efêmero sagrado, as energias desperdiçadas, a luta sem gravidade, o Herói assassinado em segredo, o que foi marcado de estrelas - tudo aquilo que, depois de salvo e assinalado, será para sempre e exclusivamente seu. Celebre a roça de Reis esusos, com a Coroa pingando sangue: o Cavaleiro em sua Busca errante, a Dama com as mãos ocultas, o Anjo com sua espada, e o Sol malhado de Lírio com seu Gavião de ouro. Entre o Sol e os cardos, entre a pedra e a Estrela, você caminha no Inconcebível. Por isso, mesmo sem decifrá-lo, tem que cantar o enigma da Fronteira, a estranha região onde o

ANEXO K – Manuscrito da mensagem que a Moça Caetana proferiu a Quaderna em Sonho. **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA**. Ariano Suassuna. Instituto Moreira Sales, número 10, novembro de 2010, p. 86.

sangue se queima aos olhos de fogo da Du-
ca - Malhada do Divino. Faça isso, sob
pena de morte! Mas sabendo, desde já,
que é inútil. Quebre as cordas de prata
da Viola: a prisão já foi decretada!
Colocaram grossas barras e correntes ferru-
josas na Cadeia. Esqueram o Patíbulo
com madeira nova e afiaram o quimo do
Machado. O Estigma permanece. O si-
lêncio queima o veneno dos Serpentes, e,
no Campo de ~~café~~ sono ensanguentado,
arde em brasa o Sonho perdido, ten-
tando em vão reedificar seus dias
para sempre destruída.

Ariano Suassuna

ANEXO L – Retrato do Cartaz da XIX Cavalgada à Pedra do Reino, maio de 2011. Exposto durante as comemorações dos 40 anos de publicação do *Romance d'A Pedra do Reino*, na Exposição da Galeria Capibaribe, CAC – UFPE. Outubro de 2011.



ANEXO M – Foto de divulgação da Exposição dos 40 anos *d'A Pedra do Reino* – UFPE, outubro de 2011.

A PEDRA DO REINO
40 ANOS

05 a 21 de outubro de 2011

Exposição de manuscritos, livros raros, fotografias e obras de arte derivadas do Romance *d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, em alusão ao 40º aniversário da primeira edição da obra (1971). Pinturas de Manuel Dantas Suassuna.

Curadoria
Carlos Newton Júnior

Abertura
05 de outubro às 16h

Galeria Capibaribe
Centro de Artes e Comunicação - CAC
UFPE

A Pedra do Reino, 1ª edição

Capa - Edição alemã, volume 1

UFPE Universidade Federal de Pernambuco

PROEXT

CAC Centro de Artes e Comunicação

Ariano Suassuna

Associação dos Amigos da Pedra do Reino

Design: Dantas Suassuna | Dantas Suassuna

ANEXO N – Cartaz de divulgação da XX Cavalgada à Pedra do Reino, em São José do Belmonte, sertão de Pernambuco, maio de 2012.

Programação Oficial

XX CAVALGADA À PEDRA DO REINO
21 A 27 DE MAIO / SÃO JOSÉ DO BELMONTE-PE

Palco Belo Monte Cultural (Cesta de Cantoria)
-Quinta-Feira(24/05), às 21h
Mazurca de Mãe Coca
Maviel Melo

Assisã

Sanfanna
Pedro Carvalho

Palco Nação Cultural (Carvalhão)
-Sexta-Feira(25/05), às 21h
Samba de Coco Raizés de Arcorverde
Anchieta dalli

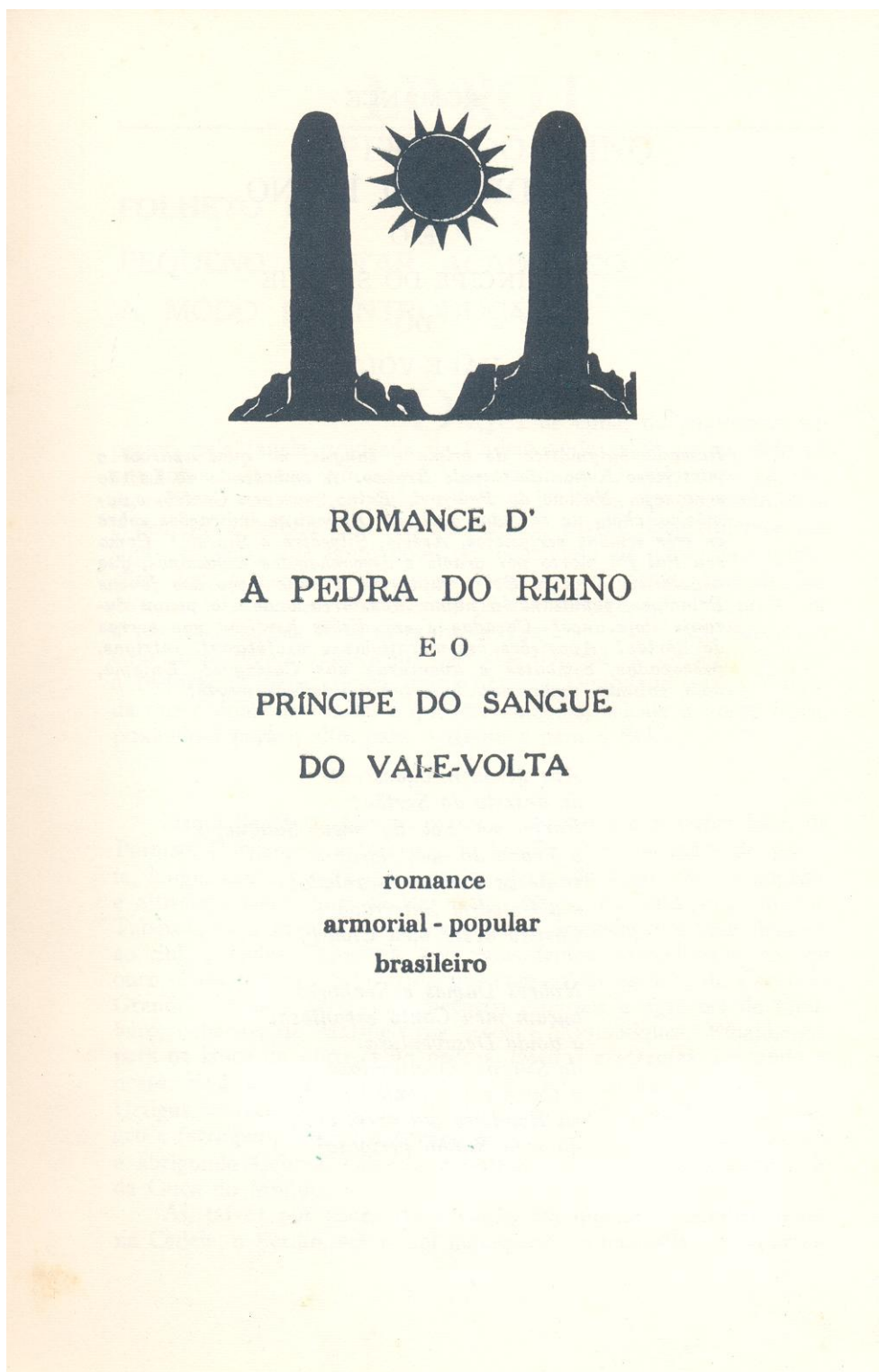
Quinteto Violado
Gerlane Lops

Palco Nação Cultural (Carvalhão)
-Sábado (26/05), às 21h - Homenagem a Luiz Gonzaga
Coco de Umbigada
Quarteto Olinda

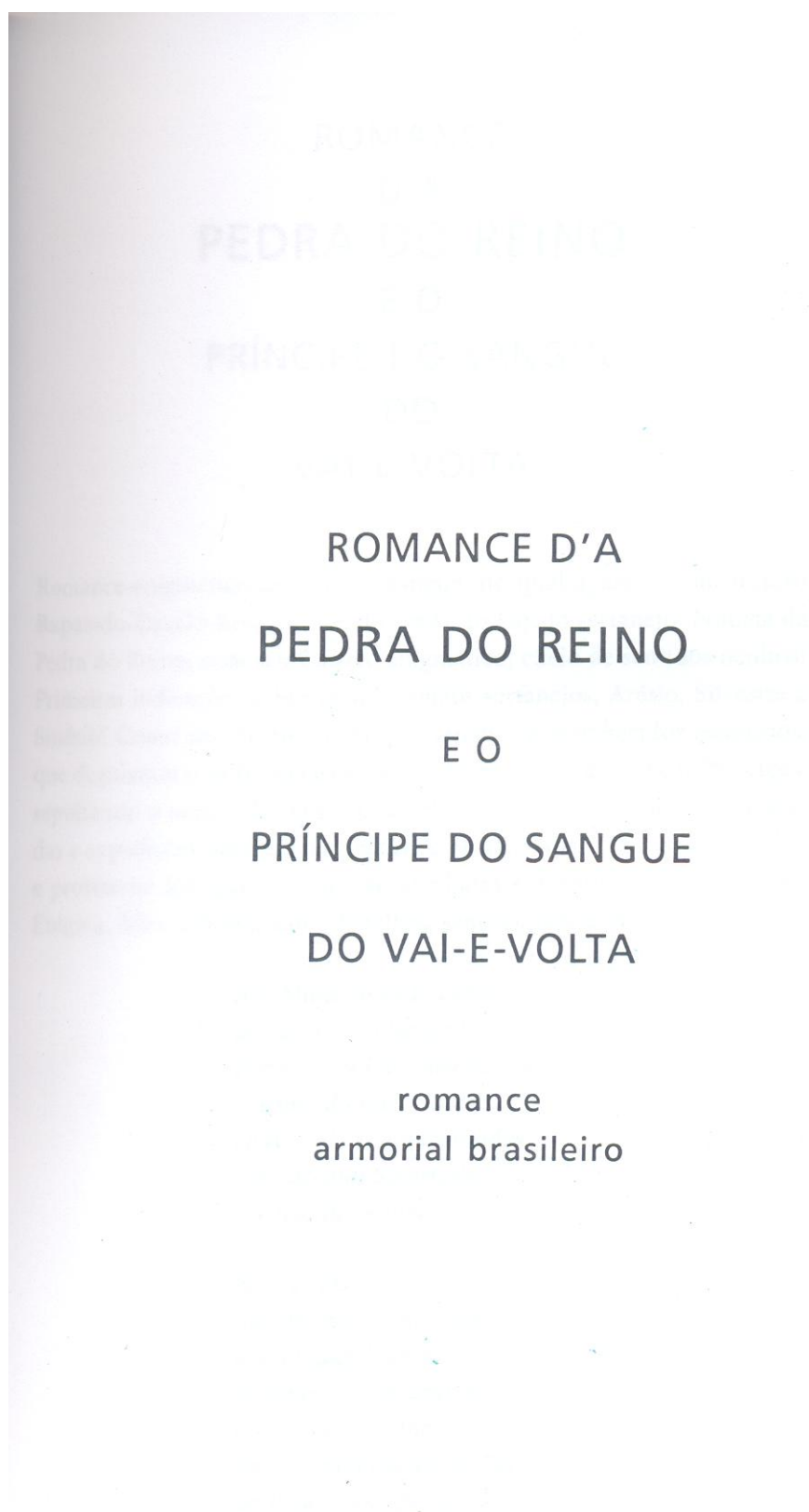
Alcymar Monteiro

Waldonys
Palco Sítio Histórico
-Domingo (27/05), às 11h
Jackson da Sanfona
Danilo Pernambucano

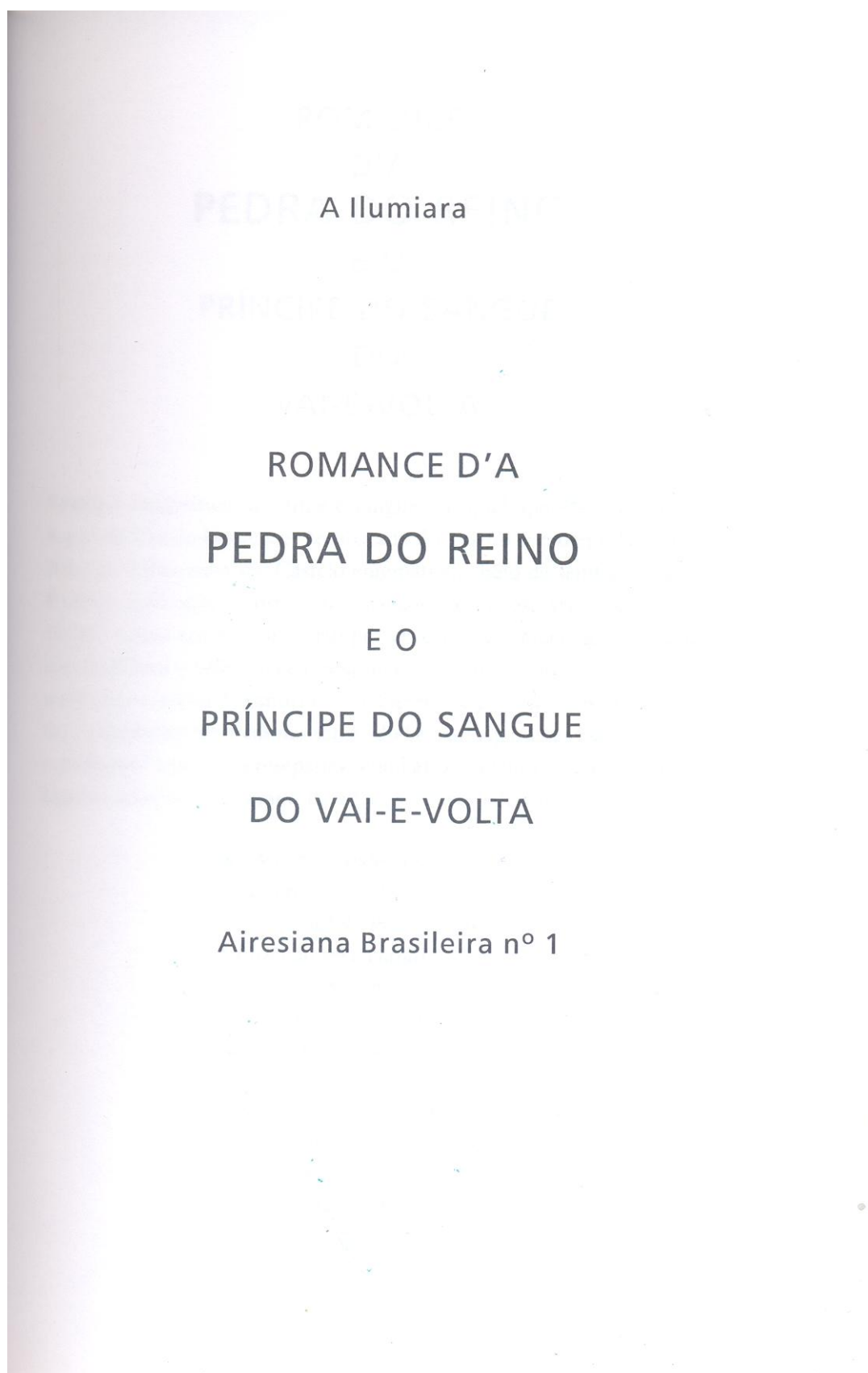
ANEXO O – Folha de rosto da 4ª edição do *Romance d'A Pedra do Reino*. Editora José Olympio, 1976.



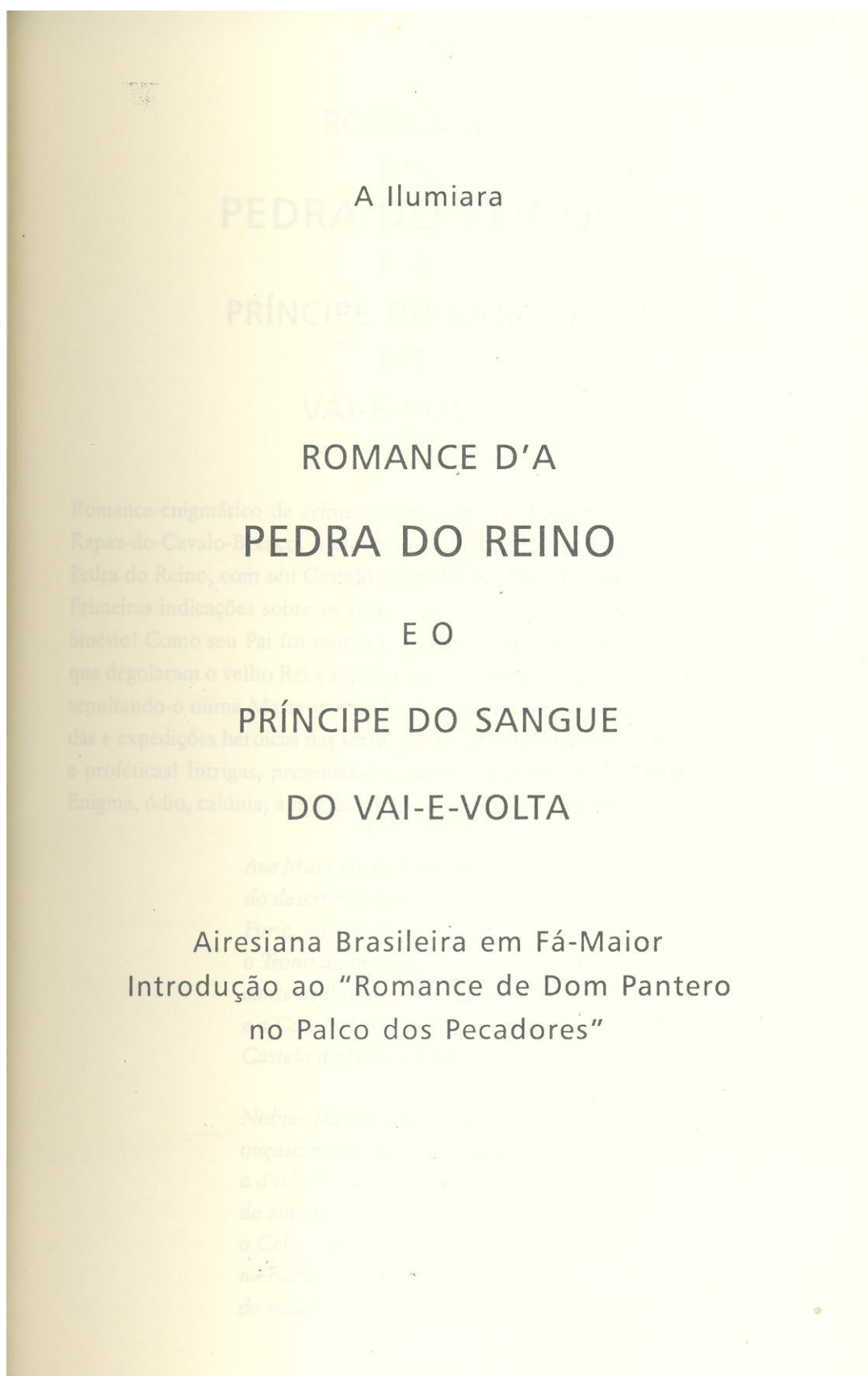
ANEXO P – Folha de rosto da 6ª edição do *Romance d'A Pedra do Reino*. Editora José Olympio, 2005.



ANEXO Q – Folha de rosto da 9ª edição do *Romance d'A Pedra do Reino*. Editora José Olympio, 2007.



ANEXO R – Folha de rosto da 11ª edição do *Romance d'A Pedra do Reino*. Editora José Olympio, 2010.



ANEXO S – Fotos da Cavalgada à Pedra do Reino, em São José do Belmonte, 2012. Imagens disponíveis no Blog da Associação Cultural Pedra do Reino.



Cavaleiros azuis representando o Cordão azul, dos Cristãos; Cavaleiros vermelhos representando os mouros e no meio Rei e Rainha da Cavalgada.



Encenação da imagem do Palhaço Quaderna conduzindo a Cavalgada na chegada ao monumento Ilumiara Pedra do Reino.

ANEXO T – Imagens da fachada do Castelo Armorial em São José do Belmonte.
Disponível no blog:



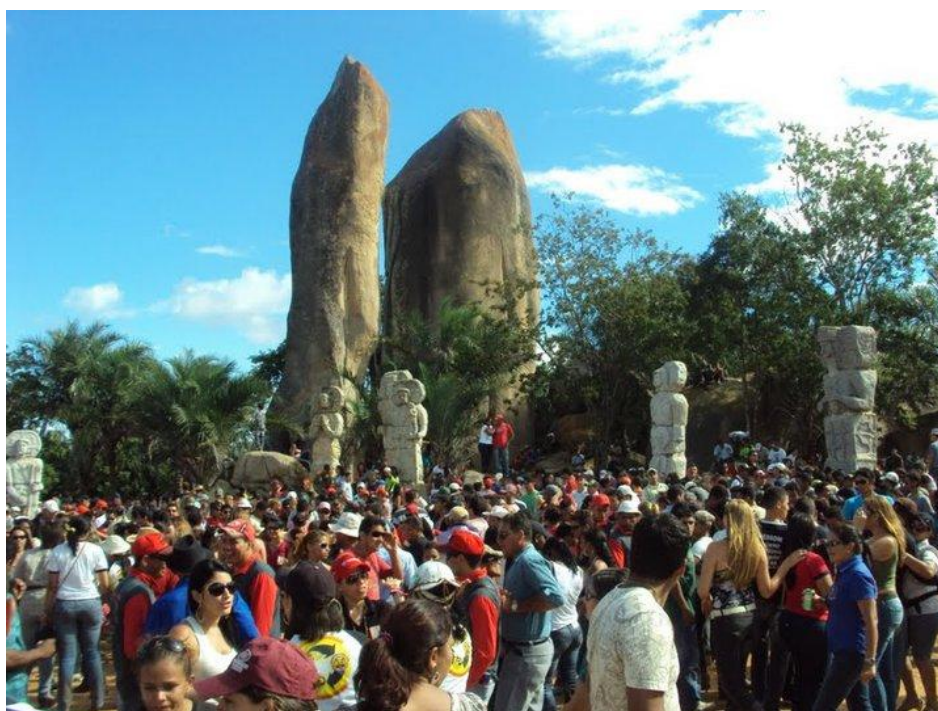
ANEXO U – Fotos do monumento Ilumiara Pedra do Reino em São José do Belmonte. Disponível em: <www.estuario.com.br>.



Imagem aérea do monumento Ilumiara Pedra do Reino em São José do Belmonte. Foto Samarone Lima.



ANEXO V – Brasão da Associação Cultural Pedra do Reino, de São José do Belmonte. Instituição que organiza a Cavalgada à Pedra do Reino, hoje contando com o apoio de programas culturais do governo do Estado de Pernambuco.



Visitantes da XXI Cavalgada à Pedra do Reino, em São José do Belmonte, PE.

REFERÊNCIAS

Obras de Ariano Suassuna

SUASSUNA, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 1.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

SUASSUNA, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SUASSUNA, Ariano. *Os homens de barro*. Ilustrações Zélia Suassuna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SUASSUNA, Ariano. *Almanaque Armorial*. Seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SUASSUNA, Ariano. Discurso de posse na Academia Paraibana de Letras. In: _____. *Almanaque Armorial*. Seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SUASSUNA, Ariano. Encantações de Guimarães Rosa. In: _____. *Almanaque Armorial*. Seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Sobre Ariano Suassuna

BORBA FILHO, Hermilo. *A Pedra do Reino de Suassuna*. Jornal do Comércio, 28 de novembro de 1871.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Ariano Suassuna*. Instituto Moreira Sales, número 10, novembro de 2010.

CARRERO, Raimundo. *Ariano Suassuna e o quinto império*. [Ensaio publicado em cinco partes]. Diário de Pernambuco, Recife, 11 de nov., 2 e 23 de dez. de 1971; 13 e 27 de jan. de 1972.

ENTREVISTA COM ARIANO SUASSUNA. Questões enviadas por Gildeone dos Santos Oliveira. Entrevista gravada e transcrita em 11 de março de 2011, para publicação na revista "Quaderna", por Samarone Lima. Revisado em 17 de março de 2011 por Ariano Suassuna.

LACERDA, Carlos. *Suassuna ou a desforra da fantasia*. Rio, 5 de outubro de 1971. Transcrito do Diário de Pernambuco, Recife, 18 de novembro de 1971.

HOLANDA, Lourival. Ariano Suassuna, cavaleiro andante da cultura brasileira. In: NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org.). *Ode a Ariano Suassuna: celebração dos 80 anos do autor na Universidade Federal de Pernambuco*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

LEITÃO, Cláudia Souza. *Por uma ética da estética: uma reflexão acerca da “ética armorial” nordestina*. Fortaleza: UECE, 1997.

LIND, Georg Rudolf. Ariano Suassuna – romancista. In: *Colóquio/Letras*. Lisboa, nº 17, janeiro de 1974, pp. 29-44.

MICHELETE, Guaraciaba. *Na confluência das formas: o discurso polifônico de Quaderna/Suassuna*. São Paulo: Clíper Editora, 1997.

MICHELETE, Guaraciaba. *Memória e discurso no romance – traços discursivo-estilísticos d’A Pedra do Reino, de A. Suassuna*. Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra 16, 17 e 18 de setembro de 2004.

MONTEIRO, Ângelo. *Roteiro e chaves d’A Pedra do Reino*. Estudos Universitários, Recife. vol. 14, n. 1, p. 21-39, jan./mar. 1974.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. *Vida de Quaderna e Simão*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE; Ed. Artelivro, 2003.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. *O pai, o exílio e o reino: a poesia armorial de Ariano Suassuna*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. *Movimento Armorial, direita e esquerda*. Novo Almanaque Armorial. Correio das Artes, João Pessoa, novembro/2011, ano LXII, nº9, p. 40-41.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. *Movimento Armorial, tradição e vanguarda*. Novo Almanaque Armorial. Correio das Artes, João Pessoa, abril/2011, ano LXII, nº2, p. 28-29.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org.). *Ode a Ariano Suassuna: celebração dos 80 anos do autor na Universidade Federal de Pernambuco*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *O cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

OLIVEIRA, Sebastião de. *Entre mito e alegoria: a construção simbólica dos sertões na ficção de Ariano Suassuna*. Feira de Santana, 2010. [Dissertação de Mestrado – Programa de pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural – UEFS.]

QUEIROZ, Rachel de. Um Romance Picaresco. In: SUASSUNA, Ariano. *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. Uma epopéia do sertão. In: SUASSUNA, Ariano. *História d’O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: romance armorial e novela romanesca brasileira – Ao sol da Onça Caetana*. Prefácio de Idelette Muzart Fonseca dos Santos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

TAVARES, Braulio. *ABC de Ariano Suassuna*. Ilustrações Zélia Suassuna e Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

TAVARES, Braulio. A Onça do Mundo. In: NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes (Org.). *Ode a Ariano Suassuna: celebração dos 80 anos do autor na Universidade Federal de Pernambuco*. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

Referência geral

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA. Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Texto Disponível em: <www.bn.com.br> Acessado em 06 de abril de 2011 às 14hs41min.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ASSIS, Machado de. 29 DE DEZEMBRO DE 1861. Créditos extraordinários – Scoevola – O Sr. Penna em missão – Cinna – O ano novo. In: ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938, pp. 24-28. Publicado originalmente o Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, de 01/11/1861 a 05/05/1862.

ASSIS, Machado de. A estátua de José de Alencar. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.II, 1994. Publicado originalmente em Páginas Recolhidas, Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1906.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa/Recife: UFPB/Editora Universitária; UFPE/Editora Universitária, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BORBA FILHO, Hermilo. *O cavalo da noite*. São Paulo: Círculo do Livro, [s. d].

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & Cia, 1925. [Documento Digitalizado: Disponível em: <www.brasilianusp.org.br> Acessado em 06 de abril de 2001, às 14hs25min.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Visconde de Castilho e Azevedo. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006. (LIVRO PRIMEIRO)

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Visconde de Castilho e Azevedo. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009. (LIVRO SEGUNDO)

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

DANTAS, Francisco J. C. *Regionalismo literário?* Jornal O Galo. Natal, RN: Fundação José Augusto, Vol 05, 2000.

DIMAS, Antonio. Um manifesto guloso. *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 7-24.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FOUCAULT, Michel. A Prosa do Mundo. In. FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 4. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1967.

JUNQUEIRA, Ivan. *Cervantes e a literatura brasileira*. Conferência pronunciada na Sala Valle-Inclán, Círculo de Belas Artes, em Madri, em 19.6.2005.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et. all] 5.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 6. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira – I*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Nascimento da Tragédia ou Grécia e Pessimismo*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2007. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 73.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. Tradução Gilberto de Mello Kujawski. Comentário Julián Marías. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.

PAZ, Octavio. Poesia e poema. In: PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. *Piguara: Alencar e a invenção do Brasil*. Feira de Santana, BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

PEREIRA, Rubens Alves. *É de sonho e de pó, Brasil, Nordeste – travessias*. Feira de Santana, BA: Revista Sitientibus, n. 17, p 27-56, jul./dez. 1997.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~magno/mensagem.htm>> Acessado em 28 de dezembro de 2010, às 15horas e 04minutos.

PRADA, Antonio José Uribe. *El quijotismo de Sancho Panza*. Revista Santander, nº. 9, Bucaramanga, abril, 1949, 49-66. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/literatura/quijote_america/colombia/uribe.htm> Acessado em 06 de abril de 2011 às 11horas e 55minutos.

QUEIROZ, Raquel de. *O quinze*. 77.ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. [s.l]. [s. d]. [Documento Digitalizado. Disponível em: <www.brasilianusp.org.br> Acessado em 25 de junho de 2001, às 21hs50min.

TRATADO DE TERRA DO BRASIL. Pero de Magalhães Gândavo. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <www.bn.com.br> Acessado em 06 de abril de 2011 às 15hs10min.

VIEIRA, Pe. Antonio. *História do futuro*, vol I. Disponível em: <www.nead.unama.br> Acessado em: 10 de outubro de 2011, às 22horas e 38minutos.